Desigualdade e Favelas Cariocas: a Cidade Partida está se Integrando?

RIO PREFEITURA
INSTITUTO PEREIRA PASSOS

FGV cps
Centro de Políticas Sociais

Texto Principal

Desigualdades e Favelas Cariocas: A Cidade Partida está se Integrando?[1]

Centro de Políticas Sociais
Fundação Getulio Vargas

Coordenação:

Marcelo Cortes Neri

marcelo.neri@fgv.br

Esta versão: 31 de Agosto de 2010

Equipe do CPS:

Luisa Carvalhaes Coutinho de Melo

Samanta dos Reis Sacramento Monte

André Luiz Neri

Lucas Moreira

Ana Lucia Salomão Calçada

Celine Blotta

[1] Este trabalho foi realizado a pedido da FGV Projetos para a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro através do Instituto Pereira Passos.

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Fundação Getulio Vargas.

Desigualdades e Favelas Cariocas: a Cidade Partida está se Integrando? / Marcelo Côrtes Neri (Coord.). - Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2010.

[146] p.

1. . Favelas 2. Cidades 3. Rio de Janeiro 4. Condições de Vida
5. Desigualdade 6. Renda I. Neri, M.C

Índice

Sumário Executivo

Slides Principais

Prefácio

Texto Principal

1. **Introdução**
2. **Grandes Favelas (RAs) e Aglomerados Subnormais**
3. **Renda na Cidade Partida**
    a. **Equação de Renda: Há um viés contra o favelado?**
    b. **Renda Domiciliar per Capita: Evolução Recente.**
    c. **Decomposição em Diferentes Fontes**
    d. **Equações de Renda: Como anda o viés contra o favelado?**
4. **Pobreza e Desigualdade na Cidade Partida**
5. **Educação na Cidade Partida**
    a. **Escolaridade**
    b. **Tempo na Escola**
    c. **Motivos da Evasão Escolar**
    d. **Educação na Primeira Infância**
    e. **Educação e Saúde Interagindo nas favelas**
6. **Saúde na Cidade Partida**
    a. **Percepções de Saúde:**
    b. **Pessoas com Deficiência**
    c. **Saúde Reprodutiva**
7. **Trabalho na Cidade Partida**
    a. **Trabalho nos Morros Cariocas**
    b. **Decomposição Trabalhista**
    c. **Análise Ocupacional Recente**
8. **Condições de Moradia e Vida na Cidade Partida**
    a. **Cidade de Deus: O Reassentamento**
    b. **Serviços Públicos e Ativos Privados: Déficits e Evolução Recente**
        Serviços Públicos
        Posse de ativos privados
        Serviços Financeiros
        Acesso Controlado
9. **Diferença na Desigualdade: Diferenciais de Renda na Cidade Partida**
10. **Sistema de Monitoramento das Condições de Vida nas Favelas**
11. **Conclusão**

Anexos

Slides Completos

Bibliografia

Texto Principal

1. Introdução

O Censo 2000 aplicado ao Rio, pela sua data e abertura geográfica dos dados, permite um dos melhores ângulos para traçar uma fotografia estatística das favelas cariocas, mas que a esta altura já são águas passadas. O desafio colocado pela presente pesquisa é atualizá-lo. O estudo descreve o nível e a evolução das condições de trabalho e de vida no Rio de Janeiro dando destaque inicial à análise das grandes favelas cariocas, tais como: Complexo do Alemão, Jacarezinho e Rocinha bem como dos reassentamentos urbanos da Cidade de Deus e Maré. O foco nessas comunidades ilustra talvez o lado mais difícil da crise metropolitana brasileira: o surgimento e o crescimento de uma nova pobreza muito próxima de áreas de alta riqueza e desassistida pelo Estado. Posteriormente, checamos ainda com base no Censo 2000 a aderência do outro critério de classificação de favelas que são aglomerados subnormais, aplicando este corte geográfico ao Rio de Janeiro e aos municípios das seis maiores regiões metropolitanas brasileiras. Esta análise fornece um elo de ligação entre a classificação de favelas pelas maiores comunidades de baixa renda e o objeto de outras pesquisas domiciliares. Nesse sentido, inovamos ao trabalhar com microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) abertos para aglomerados subnormais como aproximação das comunidades de baixa renda e as demais comunidades do município do Rio de Janeiro. Estes oferecerem uma visão mais recente acerca da saída desta situação de decadência das grandes cidades brasileiras até 2008. Estes dados permitem situar a composição de renda do município do Rio em face às demais capitais e periferias das grandes metrópoles brasileiras.

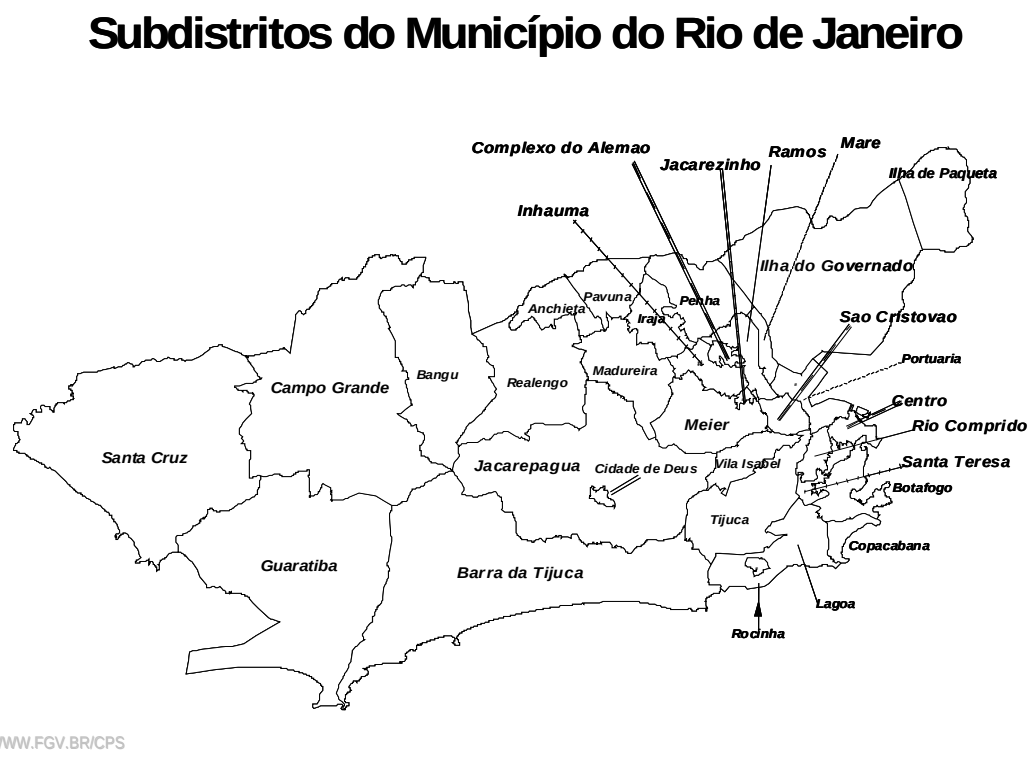
O plano do trabalho é o seguinte: Além desta introdução, disponibilizamos mais algumas seções que analisam a partir da PNAD e do Censo Demográfico a situação de renda, trabalho e outras condições gerais de vida nas favelas e reassentamentos cariocas. A seção 2 compara indicadores das Regiões Administrativas do Censo Demográfico com aqueles apresentados pelos aglomerados subnormais a fim de testar a similaridade destes resultados. A seção 3 analisa a evolução da renda nos dois lados da cidade. Estas informações são complementadas com uma análise detalhada dos movimentos da pobreza e da desigualdade de renda na seção 4. As seções 5 e 6 detalham as condições de educação e saúde, respectivamente, nos dois universos de interesse através das pesquisas domiciliares, incluindo elementos objetivos e percepções. A seção 7 estuda as condições de trabalho e o diferencial de salários entre os ocupados dos dois tipos de áreas. Em seguida, a seção 8 detalha um espectro amplo de outras variáveis relacionadas ao acesso a serviços públicos, moradia e ativos privados das condições de vida nas grandes favelas cariocas. A seção 9 faz a comparação dos diferenciais de renda internos abertos por atributos como gênero, idade, imigração e educação nas favelas cariocas e nas demais áreas

da cidade. E por fim, a seção 10 delineia um sistema de monitoramento das condições de vida nas favelas vis a vis as demais áreas da Cidade do Rio de Janeiro. As principais conclusões são apresentadas na última seção.

2. Grandes Favelas (RAs) e Aglomerados Subnormais

a. Mapas

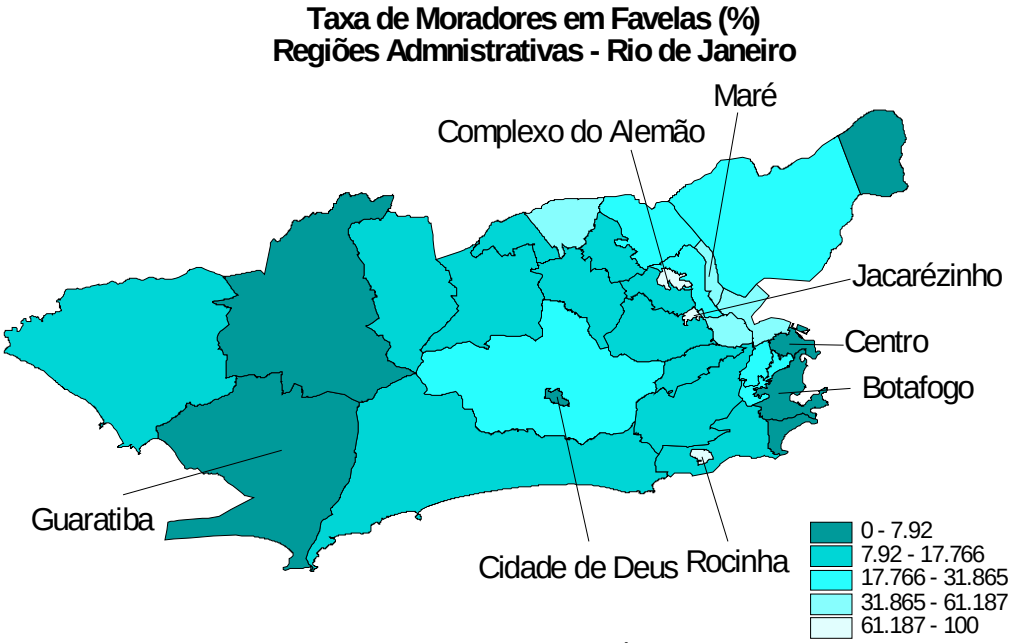
O mapa abaixo apresenta a sub-divisão da cidade do Rio em 32 Regiões Administrativas (RAs) também chamadas de subdistritos, cinco destas RAs que são favelas, áreas de remoção ou de urbanização de antigas favelas são de especial interesse neste estudo, a saber: Complexo do Alemão, Jacarezinho e Rocinha (3 Favelas), Maré (antigas Favela) e Cidade de Deus (área de remoção).



Inicialmente, usamos o Censo Demográfico que é a base quantitativa mais usual para a análise social das favelas na tentativa de comparar estas cinco grandes comunidades de baixa renda aos aglomerados subnormais do IBGE que constitui uma aproximação alternativa ao problema. Estudos do Instituto Pereira Passos da Prefeitura do Rio de Janeiro avaliaram que em 2000, havia uma coincidência entre os aglomerados subnormais do IBGE e nas favelas cadastradas na prefeitura na ordem de 92% da sua população. Aglomerado subnormal é característica atribuída pelo próprio IBGE aos setores censitários fixados com institutos de estatística municipais antes de o Censo ir para o campo. O objetivo deste exercício aqui é aferir a validade dos resultados, que consiste na nossa principal contribuição: avaliar a evolução recente destas localidades através de dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar até 2008

utilizando os setores censitários formados de aglomerados subnormais como uma aproximação para as favelas. Senão vejamos:

Numa primeira análise, observamos no mapa das regiões administrativas da cidade, construído a partir dos microdados do Censo Demográfico, que as RAs Cidade de Deus e Maré possuem proporções de moradores habitando em aglomerados subnormais inferiores as três demais RAs consideradas. A Cidade de Deus, embora tecnicamente um conjunto habitacional de baixa renda, foi ocupado por população removida de favelas (ver item 5.1 deste relatório). A RA da Maré, por sua vez, teve uma parte de sua população moradora em favelas reassentada em conjuntos habitacionais na própria área.



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo demográfico de 2000/IBGE

b. Perfis

Apresentamos a seguir uma série de indicadores de escolaridade, trabalho e renda utilizando dois tipos de contrastes: i) a comparação das cinco maiores comunidades de baixa renda identificadas como Regiões Administrativas da Cidade vis a vis as demais Regiões Administrativas. 2) comparamos os aglomerados subnormais com o resto da cidade no município do Rio de Janeiro, para depois aplicar o mesmo tipo de comparação nos municípios das capitais das cinco maiores metrópoles brasileiras.

Categoria	Rio - 5 RAs Favelas *	Rio - 27 outras RAs	Rio - Aglom. Subnormal	Rio - Não subnormal	6 Metrópoles - Subnormal **	6 Metrópoles - Não subnormal **
Educação Média	5,52	8,45	5,52	8,93	5,13	7,52
Ocupação %	38,7	40,16	37,37	40,71	34,6	39,81
Formalidade Trabalhista %	26,25	27,9	23,54	28,8	20,64	26.46
Miséria (Linha CPS) - (%)	25,84	14,11	29,07	11,43	35,35	18,51
Renda Total	192,09	615,01	177,74	688,15	153,48	469,96

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo/IBGE

***** Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Jacarezinho, Maré e Rocinha

****** Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo

De maneira geral, a escolaridade média da população é consistente nos dois cortes de análise, convergindo em exatamente 5,52 anos completos de estudo nos aglomerados subnormais e nas cinco RAs selecionadas. Nas demais áreas cariocas há alguma discrepância: 8,45 anos para as demais RAs e 8,93 anos para os setores censitários não especiais. Ambas as áreas apresentam escolaridade superior às cinco outras principais capitais tomadas conjuntamente 5,13 anos nos aglomerados subnormais e 7,52 nos demais setores censitários. Note que o diferencial de escolaridade asfalto/favela era maior na cidade do Rio.

Na renda per capita de todas as fontes auferida por mês há também alguma convergência de valores médios: R$ 192,09 das cinco RAs de baixa renda e R$ 177,74 dos setores censitários subnormais. As demais RAs e os setores censitários não especiais cariocas também se aproximam R$ 615,01 e R$ 688,15, respectivamente. Mais uma vez, os respectivos valores cariocas e os diferenciais favela/asfalto são superiores aos da média das cinco demais cidades: R$ 155,48 dos setores censitários subnormais e R$ 469,96 dos setores censitários não especiais.

Finalmente, de maneira mais sucinta as taxas de pobreza e os níveis gerais de ocupação e formalidade trabalhista são mais descolados entre as abordagens por RAs e por tipo de setor censitário. Na comparação do Rio com as demais capitais mantém-se tanto maiores níveis absolutos como também os maiores diferenciais para o binômio favelas/asfalto.

Em suma, há similaridade de valores das chamadas favelas identificadas como RAs isoladas e os aglomerados subnormais cariocas, o que sugere a validade de uso do último conceito na PNAD a fim de estender o monitoramento para o período pós Censo.

Panorama de Evolução: Condições de Vida da População Carioca

Devido à sua natureza geográfica, o Censo Demográfico no permite captar informações em nível local (abertura municipal e inframunicipal de informações incluindo as grandes Regiões Administrativas ou áreas de Planejamento (APs)). Selecionamos as principais comunidades de baixa-renda cariocas e construímos um panorama sobre a renda, educação e outras variáveis que representam as condições gerais de vida dessas localidades. Essas variáveis podem ser cruzadas com série de características populacionais que estão divididas em três grupos (demográficas, socioeconômicas e espaciais). Para saber mais sobre a característica analisada, basta clicar com o mouse em cima do item a ser analisado que aparecerá a pergunta que deu origem a variável, exatamente da forma como foi pesquisada. Os indicadores estão desagregados espacialmente sob duas formas, que podem ser analisadas de acordo com interesses específicos:

i. cada comunidade de baixa renda

Categoria	Todos	Rocinha	Jacarezinho	Complexo do Alemão	Maré	Cidade de Deus	Outras

ii. conjunto de regiões especificas.

Categoria	Todos	Rio - 5 RAs / Favelas *	Rio – Outras 27 RAs	Cariocas – Subnormal	Cariocas - Não Subnormal	6 Maiores Metrópoles / Subnormal **	6 Maiores Metrópoles / Não Subnormal

http://www.fgv.br/ibrecps/Rio/rio_favelas/panorama/index.htm

3. Renda na Cidade Partida

Pero (2008) e Neri (2004)[4] mostram a existência de diferenciais das condições de trabalho e renda entre favelas e o restante da cidade baseadas em informações censitárias. Agora como tem evoluído este diferencial ao longo da última década? A cidade partida está se integrando, ou se apartando mais?

a. Equação de Renda: Há um viés contra o favelado?

Antes de captar a evolução recente do diferencial de renda favela/asfalto, convém analisar a fotografia inicial dada pelo Censo Demográfico. Como vimos a renda per capita de todas as fontes auferida por mês das cinco RAs de baixa renda era R$ 192,09 das contra R$ 615,01 dos setores censitários não especiais cariocas. Mas em que medida apenas atributos pessoais como gênero, raça, idade, escolaridade etc. explicam a totalidade dos diferenciais de renda ou se existe viés contra o favelado, no sentido de que pessoas com atributos observáveis similares obtêm acesso a oportunidades de trabalho e de renda diferentes. Uma forma de fazer isso é comparar a renda familiar *per capita* de todas as fontes de moradores das favelas com os moradores de outras regiões com os mesmos atributos observáveis (sexo, raça e polinômios de idade e escolaridade) através de uma equação minceriana de renda domiciliar per capita.

Equação Minceriana

A equação minceriana de salários serve de base a uma vasta literatura empírica de economia do trabalho. O modelo salarial de Jacob Mincer (1974) é o arcabouço utilizado para estimar retornos da educação, entre outras variáveis determinantes da renda do trabalho. Mincer concebeu uma equação para rendimentos que seria dependente de fatores explicativos associados à escolaridade e à experiência, além de possivelmente outros atributos, como sexo, por exemplo.

Essa equação é a base da economia do trabalho em particular no que tange aos efeitos da educação. Sua estimação já motivou centenas de estudos, que tentam incorporar diferentes custos educacionais, como impostos, mensalidades, custos de oportunidades, material didático, assim como a incerteza e a expectativa dos agentes presentes nas decisões, o progresso tecnológico, não linearidades na escolaridade etc. Identificando os custos da educação e os rendimentos do trabalho, viabilizou o cálculo da taxa interna de retorno da educação, que é a taxa de desconto que equaliza o custo e o ganho esperado de se investir em educação –- a taxa de retorno da educação, que deve ser comparada com a taxa de juros de mercado para determinar a quantidade ótima de investimento em capital humano. A equação de Mincer também é usada para analisar a relação entre crescimento e nível de escolaridade de uma sociedade, além dos determinantes da desigualdade.

O modelo econométrico de regressão típico decorrente da equação minceriana é:

$$\ln w = \beta_0 + \beta_1 \, educ + \beta_2 \, exp + \beta_3 \, exp^2 + \gamma' x + \epsilon$$

onde

w é o rendimento do trabalho recebido pelo indivíduo;

[4] PERO, V. ; Cardoso, A. ; Elias, P. . Segregação Espacial e Discriminação no Mercado de Trabalho: O caso das favelas do Rio de Janeiro. In: Nadya Araújo Guimarães, Adalberto Cardoso, Peter Elias e Kate Purcel. (Org.). Mercado de Trabalho e Oportunidades. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2008, v. 1

educ é a sua escolaridade, geralmente medida por anos de estudo;
exp é sua experiência, geralmente aproximada pelo idade do indivíduo;
x é um vetor de características observáveis do indivíduo, como raça, gênero, região; e
ε é um erro estocástico.

Este é um modelo de regressão no formato log-nível, isto é, a variável dependente – o salário – está em formato logaritmo e a variável independente mais relevante - a escolaridade – está em nível. Portanto, o coeficiente β_1 mede quanto um ano a mais de escolaridade causa de variação proporcional no salário do indivíduo. Por exemplo, se β_1 é estimado em 0,18, isso quer dizer que cada ano a mais de estudo está relacionado, em média, com um aumento de rendimento de 18%.

Matematicamente, tem-se que:

Derivando, encontramos que $(\partial \ln w / \partial \text{educ}) = \beta_1$

Por outro lado, pela regra da cadeia, tem-se que:

$$(\partial \ln w / \partial \text{educ}) = (\partial w / \partial \text{educ})\,(1 / w) = (\partial w / \partial \text{educ}) / w$$

Logo, $\beta_1 = (\partial w / \partial \text{educ}) / w$, correspondendo, portanto, à variação percentual do salário decorrente de cada acréscimo unitário de ano de estudo.

Os resultados confirmam que os diferenciais controlados de renda *per capita* de pessoas nas 5 comunidades de baixa renda analisadas são até 115,8% menores do que na região administrativa da Lagoa, aquela que apresenta a maior renda. Ou seja, existe um viés de renda contra o favelado.

Diferenciais de Renda Familiar *Per Capita* (base Jacarezinho)				
População entre 15 e 65 anos de idade				
	Estimativas		***Estimativas***	
	Não Controladas		*Controladas***	
Complexo do Alemão	**-1.74%**		**3.39%**	
Jacarezinho	**0%**	***B***	**0%**	***B***
Maré	**7.88%**	*****	**12.98%**	*****
Santa Cruz	9.69%	*	1.72%	
Guaratiba	10.44%	*	5.96%	*
Cidade de Deus	**14.52%**	*****	**9.69%**	*****
Rocinha	**18.31%**	*****	**25.11%**	*****
Pavuna	26.00%	*	11.73%	*
Bangu	34.76%	*	18.14%	*
Portuária	36.34%	*	27.67%	*
Campo Grande	38.41%	*	18.78%	*
Anchieta	45.15%	*	22.63%	*
Realengo	49.80%	*	25.31%	*
Penha	51.47%	*	25.65%	*
São Cristóvão	57.02%	*	32.39%	*
Madureira	61.27%	*	28.96%	*
Inhaúma	64.08%	*	31.01%	*
Ramos	68.55%	*	35.64%	*
Rio Comprido	68.75%	*	35.89%	*
Irajá	76.40%	*	37.36%	*
Ilha de Paquetá	78.78%	*	51.89%	*
Jacarepaguá	82.65%	*	46.82%	*
Santa Teresa	85.54%	*	47.54%	*

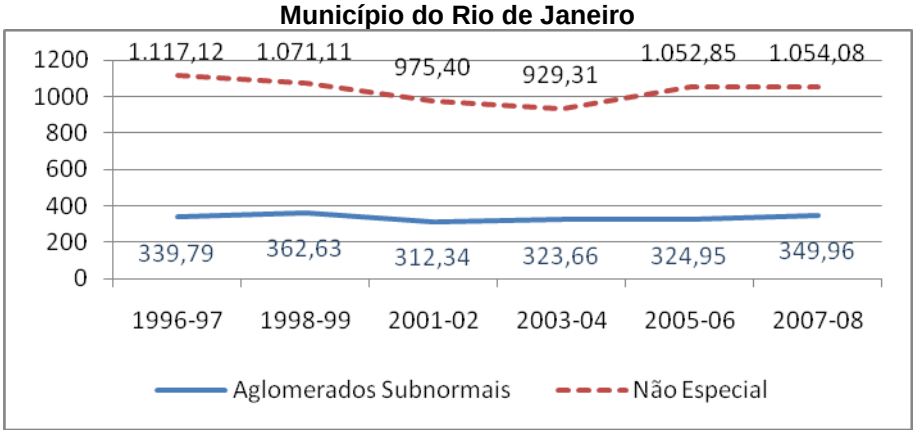
Ilha do Governador	96.06%	*	53.75%	*
Méier	101.43%	*	50.03%	*
Centro	113.17%	*	66.26%	*
Vila Isabel	147.78%	*	75.43%	*
Tijuca	155.25%	*	78.91%	*
Barra da Tijuca	172.05%	*	103.61%	*
Botafogo	182.60%	*	97.29%	*
Copacabana	183.49%	*	99.32%	*
Lagoa	205.29%	*	115.80%	*
Fonte: CPS/FGV segundo microdados do Censo Demográfico 2000.				
B: Todos os dados estão em comparação com o Jacarezinho (variável omitida na regressão).				
** Estatisticamente significante no nível de confiança de 95%.*				
*** Controlada pelas variáveis: sexo, cor ou raça, idade, educação, UF e tamanho de cidade.*				

De maneira geral, os vieses observados na renda, jornada e retorno do estudo das pessoas em favelas podem ser sintetizados por meio do diferencial de salário-hora por ano de estudo de 307% entre os dois grupos de localidades. Um fato que chama a atenção é que, apesar de todas as adversidades enfrentadas pelo trabalhador das comunidades de baixa renda, a renda do trabalho desempenha ali um papel mais fundamental: 81% de todas as fontes de renda nestas áreas advêm do trabalho contra 63% das áreas de renda mais alta. Quando estendemos a análise para a periferia do Grande Rio, notamos que áreas em que a renda total e a aquela proveniente de transferências do Estado se situam ambas nos níveis de 20% a 25% menores que as das grandes favelas cariocas. Ou seja, apesar das agruras da vida privada das favelas cariocas a maior carência no quesito renda parece estar associada a ausência de Estado.

b. Renda Domiciliar per Capita: Evolução Recente.

Abrimos o município do Rio de Janeiro pela PNAD, o que não é normalmente aberto nas divulgações do IBGE, e utilizamos a aproximação para as favelas, que são os setores censitários formados de aglomerados subnormais, para acompanhar a evolução recente dessas localidades frente aos setores censitários não especiais. Em termos de evolução da renda, diferente do restante da cidade os aglomerados subnormais apresentaram ligeiro aumento (de R$ 339,79 em 1996-97 para R$ 349,96 em 2007-08). Esse crescimento de 3% em termos reais (isto é já descontada a inflação e levando em conta o crescimento populacional) não altera o cenário desigual que é visto desde a década passada, já que a renda domiciliar per capita dos aglomerados subnormais continua sendo pelo menos 3 vezes maior que a encontrada no restante da cidade.

Renda Domiciliar Per Capita de Todas as Fontes
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE obs: a preços de 2008

c. Decomposição em Diferentes Fontes

A seguir apresentamos a decomposição da renda dos cariocas em diferentes fontes. Optamos por analisar aqui a renda domiciliar *per capita*, ou seja, a renda supostamente socializada no interior dos domicílios, uma vez que incluímos fontes diversas alternativas ao trabalho, tais como transferências públicas de programas sociais e aposentadorias. Os dados mostram que a renda do trabalho é relativamente mais importante nas favelas (79,17% contra 67,88% nas demais localidades). Em termos de transferências públicas, os programas sociais respondem por 0,78% da renda nas favelas cariocas (0,76% no resto do Rio), enquanto a previdência (18,94% contra 28,97%).

Decomposição de Renda Domiciliar Per Capita por Fontes de Renda (2007e2008)
Município do Rio de Janeiro

	Renda todas as fontes	Renda todos os trabalhos	Previdência	Programas Sociais - BF	Outras Rendas Privadas
Nível (R$)					
Aglomerado subnormal	349,71	276,86	66,23	2,74	3,90
Não especial	1046,02	710,03	303,07	7,97	24,88
Participação no Total					
Aglomerado subnormal	100,00%	79,17%	18,94%	0,78%	1,11%
Não especial	100,00%	67,88%	28,97%	0,76%	2,38%

Decomposição de Renda Domiciliar Per Capita por Fontes de Renda (1996e1997)
Município do Rio de Janeiro

	Renda todas as fontes	Renda todos os trabalhos	Previdência	Programas Sociais - BF	Outras Rendas Privadas
Nível (R$)					
Aglomerado subnormal	339,66	291,68	45,17	0,21	1,70
Não especial	1096,25	775,79	277,06	15,86	26,66
Participação					
Aglomerado subnormal	100,00%	85,87%	13,30%	0,06%	0,50%
Não especial	100,00%	70,77%	25,27%	1,45%	2,43%

Fonte: CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE. *obs: a preços de 2008*

d. Equações de Renda: Como anda o viés contra o favelado?

Os dados mais recentes nas duas últimas seções confirmam que apesar de toda precariedade trabalhista, precariedade ainda maior se refere à presença do setor público nos aglomerados subnormais. Mas será que esta diferença tem se mantido, aumentado ou diminuído no período recente? Aplicamos exercícios de diferença em diferença a uma equação minceriana de renda a fim de captar o desempenho relativo das favelas em face das demais localidades do município do Rio de Janeiro. Analisamos a renda domiciliar *per capita* carioca em diferentes pontos do tempo: 1996, 1999, 2001, 2005 e 2008.[5]

[5] Optamos por excluir da análise os anos 2004 e 2006 para fugirmos do que chamamos de "efeito suplemento". Melhor explicando, nesses dois anos a parte suplementar do questionário da PNAD se refere a perguntas detalhadas sobre as fontes renda. Acreditando que esta diferença pode influenciar nas respostas das pessoas, o que prejudicaria as comparações temporais, decidimos por não incluí-los na análise.

Estimador de diferença em diferença

Exemplo de metodologia aplicada a dois períodos distintos

Em economia, muitas pesquisas são feitas analisando os chamados experimentos. Para analisar um experimento natural sempre é preciso ter um grupo de controle, isto é, um grupo que não foi afetado pela mudança, e um grupo de tratamento, que foi afetado pelo evento, ambos com características semelhantes. Para estudar as diferenças entre os dois grupos são necessários dados de antes e de depois do evento para os dois grupos. Assim, a amostra está dividida em quatro grupos: o grupo de controle de antes da mudança, o grupo de controle de depois da mudança, o grupo de tratamento de antes da mudança e o grupo de tratamento de depois da mudança.

A diferença entre a diferença verificada entre os dois períodos, entre cada um dos grupos é a diferença em diferença, representada com a seguinte equação:

$$g_3 = (y_2,b - y_2,a) - (y_1,b - y_1,a)$$

Onde cada *Y* representa a média da variável estudada para cada ano e grupo, com o número subscrito representando o período da amostra (1 para antes da mudança e 2 para depois da mudança) e a letra representando o grupo ao qual o dado pertence (*A* para o grupo de controle e *B* para o grupo de tratamento). E g_3 é a estimativa a partir da diferença em diferença. Uma vez obtido o g_3, determina-se o impacto do experimento natural sobre a variável que se quer explicar.

Apresentamos a seguir os resultados estimados de acordo com uma equação do log da renda domiciliar *per capita* total e de todas as fontes aplicadas ao município do Rio de Janeiro. Além de vários controles sócio-demográficos, incluímos entre as variáveis de tratamento o fato de a pessoa estar ou não residindo em uma residência situada num aglomerado subnormal, como aproximação de favela. Outra variável de interesse é a variável *dummy* ano interagindo com a *dummy* de agregado subnormal. Corroborando o que vimos nas seções acima, a renda controlada dos aglomerados subnormais é menor (-0,49), porém ela está menos distante da renda das outras localidades quando observamos a renda proveniente do trabalho (-0,40). Este resultado é robusto quando analisamos a renda individual para as pessoas ocupadas em idade ativa, ou seja, sem a hipótese de socialização intra-domiciliar. A análise de diferença em diferença indica que há um crescimento relativo da renda do trabalho nos aglomerados subnormais em relação aos demais, em particular a partir de 2005, chegando a 0,14 em 2008 (era 0,06 em 2005). A renda de todas as fontes tem desempenho qualitativamente similar, porém com menor crescimento relativo nos últimos anos com os novos programas assistenciais como o Bolsa-Família às comunidades de baixa renda da Cidade do Rio de Janeiro, mas que grande parte da melhora e do crescimento relativo das favelas vem da renda do trabalho. A regressão completa pode ser encontrada no Anexo.

Os resultados mostram acúmulo relativo favorável às favelas ao longo dos anos. Analisando por partes os resultados da regressão, percebemos: i) Renda da favela inferior às demais localidades (-0,49). ii) Maiores níveis de renda em 1996. Apesar da queda, essa distância foi diminuindo ao longo do tempo a partir de 2005, quando era 0,14 menor que a de 1996. Atinge em 2008, a renda inferior em 0,06 quando comparado a 1996. iii) Há crescimento relativo das favelas ao longo dos anos, captado pelos sinais positivos das *dummies* interativas. Estamos em

2008 na melhor situação relativa (menor distância entre favelas e o restante), em particular a partir de 2005, alcançando a 0,93 em 2008 (era 0,039 em 2005). Esses efeitos são parecidos quando analisamos a renda do trabalho.

Equação renda domiciliar *per capita*
Município do Rio de Janeiro

Parâmetro			Estimativa	Erro Padrão	Wald 95% Limites de Confiança		Qui-Quadrado	Pr > Qui-Quadrado
asubnormal	Sim		-0.4910	0.0228	-0.5358	-0.4463	462.50	<.0001
asubnormal	ZZNão		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
anoo	1999		-0.1036	0.0128	-0.1287	-0.0785	65.21	<.0001
anoo	2001		-0.1394	0.0129	-0.1647	-0.1141	116.63	<.0001
anoo	2005		-0.1402	0.0130	-0.1657	-0.1147	116.15	<.0001
anoo	2008		-0.0619	0.0132	-0.0877	-0.0361	22.11	<.0001
anoo	91996		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	Sim	1999	0.0844	0.0321	0.0214	0.1473	6.90	0.0086
asubnormal*anoo	Sim	2001	0.0129	0.0329	-0.0517	0.0774	0.15	0.6958
asubnormal*anoo	Sim	2005	0.0391	0.0334	-0.0263	0.1045	1.37	0.2418
asubnormal*anoo	Sim	2008	0.0938	0.0342	0.0268	0.1609	7.53	0.0061
asubnormal*anoo	Sim	91996	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	1999	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2001	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2005	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2008	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	91996	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.

Fonte: CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE

Equação renda domiciliar per capita do trabalho
Município do Rio de Janeiro

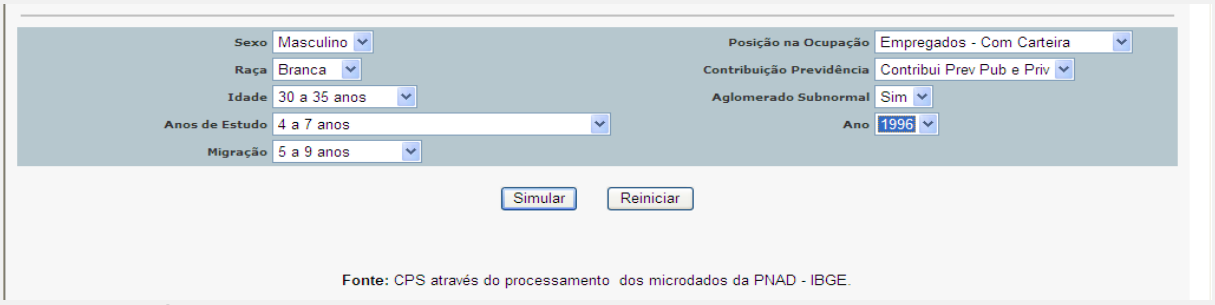
Parâmetro			Estimativa	Erro Padrão	Wald 95% Limites de Confiança		Qui-Quadrado	Pr > Qui-Quadrado
asubnormal	Sim		-0.4043	0.0247	-0.4526	-0.3559	268.80	<.0001
asubnormal	ZZNão		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
anoo	1999		-0.1372	0.0143	-0.1652	-0.1092	92.34	<.0001
anoo	2001		-0.1804	0.0144	-0.2085	-0.1522	157.83	<.0001
anoo	2005		-0.1828	0.0144	-0.2111	-0.1545	160.18	<.0001
anoo	2008		-0.0778	0.0147	-0.1065	-0.0491	28.18	<.0001
anoo	91996		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	Sim	1999	0.0982	0.0349	0.0299	0.1665	7.94	0.0048
asubnormal*anoo	Sim	2001	0.0757	0.0359	0.0053	0.1460	4.44	0.0350
asubnormal*anoo	Sim	2005	0.0616	0.0364	-0.0097	0.1329	2.87	0.0905
asubnormal*anoo	Sim	2008	0.1443	0.0375	0.0709	0.2178	14.85	0.0001
asubnormal*anoo	Sim	91996	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	1999	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2001	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2005	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2008	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	91996	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.

Fonte: CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.

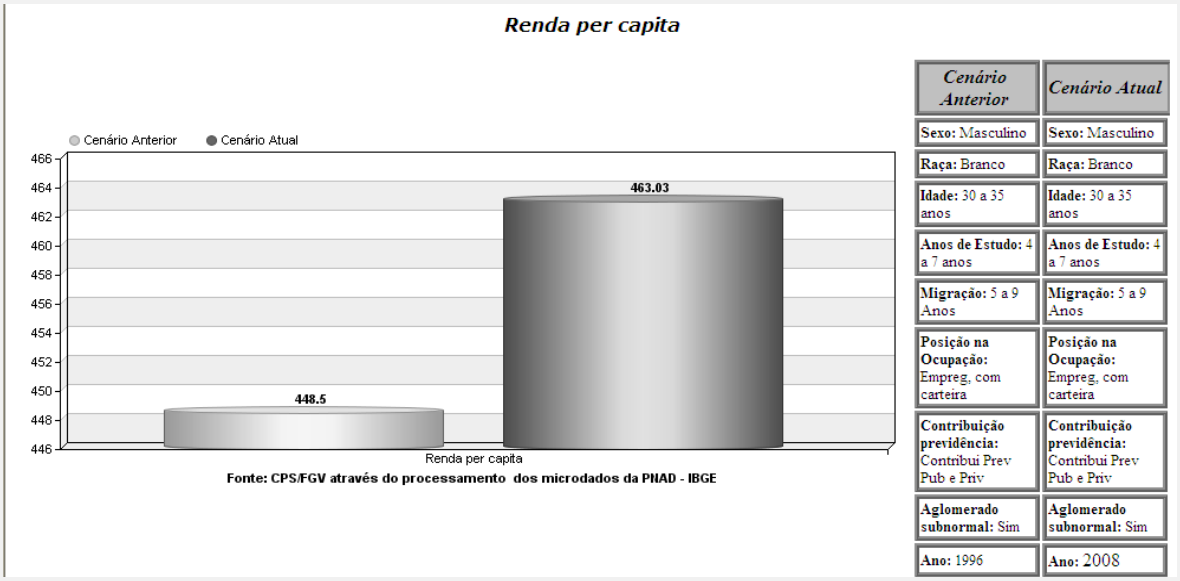
Simulador Recente da Renda Carioca

Com base nos microdados da PNAD/IBGE processamos modelos estatísticos que estimam a renda do carioca até 2008. Os resultados da regressão podem ser encontrados a seguir ou podem ser acessados de forma interativa e amigável no link http://www.fgv.br/ibrecps/rio/renda. Nele podemos simular a renda dos habitantes do Rio de Janeiro, incluindo as favelas cariocas até o ano 2008.

Passos para utilização:
Selecione as suas características e local de moradia no formulário.
Clique em Simular.



O gráfico apresenta a renda domiciliar *per capita* simulada. Uma das barras representa o Cenário Atual (resultado de acordo com as características selecionadas) e a outra o Cenário Anterior (apresenta a simulação anterior).

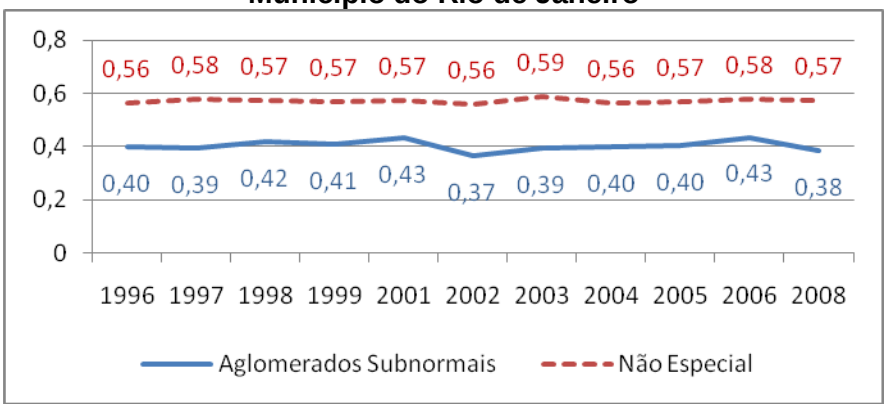


4. Pobreza, Desigualdades e Políticas Públicas na Cidade Partida

O Brasil é signatário das metas do milênio da ONU cuja primeira e principal meta é reduzir a pobreza extrema à metade entre 1990 e 2015. O Brasil cumpriu essa meta em menos da metade do tempo. Se usarmos a linha de pobreza da Fundação Getulio Vargas de cerca de 137 reais mensais a preços de hoje a taxa de pobreza no Brasil cai de 28,82% em 1996 para 16,02% em 2008, neste mesmo período o Rio percorre o sentido inverso tendo a pobreza subido de 9,61 em 1996 para 10,18% em 2008. Uma das forças fundamentais das mudanças do contexto brasileiro nos últimos anos tem sido a redução da desigualdade de renda, o índice de Gini de renda domiciliar per capita que era 0,6019 em 1996 cai para 0,5486 do Brasil em 2008. Mais uma vez o Rio não acompanha o movimento nacional, o Gini carioca que era 0,5779 em 1996 passa a 0,5764 em 2008. A desigualdade carioca não mudou nos últimos 12 anos e é hoje maior que a brasileira.

Como foi o desempenho relativo da desigualdade e da pobreza neste período dentre os dois lados da cidade partida? A desigualdade medida pelo Índice de Gini que já era marcadamente menor nos aglomerados subnormais 0,3971 cai ainda um pouco mais para 0,384, enquanto isso nos demais setores censitários a desigualdade sobe de 0,5645 para 0,5709. Ou seja, a desigualdade dentro dos setores "não favela" da cidade do Rio é hoje maior que a desigualdade brasileira.

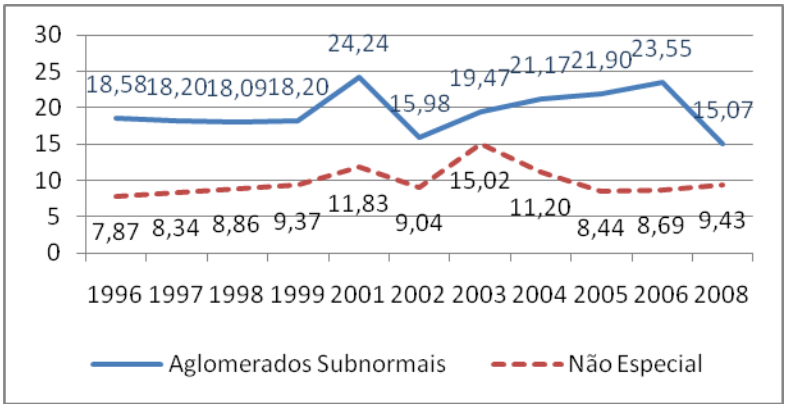
Desigualdade - Indice de Gini
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

No que tange à pobreza, a mesma sobe de 7,87% para 9,43% nos setores não especiais contra uma queda de 18,58% para 15,07% nas favelas. No aspecto pobreza a cidade se torna menos dividida na capacidade dos seus vários segmentos atenderem requisitos mínimos de renda. Essa convergência se dá tanto pela melhora nas favelas como pela deterioração dos demais setores.

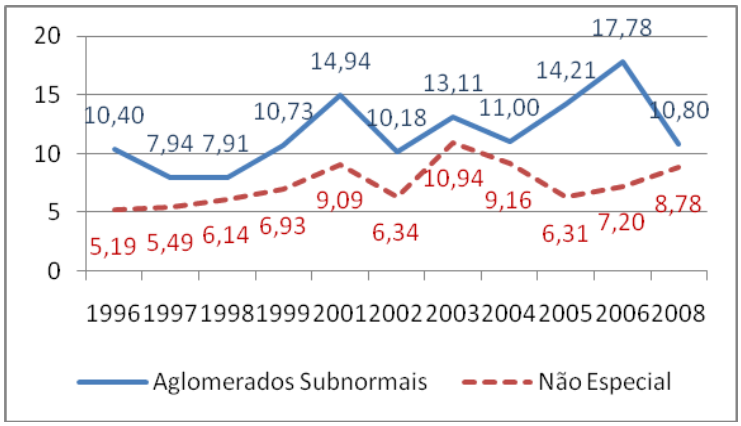
Pobreza (%) - Linha FGV



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

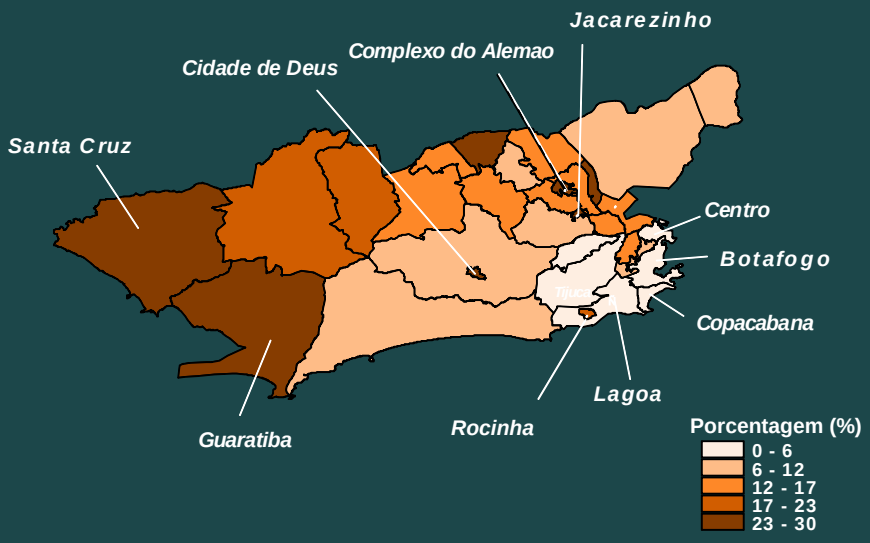
Apresentamos no gráfico abaixo o custo mínimo de alívio de pobreza por habitante que é uma medida de pobreza com propriedades mais interessantes que a proporção dos pobres por levar em conta a distancia que falta para cada pessoa chegar na linha de pobreza. Note que há uma convergência de valores ao longo do tempo em 1996 este custo era o dobro nas favelas (R$ 10,40) que os dos setores normais R$ 5,19. Depois de alguma flutuação ao longo do tempo, em 2008, a diferença de valores cai para 23% (R$ 10,40 nas favelas versus contra R$ 8,78 nos setores não especiais.

Custo Mensal Mínimo (R$) de Alívio da Miséria por Habitante



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Mapa Miséria - Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000/IBGE

Dividindo o município em Regiões Administrativas, ela varia desde menos de 4% nas RAs de Botafogo, Copacabana e Lagoa até 29.4% no Complexo do Alemão. Outras favelas e reassentamentos como Jacarezinho (27,54%), Cidade de Deus (26,02%), Maré (25,235%) e Rocinha (21,89%) se destacam entre as regiões mais miseráveis do município[6]. Dessa forma, o conjunto das 5 grandes favelas cariocas se equipara à periferia metropolitana fluminense (25,87% contra 24,73% de miseráveis), sendo a segunda acompanhada de maior desigualdade, enquanto nas favelas o índice de Gini varia de 0,31 a 0,34, na periferia metropolitana é 0,48%.

Segundo o Censo 2000 a pobreza atingia 19,45% da população fluminense e 14,57% dos cariocas em 2000. Importante destacar que, apesar de possuir a menor proporção de pobres, a cidade do Rio dada a sua população é a que mais contribui para a pobreza total do Estado (30,35%), isso se deve ao fato de grande parte da população fluminense ali residir. Apresentamos o custo da erradicação da miséria no Estado, município do Rio e em todas as regiões administrativas. Os dados mostram que seriam necessários na melhor das hipóteses R$ 14,04 em média, por pessoa mês, para acabar com a pobreza no estado, totalizando um custo de R$ 109 milhões mensais e R$ 1,3 bilhão anuais. Analisamos o custo da erradicação da miséria de outras duas perspectivas, como, por exemplo: cada miserável fluminense deveria receber, em média R$ 39,24; por outro lado, cada não miserável deveria contribuir com R$ 9,47 para que a miséria fosse totalmente aliviada. No conjunto de favelas, o recebimento médio por miserável seria R$ 40,67 (R4 1,21 acima da periferia fluminense), enquanto a contribuição dos que estão acima da linha, R$ 14,17 (R$ 0,79 a mais). Os dados permitem a população em nível de localidades enxergarem a sua vizinhança de uma perspectiva própria. Por exemplo, o déficit social da Rocinha é de 575 mil reais mensais, o que daria 3,56 reais mensais por não miserável da região administrativa vizinha da Lagoa (inclui Ipanema e Leblon), a mais rica da cidade.

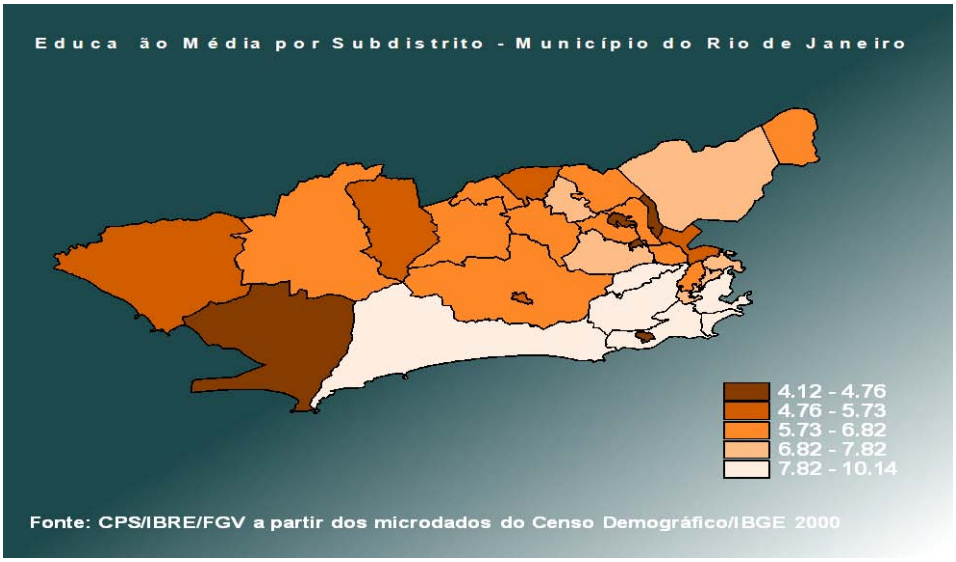
[6] O exemplo mais marcante é Engenheiro Pedreira, distrito de Japeri, que apresenta o maior déficit *per capita* de pobreza de todo Estado superando inclusive o de áreas como São Francisco de Itabapoana no norte fluminense (ver o detalhamento no nível de regiões administrativas cariocas e subdistritos fluminenses). De todo modo, a taxa de pobreza nestes locais é menos da metade da de municípios mais pobres brasileiros como Centro do Guilherme no Maranhão.

5. Educação na Cidade Partida

a. Anos de Estudo

O Censo Demográfico de 2000 permite mais uma vez mais uma vez dar um *zoom* espacial nas carências educacionais, conforme o mapa a seguir que revela as grandes favelas cariocas que são Regiões Administrativas da Cidade como manchas mais escuras de menores anos de estudos:

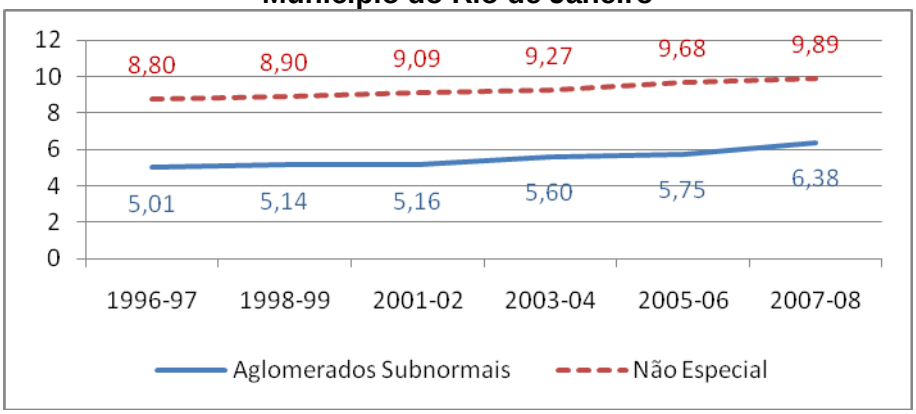
Educação média por Regiões Administrativas – Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico / IBGE 2000

Em primeiro lugar, cabe lembrar que a educação é o determinante maior da desigualdade e da pobreza em nosso país. Por isso, a análise do comportamento desta variável é extremamente importante para captar a desigualdade existente nos dois lados da nossa cidade. Captada pela média de anos de estudos da população, observamos no gráfico a discrepância educacional das favelas que mesmo com o ganho de 1,1 ano de estudo nos últimos 12 anos, ainda apresentam no último biênio escolaridade 3,5 anos inferior ao restante da cidade. Em 2007-08, a escolaridade média do carioca ocupado que reside em aglomerados subnormais atinge 6,38 anos de estudos (9,89 entre os moradores de setores não especiais).

Educação Média (anos de estudo)
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

A seguir a composição educacional dos moradores entre faixas de anos de estudos. Observe a maior presença relativa de pessoas em níveis mais altos de educação (com mais de 8 anos de estudo) fora das favelas.

Categoria	1996-97	1998-99	2001-02	2003-04	2005-06	2007-08
Aglomerados Subnormais						
0	18,02	13,80	13,18	10,13	13,87	10,64
1 a 3	18,94	22,98	21,49	18,09	18,66	14,76
4 a 7	36,39	35,84	38,29	37,63	31,44	28,55
8 a 11	24,82	25,39	25,68	32,78	34,33	43,52
12 ou Mais	1,81	1,68	1,17	0,61	1,15	2,38
Não Especial						
0	5,75	5,64	4,62	4,01	3,51	3,83
1 a 3	7,92	8,15	8,10	6,91	5,91	5,54
4 a 7	24,49	22,63	23,12	23,29	21,33	18,15
8 a 11	38,61	40,38	41,14	41,98	42,74	44,84
12 ou Mais	22,72	22,64	22,78	23,62	26,28	27,44

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Estimamos uma equação de educação média controlada por características sócio-demográficas e econômicas, incluindo a dummy de tratamento - ser habitante de aglomerado subnormal - a fim de comparar indivíduos com características iguais no asfalto e na favela. À semelhança dos resultados bivariados, a educação média controlada é maior fora das favelas (0,34) e crescente com o passar dos anos (0,05 maior em 2001a04 e 0,15 maior em 2005a08 quando comparado ao período base 1996 a 1999). A interação das variáveis acima mede a evolução relativa das duas regiões no tempo. Os resultados apontam para um avanço relativo de uma região em relação somente no último período (com -0,03 este foi menor fora das favelas).

Equação de anos de estudo
Município do Rio de Janeiro

Parameter			Estimate	Standard Error	Wald 95% Confidence Limits		Chi-Square	Pr > ChiSq
asubnormal	Não		0.3309	0.0075	0.3162	0.3456	1946.55	<.0001
asubnormal	Sim		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
anoo2	a2001 a 2004		0.0513	0.0101	0.0315	0.0712	25.62	<.0001
anoo2	b2005 a 2008		0.1554	0.0102	0.1355	0.1753	233.64	<.0001
anoo2	z1996 a 1999		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Não	a2001 a 2004	-0.0071	0.0109	-0.0284	0.0143	0.42	0.5170
asubnormal*anoo2	Não	b2005 a 2008	-0.0385	0.0109	-0.0599	-0.0171	12.45	0.0004
asubnormal*anoo2	Não	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Sim	a2001 a 2004	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Sim	b2005 a 2008	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Sim	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
Scale			0.4750	0.0011	0.4729	0.4771		

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

b. Tempo na Escola

A cobertura escolar vai além do se a criança freqüenta, ou não, a escola. Há outro tipo de evasão fruto das faltas e da jornada escolar insuficiente. Medimos onde os alunos estão perdendo mais tempo de escola, como se usando um cronômetro: se é pela baixa proporção de dos alunos matriculados; se é pelas faltas; ou pela baixa jornada oferecida pela escola. O tempo na escola resulta da multiplicação de três índices: matrícula, presença e jornada escolares[7]. Na faixa de 4 a 17 anos de idade, nos aglomerados subnormais o índice matrícula correspondia a 0,9243 (7,57 % de evasão) multiplicado pelo índice de presença de 0,9613 (3,87% de dias de aula perdidos) e pelo desvio da jornada 0,9429 (i.e., 5,71% abaixo da jornada de 5 horas). Ou seja, se não houvesse faltas e a jornada escolar fosse cinco horas diárias, o índice de permanência na escola seria de 0,9243 contra 0,8212 na prática quando se computa absenteísmo e a extensão da grade de aulas. Cada criança de 4 até 17 anos de idade perde 10 pontos de porcentagem de tempo na escola em decorrência da baixa jornada fixada e das faltas. Eles ficam 4,106 horas diárias na escola. A Lei de Diretrizes Básicas (LDB) do ensino fixa o mínimo de 4 horas de aula por dia com um máximo de 25% de faltas.

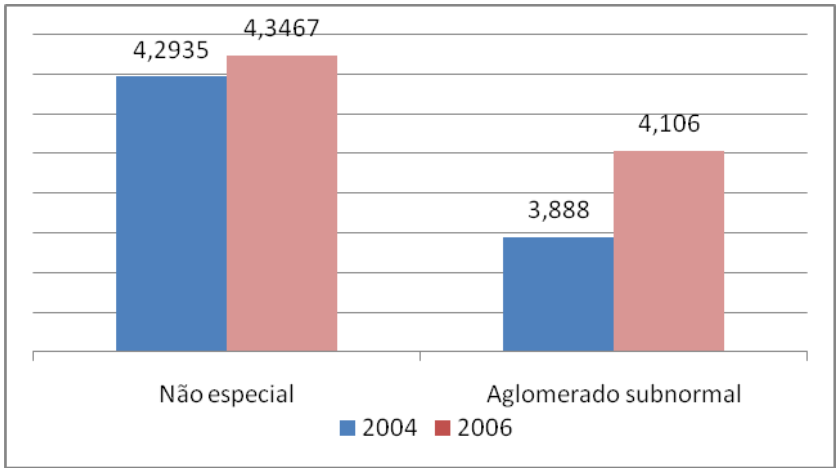
[7] A pesquisa encontrada no site www.fgv.br/cps/tpe detalha a metodologia aqui utilizada.

Tempo de Permanência na Escola (TPE) - 4 a 17 anos						
Local de moradia						
Percentual (%)	Ano	Tempo de Permanência na Escola	Índice de Permanência na Escola *	Índice de Matrícula *	Índice de Presença *	Índice de Jornada *
Não especial	2004	4,2935	0,8587	0,9582	0,9604	0,9338
	2006	4,3467	0,8693	0,9534	0,9571	0,9523
Aglomerado subnormal	2004	3,888	0,7776	0,8754	0,9628	0,9234
	2006	4,106	0,8212	0,9243	0,9613	0,9249

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Há um diferença de 15 minutos diários entre quem mora em favela e os demais. Na comparação dos aglomerados subnormais com os setores não especiais,os primeiros aumentaram de 3,88 para 4,11 horas diárias e nos não especiais aumentaram de 4,29 para 4,35 horas semanais.

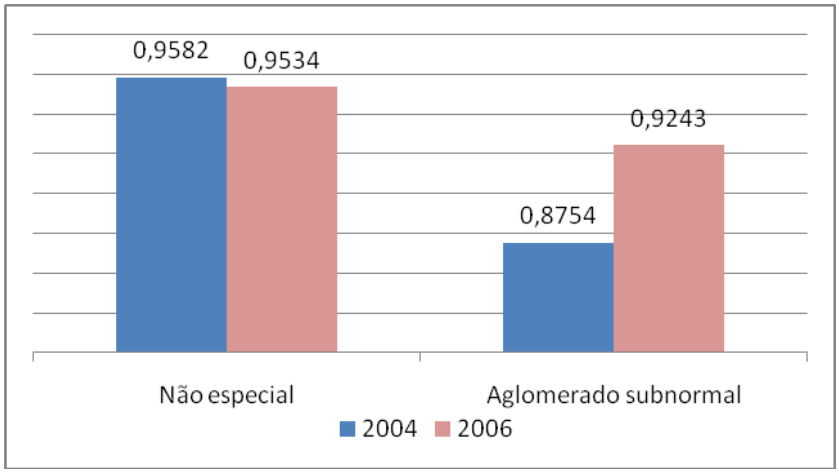
Tempo de Permanência na Escola (Horas Diárias)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Mas qual foi a fonte deste aumento de jornada escolar efetiva? Entre 2004 e 2006, o índice de matrícula nos aglomerados subnormais sobe de 87,5% para 92,4% se aproximando do encontrado nos setores não especiais.

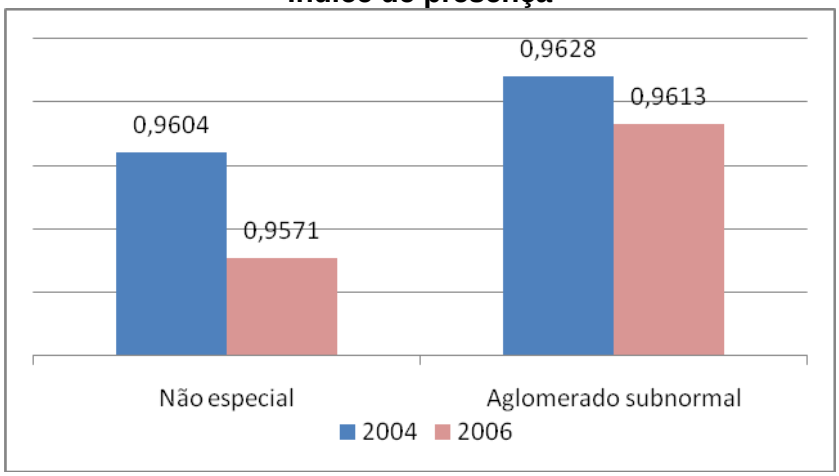
Índice de matrícula



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Já o índice de presença cai em ambos universos mas mais nos setores não especiais.

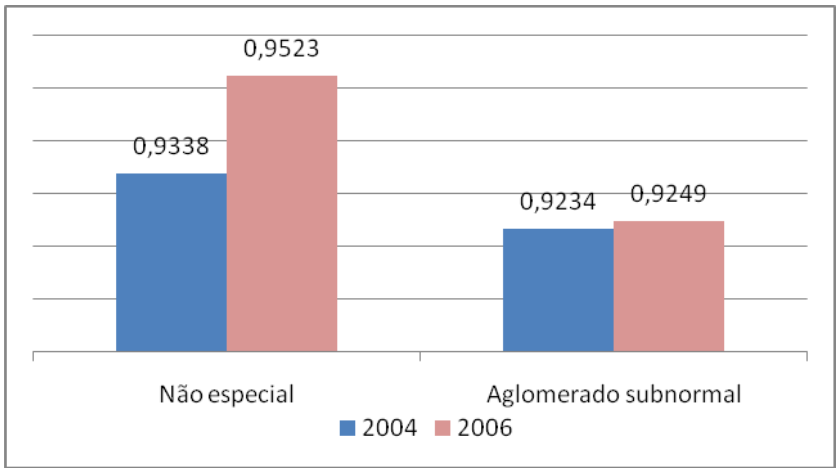
Índice de presença



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

A jornada escolar aumenta em ambos os segmentos mas menos nos aglomerados subnormais.

Índice de jornada

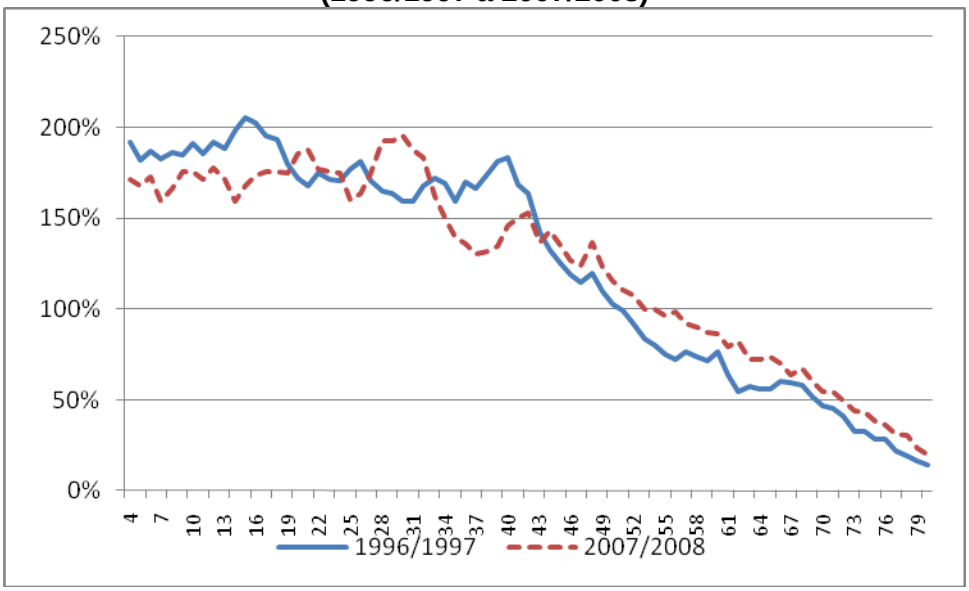


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Medimos para todas as crianças e adolescentes de favelas cariocas - e não só para aquelas que estudam: Quantas horas por dia assiste aula? Se frequenta a escola. Àqueles que frequentam, captamos a extensão da jornada oferecida pela escola bem como as faltas dos alunos. O Tempo na Escola sintetiza tudo isso em termos das horas diárias as pessoas em idade escolar dedicam, em média, às aulas: horas-dia. Este tempo na escola é mais do que uma curiosidade numérica. Como no Brasil quase 80% das diferenças de proficiência escolar são explicadas por variáveis de background familiar. Apenas 20% são associadas às variáveis de política educacional, dentre elas a qualificação dos professores, o tamanho de classe e a extensão da jornada escolar são aquelas que apresentam algum poder preditivo sobre o aprendizado dos alunos. A jornada escolar talvez seja àquela mais sob o controle direto das políticas educacionais. O ganho de uma hora de jornada-escolar produz em termos da nota dos exames de proficiência cerca de 25% de um desvio-padrão das notas. Numa época quando o número de crianças e adolescentes em idade escolar cai, conforme o gráfico abaixo ilustra na comparação do biênio 1996/1997 com 0 de 2006/07, pode-se aproveitar a menor quantidade de crianças para proporcionar uma maior qualidade na educação a cada criança[8].

[8] Nem sempre mais horas significa maior rendimento além dos custos associados. O aumento da jornada mínima de uma hora aproveitaria a transição demográfica em curso, e mesmo se não for acompanhada por outras mudanças desejáveis, poderia gerar um sexto das mudanças de proficiência das auspiciosas metas educacionais traçadas para 2022 do movimento Todos Pela Educação no qual o município do Rio foi um dos primeiros a aderir.

Evolução Temporal da Estrutura Etária nos Aglomerados Subnormais (1996/1997 a 2007/2008)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

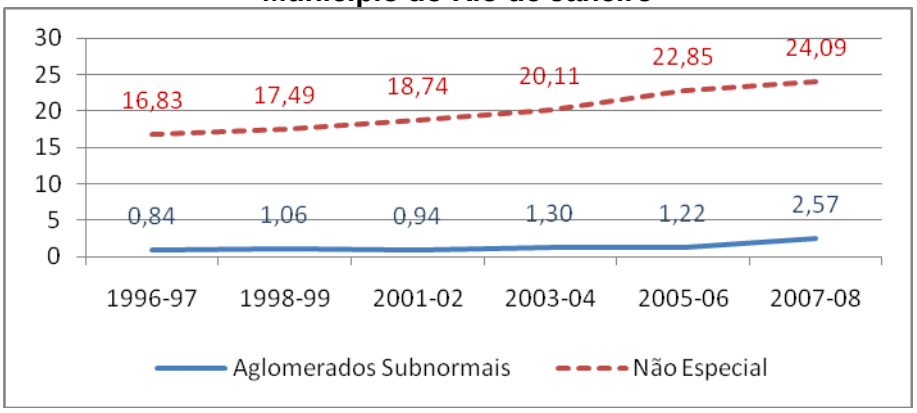
c. Exposição de motivos de Evasão

Propomos o estudo das causas da evasão a partir de três tipos básicos de motivações, a saber: A primeira é a miopia ou desconhecimento dos gestores da política pública restringindo a oferta de serviços educacionais. Outra é a falta de interesse intrínseco dos pais e dos alunos sobre a educação ofertada, seja pela baixa qualidade percebida ou por miopia ou desconhecimento dos seus impactos potenciais. Uma terceira é a operação de restrições de renda e do mercado de crédito que impedem as pessoas de explorar os altos retornos oferecidos pela educação no longo prazo. Senão vejamos: i) Dificuldade de acesso a escola (31% nas favelas contra 53% nos demais); ii) Necessidade de trabalho e geração de renda (31% nas favelas contra 22% nos demais). iii) Falta intrínseca de interesse (39% nas favelas contra 25% nos demais). A composição das respostas válidas conhecidas dos evadidos tomadas a valor de face sugere que os motivos de demanda aventados explicam quase 80% da totalidade das respostas nas favelas. O que se destaca nestes são os dois elementos ligados à falta de demanda por educação, que respondem por 67,7% das motivações apresentadas contra 10,9% das deficiências de oferta alegadas.

d. Educação de Classe

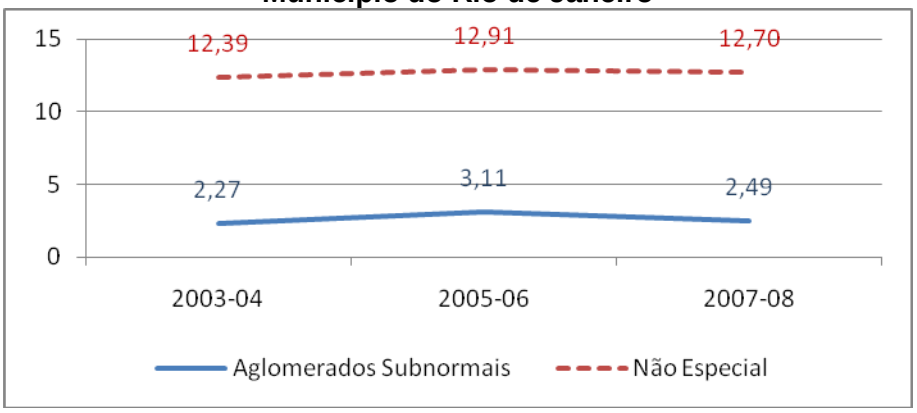
A desigualdade educacional também pode ser captada por meio de outras variáveis. Analisemos então a proporção de pessoas que frequentam ou frequentaram curso superior e aqueles que estudam em escolas particulares: com 2,57%, a proporção de indivíduos com curso universitário nas favelas é quase 10 vezes menor que no resto da cidade; e 2,5% também é a proporção de habitantes que frequentam escola particular nas favelas (esse índice é 12,7% no resto da cidade).

Educação - Frequenta ou frequentou curso superior (%)
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Educação - Frequenta escola privada (%)
Município do Rio de Janeiro



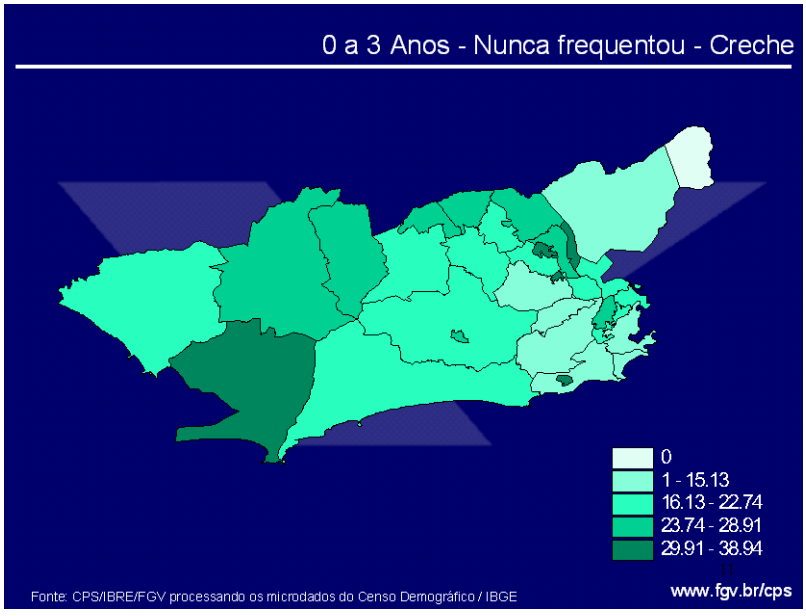
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Incidentalmente, em 2005 a nota média do IDEB (Indice de Desenvolvimento Educacional – IDEB) que mede numa escala de 0 a 10 a qualidade da educação era 3,6 nas escolas públicas e 6,0 nas privadas privadas. Esta é uma fotografia da Belíndia Brasileira em plena auto-reprodução: quem tem renda põe o filho em escola privada que melhor preparado conseguirá no futuro gerar maior renda no mercado de trabalho, perpetuando o ciclo. Esta dicotomia de qualidade

pública/privada é bastante marcada no Rio de Janeiro onde as primeiras ocupam o primeiro lugares dos rankings nacionais e as segundas a cauda inferior do ranking nacional.

e. Educação da Primeira Infância

O seminário “Educação da Primeira Infância” realizado pela Fundação Getulio Vargas, em 2005 visou inserir a educação de 0 a 6 anos de idade no centro da agenda de políticas públicas sociais brasileiras. O evento realizado contou com um grupo nacional e internacional de pesquisadores, incluindo a presença de James Heckman, Nobel de Economia. Nesta mesma época, o Centro de Políticas Sociais lançou a pesquisa “Educação da Primeira Infância”, um levantamento estatístico sobre a frequência escolar na faixa de 0 a 6 anos de idade detalhando algumas características, tais como se a escola é pública ou privada, se a criança está atrasada ou não, se a mãe trabalha ou mora com a mãe, se tem ajuda de empregada doméstica entre outras. O estudo cruza estes atributos com uma série de dados sócio-demográficas e econômicos. O objetivo é oferecer à sociedade brasileira um completo e atual retrato sobre a alocação de tempo e a acumulação de capital humano durante a primeira infância em cada recanto do país. Apresentamos dados rankings similares (0 a 3 anos) para as Regiões Administrativas (RAs) do município do Rio de Janeiro. Como podemos constatar as grandes favelas da cidade correspondem a manchas mais escuras onde a presença de crianças que nunca frequentaram as creches é maioria começar pelo complexo do Alemão com 92% das crianças de 0 a 3 anos nesta condição seguido de Jacarezinho e Cidade de Deus com 89%.



Similarmente, a taxa de acesso à pré-escola na população de 4 a 6 anos de idade entra todas as RAs cariocas era também menor Complexo do Alemão com 40,5%, seguido de perto por Maré (36%) e Rocinha (33%).

No que tange ao impacto da educação na primeira infância, países e pais que cuidam de suas crianças, desde a mais tenra idade, viabilizam seu futuro. James Heckman, o Nobel de Economia, e Flávio Cunha nos brindam com suas mais recentes descobertas sobre a importância da educação na primeira infância. Eles demonstram que crianças que tiveram a oportunidade de frequentar o equivalente a creches e pré-escolas apresentaram na idade adulta renda mais alta e probabilidades mais baixas de prisão, de gravidez precoce e de depender de programas de transferência de renda do estado no futuro. Ou seja, acaba sendo mais produtivo do ponto de vista social e fiscal, prevenir do que remediar investindo desde a primeira infância. A educação nessa primeira fase da vida constitui o verdadeiro custo de oportunidade social – qual seja a oportunidade de investimento com maior retorno social disponível. E mais: quanto menor for a idade da criança objeto do investimento educacional recebido, mais alto será o retorno percebido.

f. Educação e Saúde Interagindo nas favelas

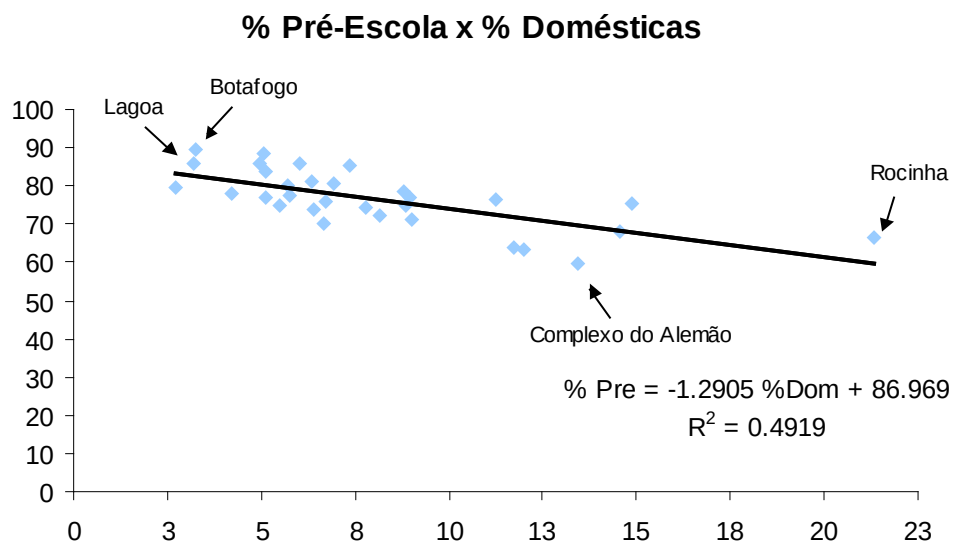
Steven Levitt, o autor do best-seller *Freaknomics,* causou espanto ao revelar como a principal causa da redução da criminalidade em estados americanos em meados da década de 1990, a lei de aborto promulgada duas décadas antes. A ideia é tão simples quanto politicamente incorreta como muitas vezes a vida é (embora não gostemos disso): o fato de a lei diminuir o nascimento de filhos indesejados de pobres mulheres solteiras gerou uma redução da oferta de criminosos duas décadas depois! No Brasil, a contrapartida feminina da predisposição de jovens homens solteiros a atividades criminosas[9] é a incidência da gravidez precoce que sobe de 7,97% para 9,1% entre 1980 e 2000, enquanto a taxa de fecundidade para todos os grupos etários cai de 4,4 para 2,3 filhos por mulher. Em particular, enquanto a taxa de fecundidade entre as moradoras de 40 a 45 anos de favelas cariocas é duas vezes maior que aquelas em bairros de alta renda, entre as adolescentes dos morros cariocas a taxa é 5 vezes maior que as adolescentes dos bairros de alta renda (0,27 filho por menina entre 15 a 19 anos na Rocinha contra 0,05 na Lagoa, respectivamente). Se o Brasil não revolucionar a educação/saúde reprodutiva dos jovens em áreas de alta violência, vamos colher mais e mais tragédias como as recentes noticiadas. A

[9] Neri (2004) isola fatores de risco associados à chance de cada indivíduo estar ou não presidiário, comparando-se pessoas com as demais características iguais exceto uma. Por exemplo: comparamos homens e mulheres com atributos iguais, isto é, não levando em consideração o fato de que mulheres, na média, têm mais educação do que homens entre outras características. O exercício confirma que o principal fator de risco é o sexo. Os homens têm 46,3 vezes mais chance de estar presidiários do que as mulheres, considerando as demais características iguais. Em seguida, a grande distancia, está o estado civil. Ser solteiro é um importante fator de risco 4,8 vezes maior que os demais. Depois vem o fator idade.

Rocinha é a região administrativa da cidade com o menor nível de educação da população em geral e da população ocupada entre todas do município do Rio de Janeiro. A taxa de evasão escolar e o tempo de permanência na escola em geral de meninas brasileiras de 15 a 19 anos com filhos é entre um quarto e um terço das meninas sem filhos.

Observamos abaixo uma visão local por meio do gráfico com as regiões administrativas do município do Rio de Janeiro, plotando a relação entre a proporção de crianças de 4 a 6 anos na pré-escola e a proporção de empregadas domésticas morando na respectiva localidade. Entre as mulheres adultas da Rocinha 21% são domésticas (ou 47% das ocupadas). Notamos em lugares mais pobres, nas favelas em particular, a proporção de domésticas em idade ativa cai com o aumento da taxa de crianças na pré-escola. Essas pobres mulheres vão cuidar dos filhos de outras e deixam os seus filhos em casa, fora da pré-escola. É preciso desenvolver mais e melhores ações integradas de educação e saúde para a primeira infância e para a gravidez precoce.

% Domésticas na população feminina em idade ativa.

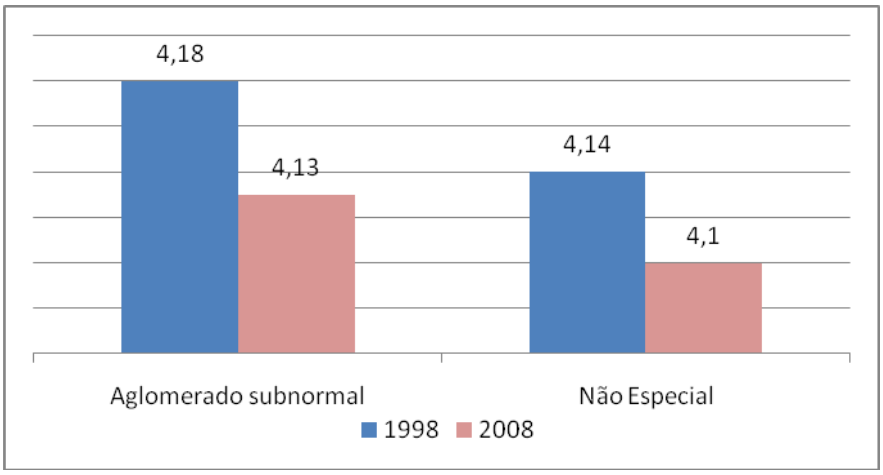


6. Saúde na Cidade Partida

a. Percepções de Saúde:

Nesta seção, resumimos as condições de saúde percebida da população carioca que mora em setores subnormais vis a vis ao resto da população a partir do suplemento de saúde da PNAD de 2008, o último disponível, depois fazemos uma comparação com o de 1998 a fim de captar a evolução relativa entre estes tipos de áreas. Estes exercícios depois são completados por exercícios multivariados de diferença em diferença entre os respectivos anos. Em primeiro lugar, Numa escala de 1 a 5 - onde 1 se refere a um estado muito ruim e 5 a um muito bom - a população dos aglomerados subnormais confere uma nota média de 4,1 contra 4,13 do restante da cidade. Houve queda maior (0,05) nos aglomerados subnormais que sai de 4,18 em 1998 do que a queda de 0,02 dos setores não especiais que sai de 4,14 em 1998.

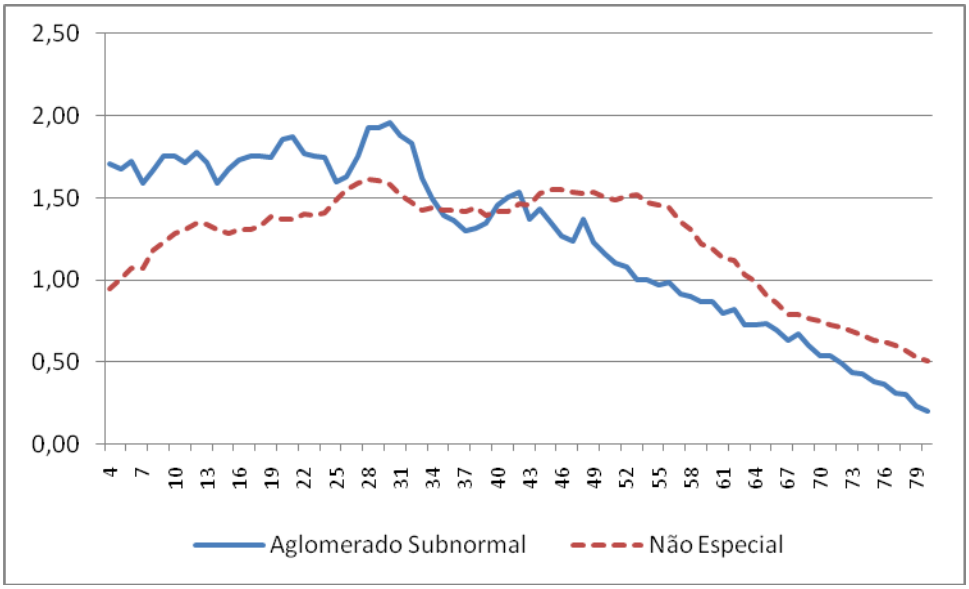
Avaliação Média de Saúde (Nota 1a5)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Acreditamos que por serem mais pobres e disporem de um sistema de referências mais desprovido, os residentes de aglomerados subnormais tendem a uma menor exigência nas suas escalas subjetivas de bem estar. Outro ponto de refere a menor idade dos moradores em aglomerados subnormais o que contribui para a melhora das condições percebidas de saúde.

Estrutura Etária da População - Média Móvel de 5 Anos – 2007 e 2008



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Apesar dessas prováveis diferenças encontramos nos exercícios multivariados chances de auto-percepção de saúde boas ou muito boas, nos aglomerados subnormais 26% maiores aos do restante da cidade este diferencial de chances cai 24% ao longo do tempo.

Regressão Logistica - Munic RJ
Estado saúde - BOM OU MUITO BOM

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
Subnorm	Sim	0.2305	0.0837	7.59	**	1.26
Subnorm	zNão	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo3	a2008	0.0334	0.0456	0.54		1.03
anoo3	z1998	0.0000	0.0000	.		1.00
Subnorm*anoo3	Sim	-0.2779	0.1182	5.53	**	0.76
Subnorm*anoo3	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
Subnorm*anoo3	zNão	0.0000	0.0000	.		1.00
Subnorm*anoo3	zNão	0.0000	0.0000	.		1.00

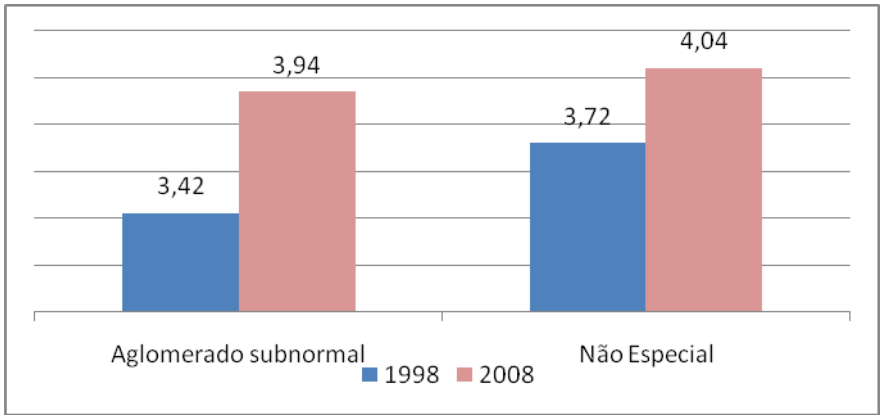
Fonte: CPS/FGV segundo microdados do Supl. PNAD/IBGE.

Mais objetivamente, a proporção de pessoas que estiveram acamadas sem poder trabalhar ou estudar nas duas semanas anteriores a pesquisa é de 3,94% na população dos aglomerados subnormais contra 4,04% do resto da população. O fato de morar em favelas, não está associado a maiores chances de ter estado acamado.

Percepções de Saúde 2008									
Categoria	Estado de Saúde - Média	Dificuldade de Andar 100m - Média	Esteve Acamado	Tem Plano	Plano - Média	Esteve Hospitalizado	Hospitalizado - Média	Procurou Serviço de Saúde	Serviço de Saúde - Média
Não especial	4,1	4,13	4,04	50,43	4,09	6,27	4,3	17,62	4,24
Aglomerado subnormal	4,13	4,25	3,94	12,55	3,97	5,71	3,9	10,46	3,79

Fonte: CPS/FGV segundo microdados do Supl. PNAD/IBGE.

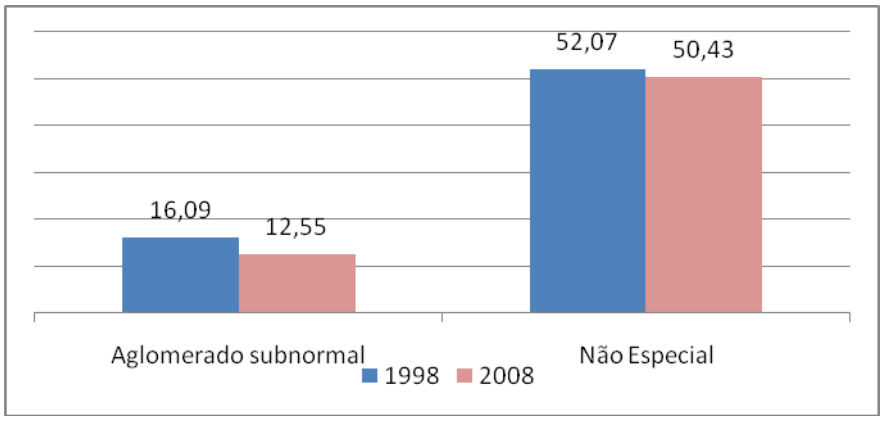
Esteve Acamado nos últimos 15 Dias (%)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Além de diferenças sobre o estado de saúde, os residentes dos aglomerados subnormais também dispõem de pior acesso a serviços de saúde, o que torna sua situação particularmente dramática. Por exemplo, 12,5% da população nos aglomerados subnormais possui acesso a plano privado de saúde contra 50,5% do resto da população. Ambas as proporções caíram ao longo do tempo.

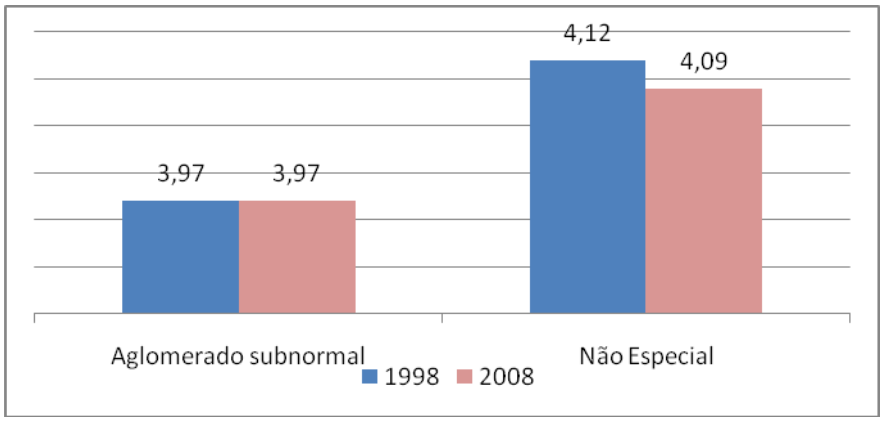
Tem Plano de Saúde (%)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Em relação à qualidade do plano de saúde, há também diferenças nas notas reportadas nos dois tipos de áreas mas que não são estatisticamente diferentes. De qualquer forma, o menor acesso define uma situação inferior dos moradores dos aglomerados subnormais.

Avaliação Media do Plano de Saúde (Nota 1 a 5)

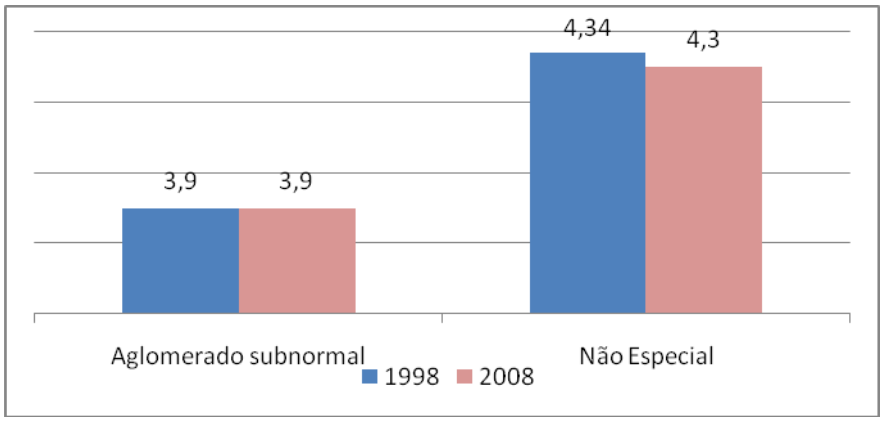


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

No que tange aos serviços públicos a avaliação da qualidade é pior nos aglomerados subnormais como no caso do atendimento do serviço de saúde (3,79 dos a contra 4,24) e da hospitalização (3,9 contra 4,3). Nos modelos estatísticos este resultado qualitativo se mantém. Isso pode ser ainda mais grave se considerarmos o fato dos moradores de favelas possuírem

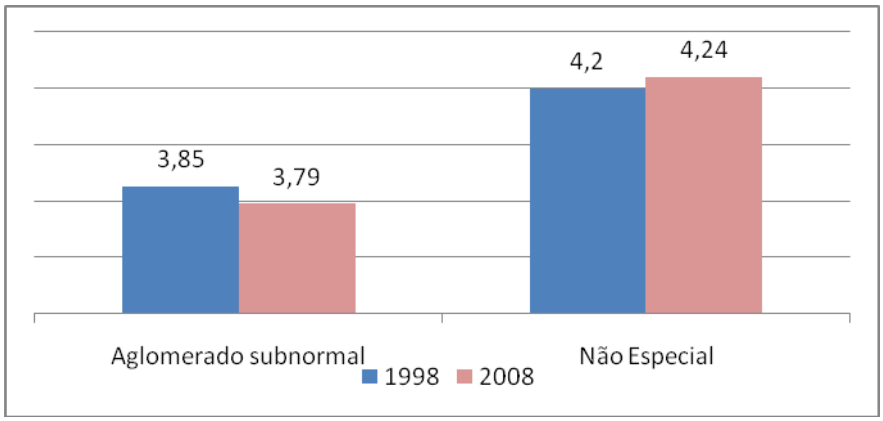
exigências menores sobre a qualidade do serviço. Os exercícios de diferença em diferença, não há mudanças na qualidade percebidas relativas entre os dois tipos de áreas ao longo do tempo .

Avaliação Média da Hospitalização (Nota 1a5)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

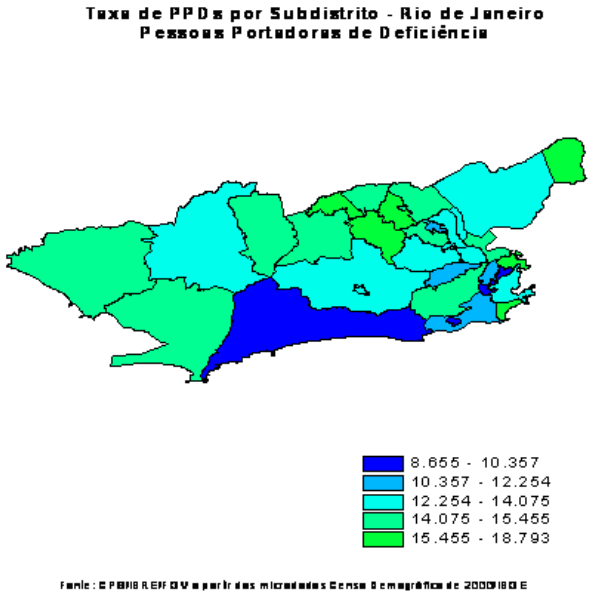
Avaliação Média do Serviço de Saúde (Nota 1a5)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

b. Pessoas com Deficiência

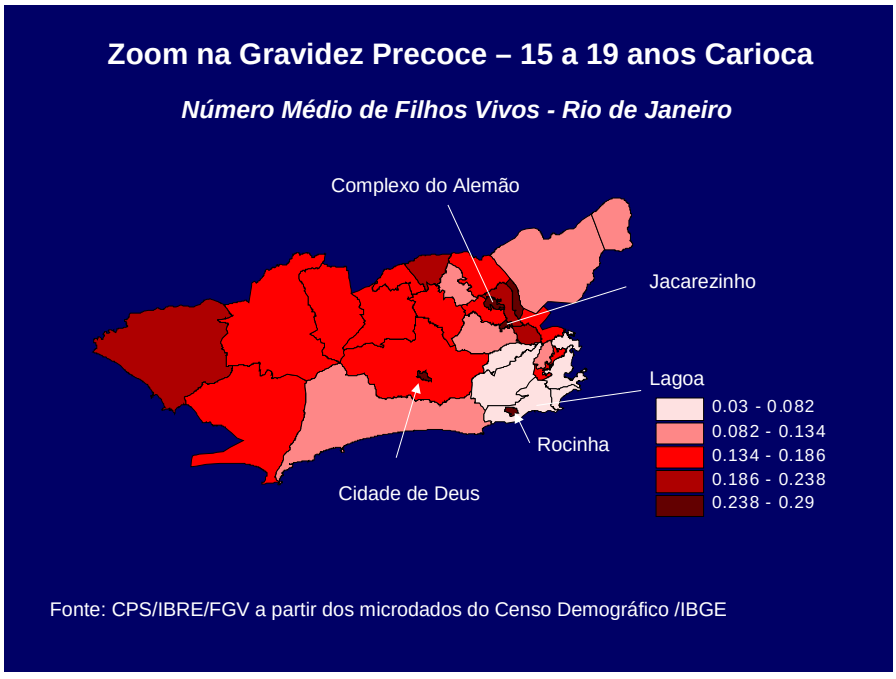
Existem diferenças entre grupos do tema diversidade. A deficiência é uma característica adquirida assim como, por exemplo, a pobreza ou a idade, já gênero e raça são atributos fixos. Toda pessoa é passível de adquirir alguma deficiência física ou mental ao longo do seu ciclo de vida. O tratamento das políticas públicas à questão da deficiência está também relacionado a um seguro social de caráter universal. O principal determinante da incidência de deficiência é a idade. Outro determinante é a baixa renda. Estes dois fatores atuam em direção opostas nas grandes favelas cariocas onde a renda é baixa mas população é 10 anos mais nova que a dos bairros de alta renda. O nosso trabalho aponta que as dificuldades de acessibilidade fazem com que a população com deficiência mude para áreas com melhores condições de acessibilidade. O resultado líquido desta interação de forças é uma baixa taxa de incidência de deficiências nas grandes favelas cariocas conforme o mapa abaixo demonstra. Ou seja, as políticas de inclusão das pessoas com deficiência são relativamente menos relevantes nas favelas vis a vis a outras áreas da cidade pela baixa presença de pessoas da terceira idade e por uma possível auto-seleção de áreas com melhores condições de acessibilidade.



c. Saúde Reprodutiva

Os dados censitários permitem acompanhar a evolução da taxa de fecundidade ao longo das últimas seis décadas.Esta taxa ficou mais ou menos estabilizada entre 6,3 e 5,8 filhos por mulher caindo fortemente nas décadas de 70 (de 5,8 filhos por mulher em 1970 para 4,4 em 1980) e 80 (para 2,9 filhos por mulher em 1991) e relativamente menos na década de 90 (2,3 filhos por mulher em 2000), hoje a taxa está em torno de 1,8 filhos por mulher abaixo da taxa de reposição populacional.

A fecundidade na faixa de 15 a 19 anos caminhou na direção contrária da taxa dos demais grupos etários subindo de 0,0797 em 1980 para 0,0874 em 1991 e 0,091 em 2000. Este dado indica um agravamento da gravidez precoce em termos nacionais. Mas como tem se portado a gravidez precoce nos dois lados da cidade partida? A fecundidade de mulheres nas grandes favelas cariocas é duas vezes maior do que nos bairros de renda mais alta, mas no caso o caso de adolescentes a taxa é cinco vezes maior. Enquanto no total do município o número de filhos nascidos vivos por mulher de 15 a 19 anos de idade é 0,15, nas cinco RAs de maior renda (Lagoa, Barra da Tijuca, Botafogo, Copacabana e Tijuca) a mesma cai para 0,054 e sobe para 0,266 nas cinco comunidades de baixa renda.



Acesso a Programas Sociais: O suplemento da PNAD 2006 permite calcular a proporção de pessoas atendidas por programas sociais no Rio de Janeiro. Conforme podemos ver na tabela, essas taxas de acesso em 2006 são superiores nos aglomerados subnormais vis a vis o resto da cidade são: Bolsa-Família (6,70% contra 2,58%) e outros programas (3,61% contra 1,95%).

	Bolsa familia		Outros	
	2004	**2006**	**2004**	**2006**
Não especial	2,54%	2,58%	1,06%	1,95%
Aglomerado subnormal	5,87%	6,70%	0,79%	3,61%

Fonte: CPS/FGV segundo microdados do Supl. PNAD/IBGE.

7. Trabalho na Cidade Partida

a. Trabalho nos Morros Cariocas

O Censo 2000 permite analisar o desempenho trabalhista nas principais favelas cariocas. Observe que em função de diferenças metodológicas estes dados não são comparáveis àqueles de outras bases de dados como a PNAD, a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) e mesmo do Censo 1991, inviabilizando análises temporais. Trabalhamos aqui com as três favelas citadas antes, mais Cidade de Deus e Jacarezinho que constituem 5 das 32 regiões administrativas (RAs) cariocas. Optamos por realizar um contraste deste grupo de RAs com o de RAs de renda mais alta, compostas por Lagoa, Barra da Tijuca, Botafogo, Copacabana e Tijuca. Fazemos um *zoom* sobre a situação do trabalho nos morros cariocas.

A renda média do trabalho é 5,3 vezes maior no grupo das áreas mais ricas. Agora ao contrário do estereótipo do malandro do morro carioca, a jornada de trabalho média lá é 5 horas semanais a mais do que no asfalto. O resultado destes dois vieses torna os diferenciais de salário-hora superiores aos observados na renda mensal: 11,8 reais-hora contra 1,99 real-hora. Um fator é a diferença de 11 anos média entre os dois universos analisados, os jovens têm menos experiência – o que prejudica os salários e mais predisposição a trabalhar mais horas. Outro é a diferença na taxa de informalidade que libera os mercados do piso de salário e do teto de horas impostos pela legislação trabalhista explicando parte dos contrastes. A taxa de cobertura previdenciária entre os ocupados que moram nos bairros de alta renda é de 74,5% contra 68,9% das comunidades de baixa renda. Informalidade trabalhista e fundiária parece caminhar lado a lado. Já as taxas de participação não são muito diferentes nas áreas observadas. Cerca de 70% das pessoas em idade ativa em ambas as áreas estão economicamente ativas, isto é, trabalhando ou procurando trabalho. A taxa de desemprego representa relevante diferencial entre morro e asfalto: 9,9% nos bairros de alta renda contra 19,1% nas favelas em questão, resultado qualitativamente consistente ao de uma série de pesquisas de campo nos morros cariocas pela Ence/IBGE contratada pela Secretaria Municipal do Trabalho. O excesso de oferta de mão de obra gera uma pressão para baixo no rendimento do trabalho local. Obviamente, as taxas de participação, informalidade e desemprego tanto quanto as taxas de salários são variáveis endógenas, mesmo no curto prazo.

O fator fundamental é a desigualdade de escolaridade: média de 11,9 anos completos de estudo de um trabalhador nos bairros de luxo contra 6,2 anos nas comunidades de baixa renda. Como existe retorno crescente de educação, cada ano a mais de escolaridade rende mais aos ocupados dos bairros de alta renda: 180,5 reais por ano de estudo de um ocupado nos bairros ricos contra 65,9 reais dos pobres.

Os vieses observados na renda, jornada e retorno do estudo das pessoas em favelas podem ser sintetizados por meio do diferencial de salário-hora por ano de estudo de 307% entre os dois grupos de localidades. Um fato que chama a atenção é que, apesar de todas as adversidades enfrentadas pelo trabalhador das comunidades de baixa renda, a renda do trabalho desempenha ali um papel mais fundamental: 81% de todas as fontes de renda nestas áreas advêm do trabalho contra 63% das áreas de renda mais alta. Apesar das agruras da vida privada das favelas cariocas, a maior carência parece ser a de Estado.

MAPA TRABALHISTA
Subdistritos do Rio de Janeiro
População Ocupada

	Subdistrito	Renda em Reais Mensais	Jornada em Horas Semanais	Salário-Hora	Educação dos Ocupados	Salário por Ano de Escola
Grandes Favelas Cariocas		**405**	**46.0**	**1.99**	**6.2**	**65.9**
Rio de Janeiro	Jacarezinho	368	46.0	1.81	6.6	55.6
	Maré	395	46.6	1.91	6.0	65.3
	Complexo do Alemão	396	45.0	1.99	6.1	65.2
	Rocinha	434	45.8	2.14	5.7	76.4
	Cidade de Deus	440	45.8	2.17	7.2	60.8
Bairros de Renda Alta Cariocas		**2145**	**40.8**	**11.82**	**11.9**	**180.5**
	Lagoa	2766	41.2	15.18	12.3	224.7
	Barra da Tijuca	2664	42.3	14.21	11.2	238.5
	Botafogo	1913	40.3	10.73	12.3	155.4
	Copacabana	1761	40.7	9.77	11.8	149.1
	Tijuca	1631	40.0	9.22	11.8	137.7
Estado do Rio de Janeiro		**736**	**43.4**	**3.83**	**8.2**	**89.3**

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE,

MAPA TRABALHISTA
Subdistritos do Rio de Janeiro
População Ocupada

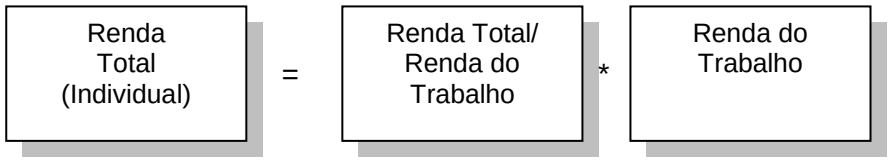
	Subdistrito	% da Renda do Trabalho	Taxa de Desemprego	Taxa de Participação	Idade	Tx de Formalidade
Grandes Favelas Cariocas		**80.6**	**19.1**	**70.1**	**27.3**	**68.92**
Rio de Janeiro	Jacarezinho	76.5	21.5	69.4	29.1	67.77
	Maré	82.1	18.2	70.6	27.0	67.77
	Complexo do Alemão	81.9	19.5	68.5	27.2	65.77
	Rocinha	82.0	17.2	72.5	26.0	73.60
	Cidade de Deus	74.7	22.3	67.9	29.0	71.34
Bairros de Renda Alta Cariocas		**62.9**	**9.9**	**71.2**	**38.3**	**74.53**
	Lagoa	63.0	8.7	71.6	38.8	75.20
	Barra da Tijuca	74.8	10.4	71.0	31.9	70.42
	Botafogo	63.1	9.2	72.7	39.5	76.48
	Copacabana	50.8	10.3	70.4	43.0	72.94
	Tijuca	61.0	11.4	69.5	38.8	76.75
Estado do Rio de Janeiro		**68.1**	**17.1**	**66.7**	**31.0**	**64.5**

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE,

b. Decomposição Trabalhista

Diversas são as variáveis que caracterizam a performance trabalhista, tais como a ocupação, o desemprego, o salário, a extensão da jornada e da participação no mercado de trabalho, entre outras. Uma dificuldade é a integração destes diversos componentes num arcabouço comum. Pois sempre estamos comparando laranjas com bananas. Isto é medidas baseadas em diferentes unidades como horas, com unidades monetárias e frações, etc . Seguimos aqui a literatura de bem estar utilizando como medida de desempenho social integradora a renda. Usamos aqui uma metodologia que mapeia os impactos da evolução de cada um dos principais ingredientes trabalhistas em termos do total de renda auferida individualmente por cada pessoa. Depois aplicamos aos habitantes das favelas e dos demais setores cariocas para captar as razões da evolução trabalhista destes segmentos ao longo do tempo.

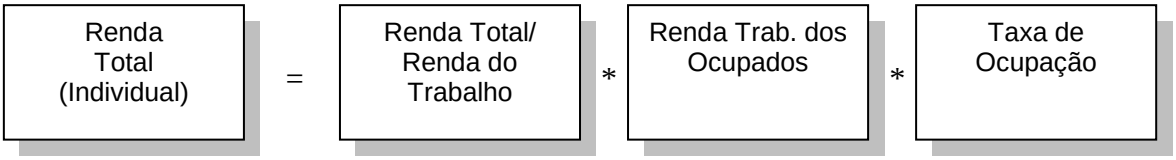
Inicialmente partimos da relação básica de que a renda total do indivíduo pode ser decomposta na relação entre renda total e renda do trabalho e na magnitude da renda do trabalho. Isto é obtido ao se multiplicar e dividir a renda total pela renda do trabalho e arrumando os termos de forma conveniente, já que a ordem dos fatores não altera o produto.



(RENDA TODAS AS FONTES DE RENDA / RENDA DE TODOS TRABALHOS):
Razão entre a renda total e a renda proveniente do trabalho. Mede a importância relativa do salário na composição da renda total da pessoa (quanto maior o indicador, menor a importância relativa do trabalho e maior a de outras rendas como as advindas de programas sociais, pensões ou de transferências privadas).

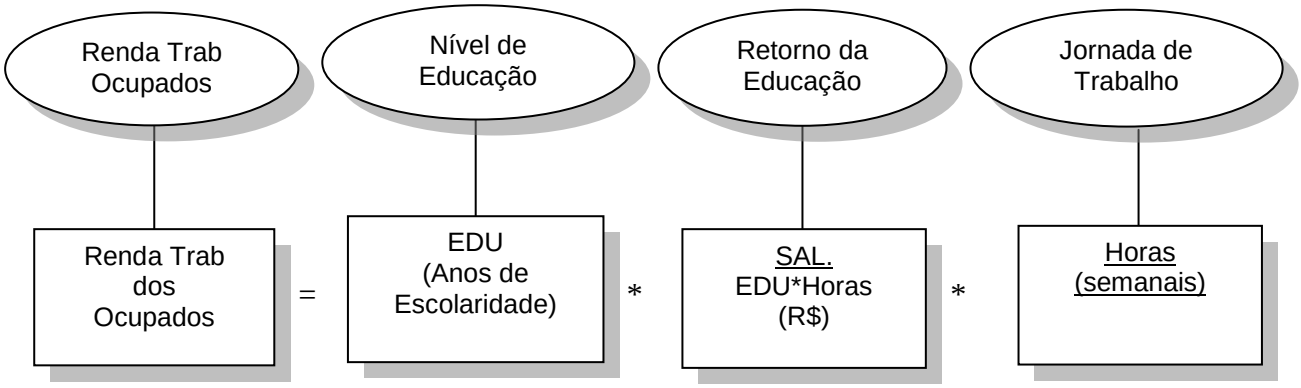
No esquema acima o primeiro termo capta o papel de redes de proteção social advindas de políticas públicas e de transferências privadas em alavancar a renda do trabalho individual. Já o segundo termo sintetiza o desempenho trabalhista.

A seguir damos um passo além e dividimos a renda do trabalho em dois componentes: renda trabalhista daqueles que estão ocupados (i.e., salário dos empregados) e taxa de ocupação multiplicando e dividindo os termos pelo número de ocupados. Chegamos assim aos três principais determinantes da renda aqui propostos:



Trabalhamos a seguir, com os dois últimos termos acima separadamente:

i. Decomposição do salário dos que estão ocupados:



(SALÁRIO / JORNADA * EDUCAÇÃO): *Razão entre o salário hora (remuneração média por cada hora trabalhada) e a educação média (anos completos de estudos). Mede o prêmio da educação no mercado de trabalho. Quanto maior o indicador, maior é a capacidade do indivíduo de transformar em renda cada unidade do investimento educacional realizado em cada hora trabalhada. Numa economia estagnada com muita oferta de educação tende a ser baixo. Este componente seria num mercado de trabalho competitivo equivalente a produtividade do trabalho.*
(NÍVEL DE EDUCAÇÃO): *Média de anos completos de estudos. Dá a magnitude do investimento realizado em capital humano.*
(JORNADA): *Média de horas trabalhadas nos dá a extensão do esforço empreendido.*

Este tipo de distinção sobre o que impacta a renda é particularmente relevante. Por exemplo, entre uma duplicação da renda de trabalho resultante de dobrar a carga de trabalho e outra onde as horas ficam paradas e o salário-hora dobra, a maioria das pessoas vai preferir o segundo. Similarmente, aumentar a renda por que aumentou a escolaridade reflete a recuperação de um investimento na educação. Como NERI 2008 mostra, o prêmio da educação no Brasil não só caiu porque aumentou a oferta na expansão educacional que se acelera a partir de 1995 como ele cai mais que aumentou a oferta, o que é até certo ponto surpreendente, refletindo a estagnação trabalhista pós 1997.

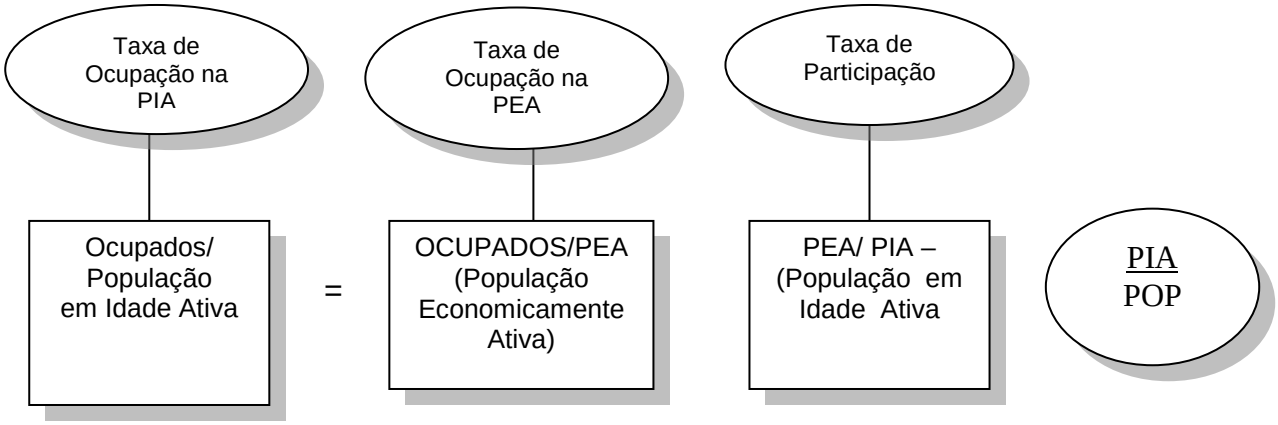
$$SAL = \left(\frac{SAL}{HOR*EDU} \right) * \left(EDU * HOR \right)$$

SAL = Renda do trabalho Salário

PEA = População Economicamente Ativa

POP = População

PIA = População em Idade Ativa

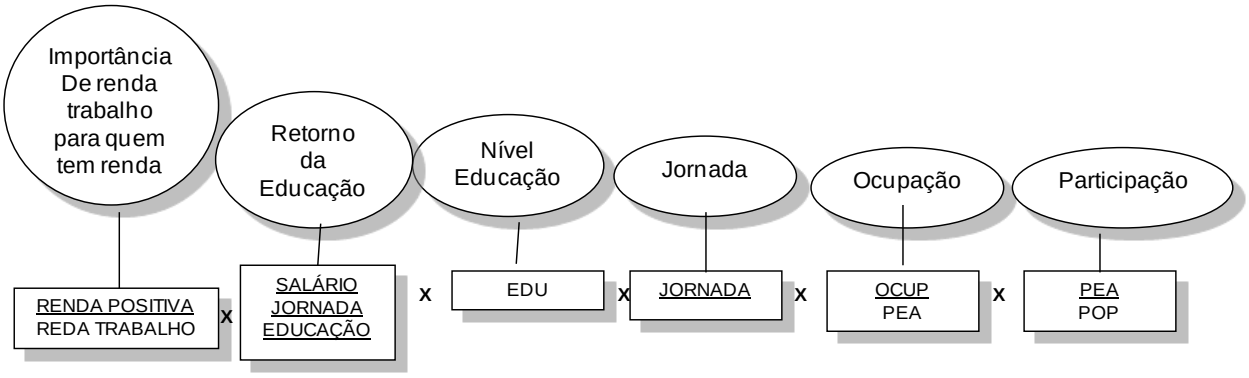


(NÚMERO DE OCUPADOS / POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA)): *Taxa de ocupação na população economicamente ativa. Mede a taxa de sucesso, ou seja, probabilidade de conseguir um emprego entre as pessoas que estão economicamente ativas (ocupadas ou desempregadas), ou seja, participando ativamente do mercado de trabalho. Este conceito corresponde ao complemento da definição clássica de desemprego. Por exemplo, se a estatística de ocupação for 75% então a taxa de desemprego será 25%, e assim por diante.*

(POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA) / POPULAÇÃO TOTAL NA FAIXA ETÄRIA): *Taxa de participação no mercado de trabalho. Mede o nível de participação da população, incluindo aqueles indivíduos que estão exercendo algum tipo de trabalho (ocupados) e aqueles que não exercem, mas estão a procura de emprego (desempregados).*

Neste exercício decompomos a renda (incluindo outras fontes não trabalhistas) dos habitantes em idade ativa (15 a 65 anos) de cada parte do Rio de Janeiro em diferentes pedaços a fim de analisar o impacto de cada componente no total. Ou seja, é possível estimar a renda total das pessoas que moram em aglomerados subnormais como resultado de um conjunto de fatores (salário, educação, retorno educacional, ocupação, participação no mercado de trabalho e da complementação de outras fontes de renda como aquelas advindas de programas sociais). Cada um destes fatores impacta de diferente forma a renda total observada.

Esquema que reúne as variáveis utilizadas:



PEA = População Economicamente Ativa
POP = População Total
PIA = População em Idade Ativa

Evolução de 1996 a 2008

Apresentamos abaixo a aplicação desta decomposição aos moradores entre 15 e 65 anos do município no período entre 1996 e 2008. Ao contrário dos setores não especiais, houve aumento de 0,19% ao ano o que corresponde a um ganho acumulado no período na renda média auferida individualmente por cada habitante na favela de 2,3% que passa de R$ 480 para R$ 491. Já nos setores não especiais a renda caiu a taxa de -0,85% ao ano. Agora, o que explica a variação de renda? Em primeiro lugar e mais importante, destacamos os fatores expansionistas ligados ao nível de escolaridade de 1,25% a.a. nas favelas (contra 0,83% a.a. dos demais setores). A educação média cresce cerca de um ano completo de estudo no período nas favelas. Há fatores contracionistas associados a deterioração redução da capacidade de cada ocupado na favela transformar esta maior educação em renda trabalhista de -1,34% a.a. nas favelas (contra -1,91% a.a. dos setores não especiais). Ou seja, a redução do premio educacional fruto da

estagnação trabalhista roubou todo o ganho que seria auferido pelo aumento educacional nas favelas (e gerou um efeito negativo nos setores especiais). Ou invertendo a análise, se a quantidade de educação dessa população não tivesse aumentado e tudo mais constante, a renda nos aglomerados subnormais teria contraído a taxa de -1,34% a.a. por conta desta redução do retorno da educação fruto da estagnação trabalhista.

Olhemos agora a jornada de jornada: o crescimento nas favelas foi de 0,35% a.a. que correspondente em aumentar de 43,1 horas semanais em 1996 para 44,9 em 2008 (contra 0,14% a.a. dos demais setores). Sintetizando os três fatores salariais nas favelas, a renda de cada ocupado cresceu em termos líquidos 0,26% a.a., mas o rendimento por hora caiu fruto da maior quantidade de trabalho exercido por cada ocupado. Com relação aos deslocamentos ocupacionais acumulados, no período, a taxa de participação sobe 0,25% a.a. nas favelas (0,61% fora delas, o único fator mais expansionista fora das favelas) e a taxa de ocupação na população economicamente ativa cai -0,42% a.a (-0,45% nos não especiais). Ou seja, houve aumento proporcional da força de trabalho ativa, mas a probabilidade de cada habitante ter acesso a um posto de trabalho cai. Finalmente, há uma tendência expansionista de outras fontes de renda, em particular aquela provinda de programas sociais de 0,11% a.a. (-0,05% do resto da cidade).

Em suma, mais uma vez a renda trabalhista nas favelas aumenta e a do asfalto cai no período 1996 a 2008. Todos os indicadores clássicos de mercado de trabalho com exceção da taxa de participação tem um comportamento mais expansionista (ou menos contracionista nas favelas que nos demais setores, aí incluindo a educação e o retorno da educação, a jornada de trabalho e a taxa de ocupação na PEA que corresponde ao complemento do desemprego).

15 a 65 anos								
Local de moradia								
Categoria	Ano	Renda de Todas as Fontes =	Renda de Todas as Fontes / Renda de Todos os Trabalhos x	Salário-Hora por Anos de Estudo dos Ocupados x	Anos de Estudo dos Ocupados x	Horas Trabalhadas x	Taxa de Ocupação na PEA x	Taxa de Participação no Mercado de Trabalho
Não especial	2008	1278,88	1,2277	3,836	10,805	42,361	0,832	0,713
	1996	1416,28	1,2346	4,835	9,783	41,671	0,878	0,663
	Taxa de Variação Anual (%)	-0,85	-0,05	-1,91	0,83	0,14	-0,45	0,61
Aglomerado subnormal	2008	491,13	1,1155	2,335	7,052	44,946	0,834	0,713
	1996	480,25	1,1004	2,746	6,072	43,081	0,877	0,692
	Taxa de Variação Anual (%)	0,19	0,11	-1,34	1,25	0,35	-0,42	0,25

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Entre 2001 e 2008

Centrando nossa análise nos anos da última década, ou seja, as PNADs coletadas no período 2001 a 2008, os aglomerados subnormais apresentam resultados qualitativamente parecidos, porém mais expansionistas quantitativamente, daqueles discutidos acima a taxa de variação anualizada obtida nesses anos de 2,21% a.a. (contra 1,17% dos setores não especiais). Na decomposição dos fatores, continuamos observando crescimento da educação dos ocupados (sobe 2,56 % a.a. de 2001 a 2008), acompanhada por uma tendência de queda do retorno da educação -2,78% a.a. e um aumento da jornada 1,23% a.a.. Enquanto isso, os fatores ocupacionais correspondem a mais 0,1% a.a. de aumento da taxa de ocupação na PEA e 1,33% a.a. de aumento de taxa de participação na PIA. Ou seja, os principais elementos expansionistas são a escolaridade e a participação no mercado de trabalho que tipicamente são as variáveis.

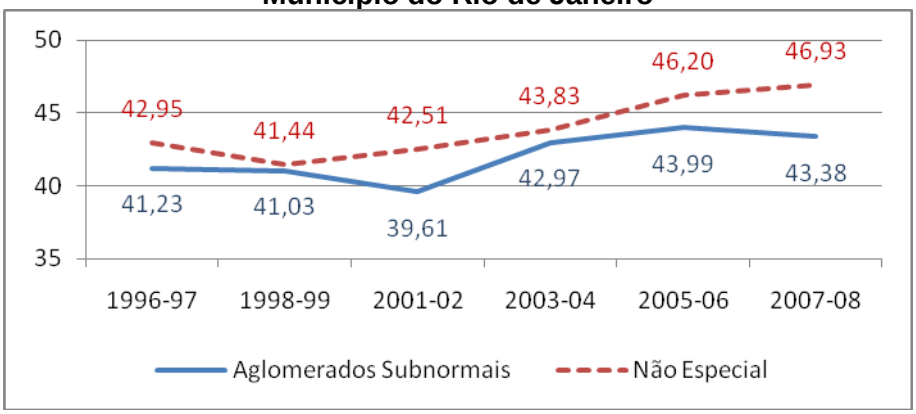
15 a 65 anos								
Local de moradia								
Categoria	Ano	Renda de Todas as Fontes =	Renda de Todas as Fontes / Renda de Todos os Trabalhos x	Salário-Hora por Anos de Estudo dos Ocupados x	Anos de Estudo dos Ocupados x	Horas Trabalhadas x	Taxa de Ocupação na PEA x	Taxa de Participação no Mercado de Trabalho
Não especial	2008	1278,88	1,2277	3,836	10,805	42,361	0,832	0,713
	2001	1179,09	1,2746	4,086	10,017	40,956	0,823	0,669
	Taxa de Variação Anual (%)	1,17	-0,53	-0,9	1,09	0,48	0,16	0,91
Aglomerado subnormal	2008	491,13	1,1155	2,335	7,052	44,946	0,834	0,713
	2001	421,4	1,1265	2,844	5,91	41,255	0,828	0,65
	Taxa de Variação Anual (%)	2,21	-0,14	-2,78	2,56	1,23	0,1	1,33

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

c. Análise Ocupacional Recente

Voltamos aos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, para monitorar a evolução recente do mercado de trabalho no interior do município. A taxa de ocupação nos aglomerados subnormais cariocas atinge o nível mais baixo no biênio 2001-02 com 39,61%, assumindo trajetória ascendente a partir de então até 44,8% em 2006-07, mas caindo para 43,4% em 2007-08. No último período, a taxa de ocupação nessas localidades está 3,5 pontos percentuais inferior ao nível apresentado nas demais localidades cariocas. Numa perspectiva de longo prazo, observando o avanço dos últimos 12 anos, a proporção de ocupados residentes nas favelas sofre pequeno aumento (41,23% em 1996-97 contra 43,38% em 2007-08).

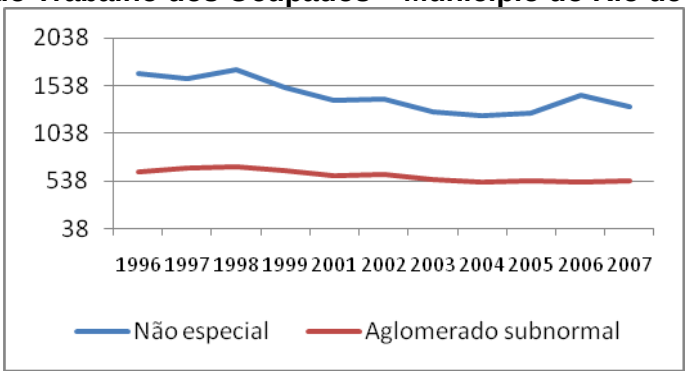
Taxa de Ocupação
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

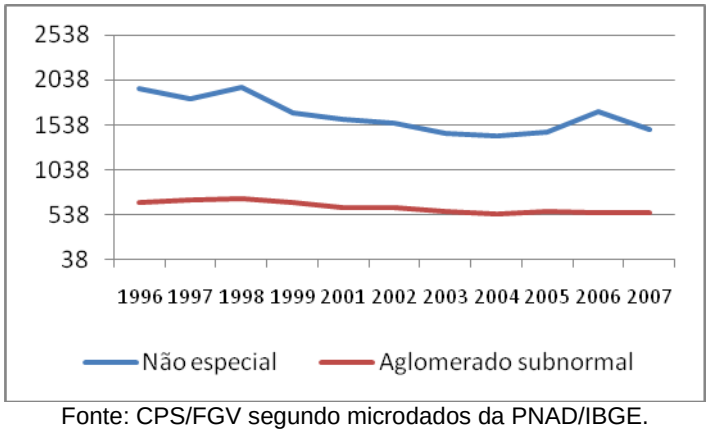
Decompondo a Renda dos Ocupados: Ao restringirmos a análise aos ocupados, os dois universos espaciais apresentaram queda na renda do trabalho desde o início das séries. A redução de salário dos cariocas foi de 18,5% no período entre 1996 e 2007, esta menos sentida nas favelas (cai 15,7% contra de 20,4% dos outros locais). Ao incluirmos outras fontes de renda individuais observamos trajetória semelhante, conforme podemos ver no segundo gráfico abaixo.

Renda do Trabalho dos Ocupados – Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.

Renda dos Ocupados – Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.

Decompondo em diferentes fontes a renda dos ocupados cariocas, os dados são robustos e mostram a maior importancia da renda do trabalho nas favelas (87,7% contra 83,7% nas demais

localidades). Em termos de transferências públicas, os programas sociais respondem por 0,52% da renda dos ocupados nas favelas cariocas (0,59% no resto do Rio), enquanto a previdência até 1 salário- mínimo contribui com 4,5% (1,06%). Já quando avaliamos a previdência acima de 1 salário-mínimo destacamos as demais localidades (16,08% da renda).

Decomposição de Renda Domiciliar *Per Capita* por Fontes de Renda

Nível de Rendimentos Ocupados – Município do Rio

Categoria	Ano	Renda todas as fontes	Renda todos os trabalhos	Outras rendas privadas	Transferências Pública - BF*	Piso Previdencia - SM*	Previdência Pós-piso > SM*
Não especial	2007	1.075,7	900,31	14,37	6,3	11,39	143,32
Aglomerado subnormal	2007	358,63	314,67	2,43	1,87	16	23,66

Fonte: CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.

Decomposição de Renda Domiciliar *Per Capita* por Fontes de Renda

Participação (%) das Diferentes Fontes Ocupados – Município do Rio

Categoria	Ano	Renda todas as fontes	Renda todos os trabalhos	Outras rendas privadas	Transferências Pública - BF*	Piso Previdência - SM*	Previdência Pós-piso > SM*
Não especial	2007	100	83,70	1,34	0,59	1,06	13,32
Aglomerado subnormal	2007	100	87,74	0,68	0,52	4,46	6,60

Fonte: CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE

8. Condições de Moradia e Vida na Cidade Partida

a. Cidade de Deus: O Reassentamento

Cidade de Deus, o filme brasileiro com maior número de indicações da história do Oscar, tem como cenário uma comunidade que protagonizou uma valiosa experiência sobre efeitos de reassentamentos urbanos a partir da remoção de favelas. O relativamente longo período da existência da comunidade, cuja criação remonta a 1966, na cidade do Rio de Janeiro, permite extrair lições úteis para o desenho de um *menu* de políticas alternativas de provisão de infraestrutura pública em áreas desfavorecidas ou de regularização fundiária, em pauta no debate político, função da crise metropolitana brasileira em curso. Mais metropolitano e favelizado estado da federação, o Rio de Janeiro pode ser um privilegiado laboratório de políticas habitacionais.

A realocação de comunidades marginalizadas é um exercício complexo de economia política que pode ser visto de acordo com as diferentes perspectivas dos diversos tipos de atores envolvidos no processo. Em primeiro lugar, a dos antigos vizinhos da favela, no coração da Zona Sul carioca, que perceberam um ganho de capital derivado da valorização imobiliária. Em segundo, as perspectivas do setor público, aí incluindo aspectos políticos e financeiros imediatos e futuros, como custos de remoção ou mudanças prospectivas na arrecadação de impostos, como o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). Por último, mas não menos importante, a ótica dos reassentados, que se confunde com a narrativa perseguida no filme.

É a partir dessa última perspectiva que analisemos as condições de habitação, trabalho e vida dos moradores da Cidade de Deus com base no Censo 2000. Em particular, até que ponto a comunidade compartilha os mesmos problemas sociais de outras favelas de grande porte da cidade do Rio de Janeiro, como Rocinha, Complexo do Alemão, Jacarezinho e Maré.[101] Essas comunidades constituem 5 das 32 regiões administrativas cariocas e podem ser analisadas em detalhe a partir do Censo 2000 do IBGE.[2] A comparação desses retratos sociais fornece impressões iniciais sobre possíveis implicações dos reassentamentos.

Comecemos por alguns indicadores ligados à habitação, relacionados à própria origem da Cidade de Deus. A proporção de moradias em terreno próprio (82,8%) é maior que a média das outras quatro comunidades (73,2%) e mesmo de outras do Estado do Rio de Janeiro. O volume de financiamento habitacional (6,9%) é bem superior ao das quatro comunidades (1,5% da média), o que legitima a ideia de que acesso a crédito e maior formalidade dos direitos de propriedade fundiária caminha de mãos dadas. O acesso das famílias a bens duráveis de alto valor, mais sujeito a restrições de crédito, é maior na Cidade de Deus do que nas demais

[10] Apesar de não ser parte favela e parte conjunto habitacional, os habitantes da Maré a tratam pelo nome de favela.

comunidades — máquinas de lavar (55,4% contra 38,3%), automóveis (19,3% contra 12,8%), televisores (99,1% contra 97,4%) e gravadores de videocassete (61% contra 53,6%) —, o que permitiu à quase totalidade de seus habitantes assistirem à cerimônia do Oscar e depois a mais da metade deles assistir ao filme no conforto de seus lares[113]

Além de financiamento habitacional e títulos de propriedade, um sinal da presença do Estado na vida dos moradores da Cidade de Deus é o acesso a alguns serviços públicos. A comparação, no entanto, revela números próximos aos das outras comunidades analisadas: rede geral de água (98,2% contra 97,7%), canalização no domicílio (98,3% contra 96,2%) e iluminação (99,1% contra 99,4%). O lixo coletado é o único item a apresentar maior discrepância favorável à comunidade: (79,1% contra 52,4% das outras 4 comunidades).Como vimos na tabela da seção anterior, das 5 comunidades analisadas, a da Cidade de Deus tem a maior renda média do trabalho: R$ 439 contra R$ 396 da média das outras 4, embora a jornada de trabalho permaneça em nível idêntico: 45,8 horas semanais. O diferencial salarial pode ser explicado pela maior escolaridade média dos ocupados (7,2 anos completos de estudo), também a mais alta entre as quatro comunidades analisadas (6,1 anos). Como a taxa histórica brasileira leva cerca de uma década para que escolaridade média suba um ano, a Cidade de Deus está cerca de uma década à frente das demais favelas, mas 10 anos atrás da totalidade do estado. No item taxa de desemprego, os 22,3% registrados pela comunidade representam o recorde entre as grandes favelas cariocas (média de 19,1%) e de todas 32 regiões administrativas da cidade ou dos 92 municípios do estado. A alta taxa de desemprego não resulta de maior atividade econômica, visto que a Cidade de Deus tem a menor taxa de participação no mercado de trabalho entre as favelas consideradas (67,9% contra 70,2% da média). A diferença fundamental na renda percebida no grupo de comunidades é a maior participação de transferências pelo estado, que é mais importante na Cidade de Deus (25,3% contra 19,4%). As condições de moradia da comunidade estão mais próximas das observadas nas grandes favelas cariocas do que no resto da cidade. No entanto, a carência de Estado aparece um pouco menos ali do que nas demais favelas.

Obviamente, simples comparações de retratos de comunidades diversas tiradas num dado ponto do tempo não são capazes de determinar relações de causalidade entre reassentamentos e condições de moradia e de trabalho dos envolvidos. Para isso, era preciso ter uma sequência de

[11] Dos habitantes da Cidade de Deus, 24,2% têm renda familiar *per capita* inferior a meio salário- mínimo, índice idêntico à média das demais comunidades de baixa renda analisadas. Consistentemente com as imagens do filme, a Cidade de Deus é a região administrativa carioca com maior presença de pessoas que se consideram negros ou pardos (62%), mas — diferentemente do nome — é a terceira em proporção de pessoas sem religião.

fotografias, de modo a permitir comparar as mesmas pessoas antes e depois da mudança,[12] ou preferivelmente um filme que acompanhasse a história de vida dessas pessoas.[13]

Duráveis e Moradia

	Acesso a Bens Duráveis				Financiamento Habitacional	Regularização Fundiária
	Tem máquina de lavar	**Tem automóvel**	**Tem televisão**	**Tem videocassete**	**Domicílio próprio pagando**	**Terreno próprio**
Cidade de Deus	**55.4%**	**19.3%**	**99.1%**	**61.0%**	**6.9%**	**82.8%**
Média das demais 4 favelas	**38.3%**	**11.9%**	**97.4%**	**53.6%**	**1.5%**	**73.1%**
Maré	38.0%	14.3%	97.1%	49.6%	4.2%	67.3%
Rocinha	35.6%	8.9%	96.9%	54.1%	0.4%	71.7%
Complexo do Alemão	38.3%	15.2%	97.6%	53.9%	0.8%	82.6%
Jacarezinho	41.2%	9.0%	98.0%	56.7%	0.7%	71.0%
UF (Rio de Janeiro)	52.1%	34.2%	97.4%	57.6%	5.7%	70.6%

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000/IBGE.

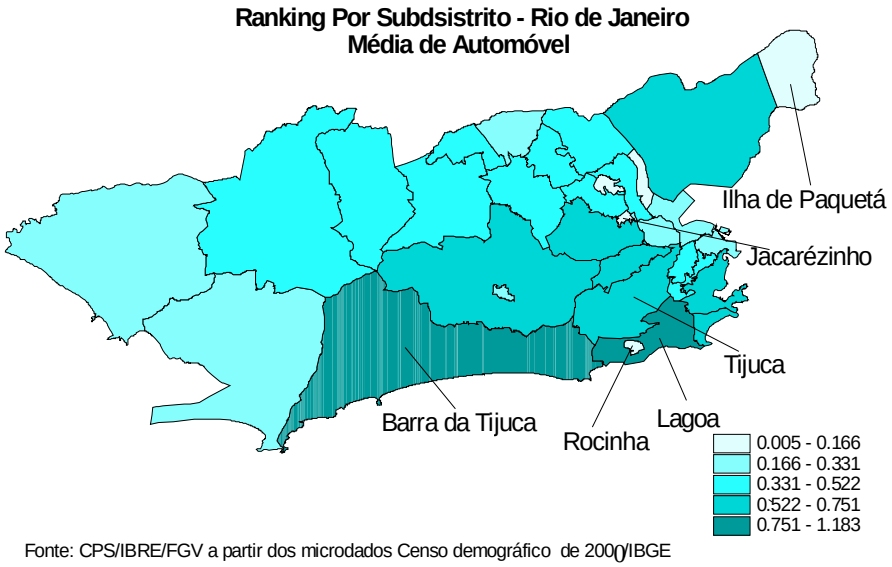
Serviços e Transferências Públicas

	Acesso a Serviços Públicos				Transferências
	Água rede geral	**Canalização domicílio**	**Iluminação elétrica**	**Lixo coletado**	**% da Renda Não Trabalho**
Cidade de Deus	**98.2%**	**98.3%**	**99.1%**	**79.1%**	**25.3%**
Média das demais 4 favelas	**97.7%**	**96.2%**	**99.4%**	**52.4%**	**19.4%**
Maré	99.5%	97.5%	99.6%	85.0%	17.9%
Rocinha	95.3%	96.4%	98.3%	10.7%	18.0%
Complexo do Alemão	97.6%	92.9%	99.9%	48.8%	18.2%
Jacarezinho	98.5%	97.9%	99.7%	64.8%	23.5%
UF (Rio de Janeiro)	81.8%	92.9%	98.9%	83.0%	31.9%

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000/IBGE.

[12] No programa Favela-Bairro, recentemente empreendido pelo Instituto Pereira Passos, é um excelente exemplo deste tipo de metodologia.

[13] Janice Perlman realiza agora nova pesquisa de campo, entrevistando novamente moradores (e seus familiares) de algumas favelas cariocas, o que faz há 35 anos. Entre eles, ex-moradores da favela da Catacumba removidos da Lagoa Rodrigo de Freitas para a Cidade de Deus. Há cerca de um ano encontrei Janice no aeroporto de uma cidade do Nordeste, onde estava em busca de ex-moradores que tinham regressado à terra natal.



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo demográfico de 2000/IBGE

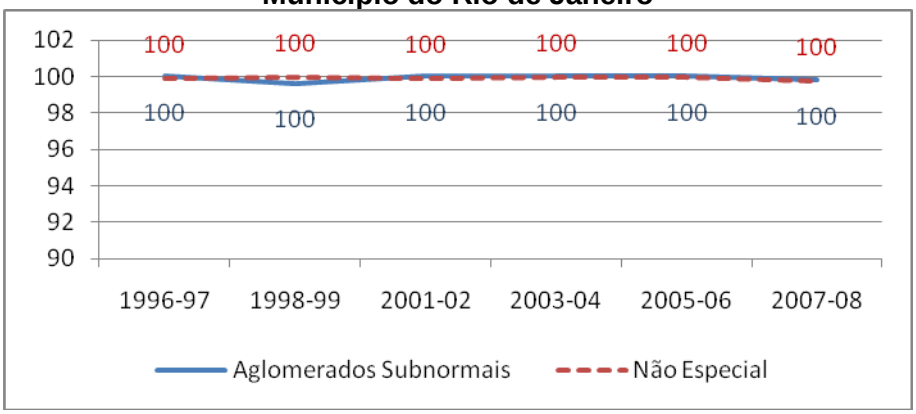
b. Serviços Públicos e Ativos Privados: Evolução Recente

Nosso objetivo agora é olhar para fora e medir sob a ótica da PNAD o déficit atual das favelas frente aos setores não especiais no acesso a serviços públicos e a posse de ativos privados. Apresentamos a seguir a evolução de indicadores sobre as condições de vida em geral nos aglomerados subnormais cariocas e no restante da cidade. Além de descrever a evolução destes indicadores, aplicaremos exercícios de diferença em diferença a fim de captar o desempenho relativo das chamadas favelas cariocas frente às demais localidades do município do Rio de Janeiro. Aplicaremos também exercícios similares para ver como as desigualdades cariocas de gênero, raça, escolaridade, idade, posição na ocupação, entre outras interage com essas dimensões espaciais.

Serviços Públicos

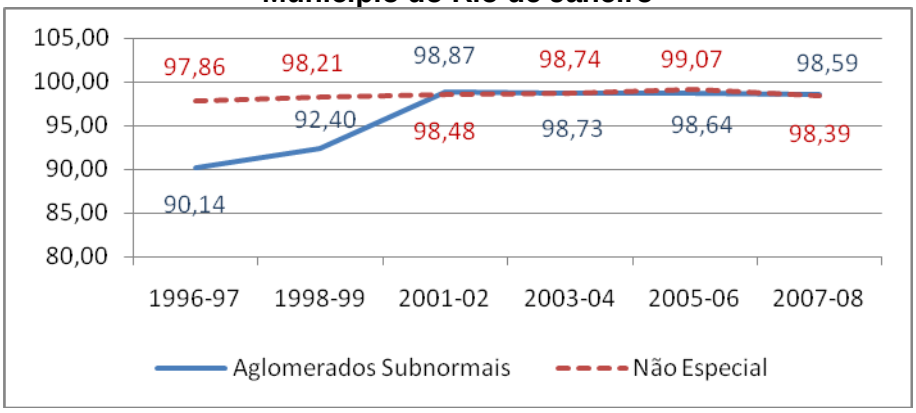
No município do Rio de Janeiro, os serviços de eletricidade e água já estão disponíveis para toda a população. Os índices de atendimento giram em torno de 100% para energia elétrica desde a década passada, enquanto que o abastecimento de água chegam a mais de 98% dos habitantes. Vale notar o salto apresentado pelo atendimento nas favelas na virada da década (sobem de 90,1% no biênio 1996-97 para 98,4% em 2007-08). Os gráficos seguintes apresentam a trajetória de acesso a outros dois serviços públicos. Mostram que a coleta direta do lixo nas favelas é ainda hoje bastante inferior ao restante da cidade (67,41% contra 92,17%), apesar de ter crescido 10,5 pontos de percentagem desde o início da série.

Acesso a Eletricidade (%)
Município do Rio de Janeiro



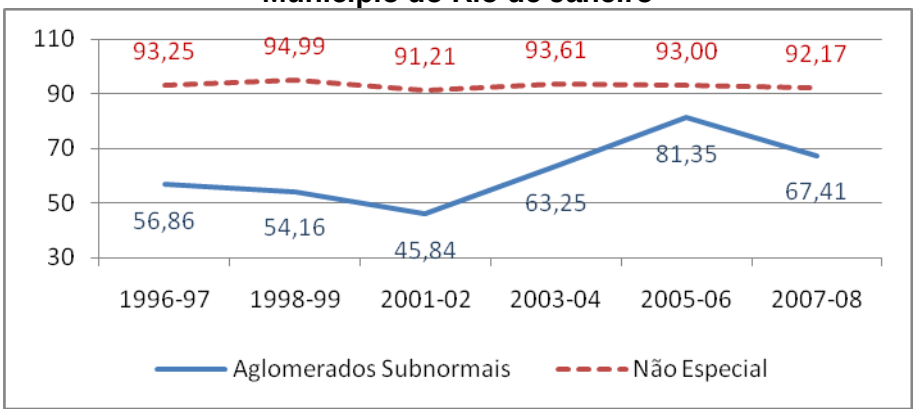
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

% Acesso a Água Canalizada - Rede Geral de Distribuição
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Acesso a Coleta Direta do Lixo (%)
Município do Rio de Janeiro

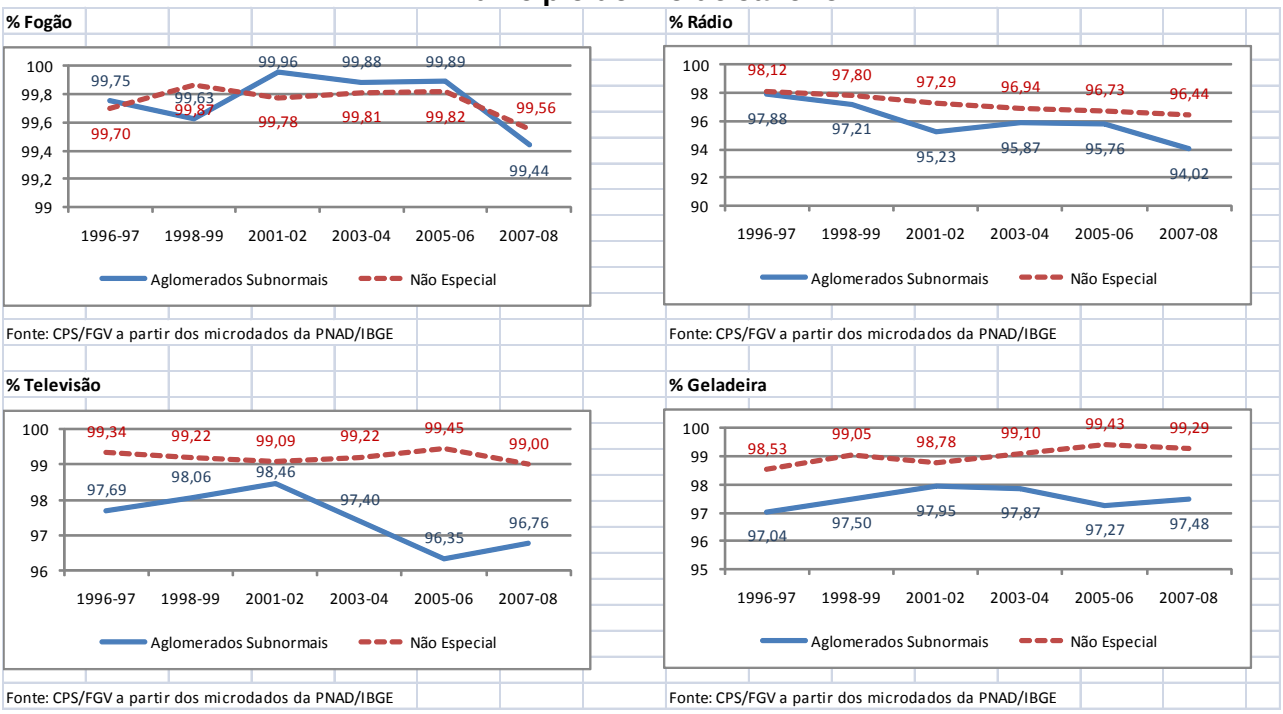


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Posse de ativos privados

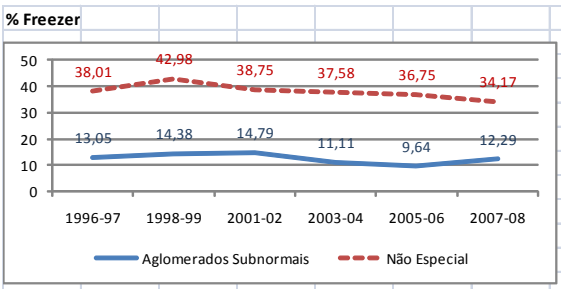
Note pelos gráficos abaixo que apesar de superior fora dos aglomerados subnormais, o acesso a bens mais básicos não é tão desigual para os dois universos de análise. De acordo com a PNAD, a taxa de acesso para os bens duráveis nos aglomerados subnormais versus o restante da cidade no biênio 2007-08 são os seguintes: a) fogão (99,5% contra 99,6%), rádio (94% contra 96,44%), TV (96,8% contra 99%) e geladeira (97,5% contra 99,29%).

Acesso Bens de Consumo (%)
Município do Rio de Janeiro

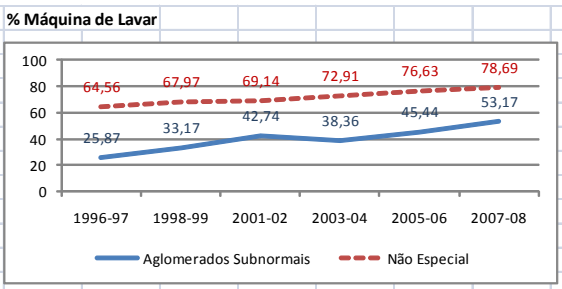


Em outro patamar encontramos o acesso a bens como freezer (12,29% contra 37,17%) e máquina de lavar (53,17% contra 78,69%). Geralmente mais caros que os primeiros, a distância no acesso a esses itens são nitidamente superiores fora dos aglomerados subnormais. No quesito evolução destacamos o acesso à máquina de lavar que dobrou nos aglomerados subnormais ao longo do tempo.

Acesso Bens de Consumo (%)
Município do Rio de Janeiro



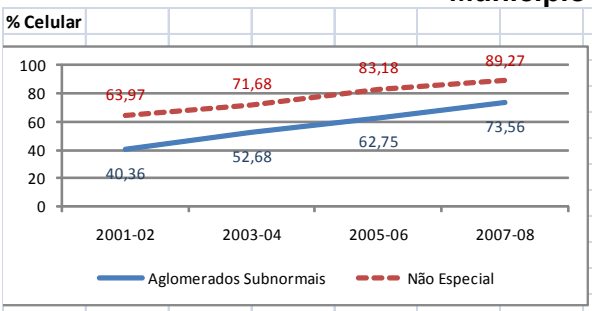
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE



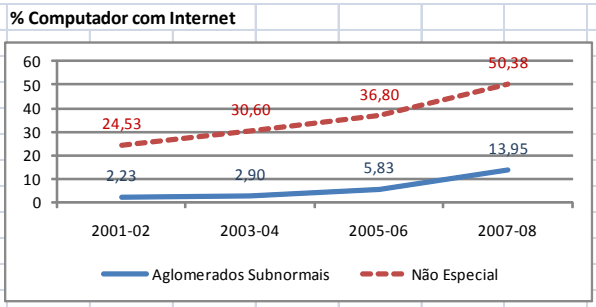
Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Por fim, analisando o acesso a ativos digitais, notamos que o telefone celular (73,56% contra 89,27%) tornou-se em 7 anos muito mais acessível aos moradores de aglomerados subnormais, diminuindo a distância observada no período inicial. Já o computador com internet, considerado um importante instrumento de uso dos produtores, mesmo multiplicando por 6 a taxa inicialmente vista nas favelas, ainda é muito desigual comparado ao restante da cidade (13,95% contra 50,38%). Apresentamos em seguida o gráfico que capta bem a evolução tecnológica que vem sendo vista no Rio de Janeiro atual.

Acesso Bens Digitais (%)
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

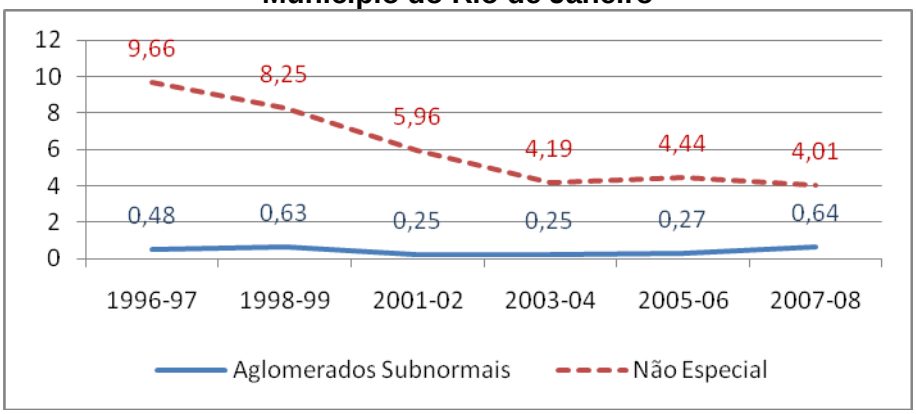


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Serviços Financeiros

Em seguida avaliamos o acesso a financiamento de moradia que julgamos uma variável importante para medir o acesso a crédito pela população. Os resultados não são muito animadores e mostram uma grande distância no acesso a financiamento da casa própria (0,64% contra 4%). Essa distância diminuiu ao longo do tempo, não pelo aumento desta modalidade de credito para os moradores das favelas, e sim pela diminuição vista no restante da cidade.

Acesso Financiamento de Imóvel (%)
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Panorama de Evolução: Condições de Vida da População Carioca

Devido à sua natureza anual, a PNAD nos permite monitorar a evolução de diversos indicadores sociais baseados em renda. O lançamento dos dados da PNAD é o momento quando a sociedade se debruça sobre uma espécie de espelho vê a sua cara e avalia os seus avanços e percalços. O panorama disponível no site da pesquisa apresenta a evolução temporal de diferentes indicadores como miséria, classes econômicas, renda, desigualdade e educação (entre outros indicadores sobre as condições gerais de vida da população). Estas informações estão disponíveis para consulta desde 1996 e podem ser cruzadas com série de características populacionais.

A seguir um quadro das variáveis disponíveis para cruzamento. Lembrando que todos esses indicadores podem ser analisados para aglomerados subnormais e o restante da cidade: i) características sócio-demográficas como sexo, idade, anos de estudo, raça, a posição na família; ii) características do produtor como posição na ocupação, contribuição, educação e acesso a ativos digitais; iii) características do consumidor como acesso a bens de consumo e serviços. Para saber mais sobre a característica analisada, basta clicar com o mouse em cima do item a ser analisado que aparecerá a pergunta que deu origem a variável, exatamente da forma como foi pesquisada.

http://www.fgv.br/ibrecps/Rio/CPC_evolucao_temporal_municrj/index2.htm

Acesso Controlado

Serviços Públic
abastecimento de água e
da favela possuir acesso
de lixo. A disponibilidad
município do Rio de Jane
2005/08, quando compar
frente à outra, percebemo
das favelas.

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
asubnormal	Não	1.1904	0.0620	368.68	**	3.29
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo2	a2001 a 2004	1.9999	0.1349	219.87	**	7.39
anoo2	b2005 a 2008	1.8454	0.1276	209.07	**	6.33
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Não	-1.6784	0.1490	126.95	**	0.19
asubnormal*anoo2	Não	-1.3894	0.1437	93.51	**	0.25
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Lixo Coletado

	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
Asubnormal	Não	1.7504	0.0970	325.85	**	5.76
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo2	a2001 a 2004	1.5874	0.1521	108.98	**	4.89
anoo2	b2005 a 2008	1.4361	0.1442	99.19	**	4.20
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Não	-1.0876	0.1962	30.72	**	0.34
asubnormal*anoo2	Não	-0.5085	0.2042	6.20	**	0.60
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Telefonia: A chance
quando analisamos telefoni
acesso a um telefone fixo
quando comparado a 1996a
do início da década atual,
relativamente maior nas fav

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
asubnormal	Não	1.6897	0.0449	1414.59	**	5.42
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo2	a2001 a 2004	1.8489	0.0524	1244.89	**	6.35
anoo2	b2005 a 2008	1.9279	0.0524	1355.69	**	6.88
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Não	-0.4415	0.0556	63.12	**	0.64
asubnormal*anoo2	Não	-0.1862	0.0559	11.11	**	0.83
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Telefonia Móvel

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
asubnormal	Não	0.8325	0.0354	553.94	**	2.2990
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.0000
anoo2	a2001 a 2004	-0.9494	0.0420	510.28	**	0.3870
anoo2	b2005 a 2008	0.0000	0.0000	.		1.0000
asubnormal*anoo2	Não	-0.1972	0.0467	17.79	**	0.8211
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.0000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.0000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.0000

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Financiamento d

maior), o financiamento d

estatisticamente igual ao

os avanços locais, as fave

M

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
asubnormal	Não	2.8453	0.1710	276.75	**	17.21
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo2	a2001 a 2004	-0.7830	0.3254	5.79	**	0.46
anoo2	b2005 a 2008	-0.2222	0.2692	0.68		0.80
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Não	0.1779	0.3270	0.30		1.19
asubnormal*anoo2	Não	-0.6065	0.2713	5.00	**	0.55
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Previdência Privada: Quando comparamos indivíduos exatamente iguais, as chances de contribuição à previdência privada não são estatisticamente diferentes nas favelas ou fora delas. Com queda controlada para o município no período (a chance de contribuição em 2005a2008 é 35% menor que no inicio da série), houve um ganho relativo das áreas localizadas fora dos aglomerados subnormais (principalmente no período de 2001a2004).

Modelo Logístico de Contribuição à Previdência Privada

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
asubnormal	Não	-0.0013	0.1099	0.00		0.99869
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00000
anoo2	a2001 a 2004	-1.4763	0.2471	35.70	**	0.22847
anoo2	b2005 a 2008	-0.4184	0.1643	6.49	**	0.65807
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00000
asubnormal*anoo2	Não	1.0916	0.2514	18.86	**	2.97912
asubnormal*anoo2	Não	0.4255	0.1693	6.32	**	1.53043
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00000

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Avaliação dos Serviços: O Censo das Favelas

Pesquisa recente mostra a realidade de algumas comunidades do Rio de Janeiro (Rocinha, Complexo do alemão e Manguinhos). Dentre os serviços públicos avaliados pelos moradores das três comunidades entrevistadas estão consistentes com os dados de atendimento apresentados ao longo do texto. O abastecimento de água e fornecimento de energia elétrica são os mais bem avaliados em geral. Transformadas em nota de 1 a 5, na Rocinha a avaliação média dos serviços de água e energia são 3,35 e 3,37; no Complexo do Alemão são 3,34 e 3,39; e em Manguinhos 3,25 e 3,01. Chamamos atenção à avaliação no recolhimento/tratamento do lixo na visão dos moradores das duas últimas comunidades, com 3,37 no Complexo do alemão e 3,17 em Manguinhos, estão bem acima da Rocinha 2,79. Os itens ligados à segurança pública e aqueles relacionados a desastres como incêndios e deslizamentos são pior avaliados. A nota média atribuída à segurança pública pelos moradores é 2,38 na Rocinha, 2,52 no Complexo do Alemão e 1,87 em Manguinhos. Com relação às oportunidades de trabalho e renda, a Rocinha está acima 2,78 (contra 2,1 e 1,89 das demais comunidades).

Avaliação Média de Serviços – Nota de 1 a 5

	Rocinha	Complexo do Alemão	Manguinhos
O abastecimento de água	3,35	3,34	3,25
O escoamento do esgoto	2,92	3,19	2,71
O recolhimento/tratamento dado ao lixo	2,79	3,37	3,17
O calçamento/pavimentação em frente a sua casa	2,75	2,86	2,56
O escoamento de água de chuva	2,86	3,05	2,51
Fornecimento de energia elétrica	3,37	3,39	3,01
Segurança pública	2,38	2,51	1,87
Segurança em relação a incêndios	2,53	2,39	1,94
Segurança em relação a deslizamento/desabamento/desmoronamento	2,7	2,42	2,15
Oportunidades de trabalho e renda	2,78	2,1	1,89
Com relação a unidade de saúde que utiliza, qual sua avaliação	2,81	2,8	2,85

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo das Favelas/Governo do Estado do Rio de Janeiro

Apresentamos o mesmo quadro anterior com a proporção de indivíduos que avaliam como bons ou muito bons esses diferentes itens. No anexo disponibilizamos uma série de outras informações processadas a partir do Censo das Favelas.

AVALIAÇÃO - ÓTIMA OU BOA (%)

	Rocinha	Complexo do Alemão	Manguinhos
O abatecimento de água	52,70	57,66	52,85
O escoamento do esgoto	32,94	53,51	35,06
O recolhimento/tratamento dado ao lixo	27,23	58,76	49,90
O calçamento/pavimentação em frente a sua casa	24,11	35,44	26,86
O escoamento de água de chuva	28,70	44,35	27,25
Fornecimento de energia elétrica	55,67	56,73	45,87
Segurança pública	13,74	11,77	7,74
Segurança em relação a incêndios	14,64	7,53	5,78
Segurança em relação a deslizamento/desabamento/desmoronamento	20,64	8,09	7,20
Oportunidades de trabalho e renda	23,67	5,20	4,67

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo das Favelas Governo do Estado do Rio de Janeiro

9. Diferença na Desigualdade: Diferenciais de Renda na Cidade Partida:

Apresentamos nessa seção uma fotografia desagregada dos ganhos de renda pela população carioca. Procuramos identificar num primeiro momento a desigualdade no interior das favelas, avaliando quais são os grupos mais vulneráveis, assim como uma comparação relativa com o resto do município. As tabelas a seguir apresentam um perfil da renda auferida ao longo dos últimos 11 anos. Uma vez que o conceito de renda a domiciliar per capita assume a perfeita socialização da renda no interior dos domicílios em sua grande maioria co-habitado por pessoas de características diferentes tais como sexo, idade, educação etc, optamos por utilizar o conceito de rendimento individual recebido. Dessa forma é possível captar as diferenças por atributos do indivíduo entre moradores de diferentes tipos de áreas dentro do município.

Sexo: Encontramos uma grande diferença na quantidade de renda auferida por homens e mulheres que residem nas favelas. No último biênio, os ganhos de renda foram R$ 442 reais para eles contra R$ 263 para elas. Apesar de elevado ainda, o diferencial entre os gêneros vem diminuindo ao longo do tempo. A diferença de 68% a mais na renda deles, já foi mais elevada (era 2,1 vezes maior no início da série) e sempre esteve mais presente nos aglomerados subnormais vis a vis o restante da cidade (note as linhas paralelas do gráfico).

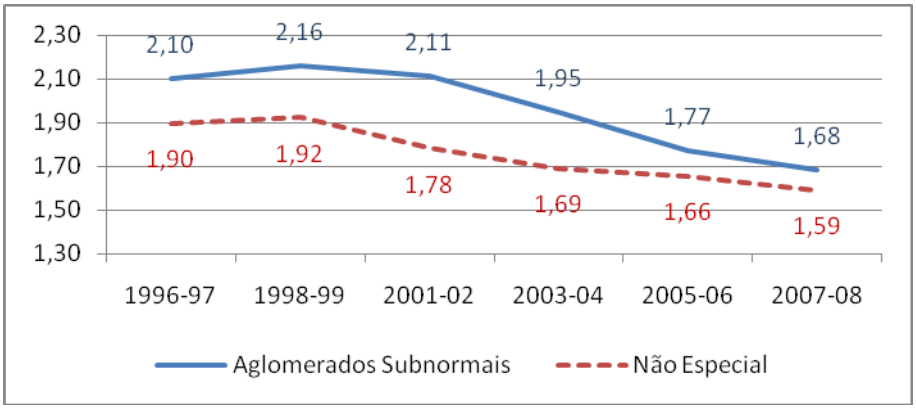
Renda Média por Gênero

Aglomerados Subnormais

Categoria	1996-97	1998-99	2001-02	2003-04	2005-06	2007-08	Var (1996-97 a 2007-08)
Homem	466,92	503,00	433,79	433,82	420,00	442,25	-5,28%
Mulher	222,37	233,12	205,30	222,55	236,86	262,89	18,22%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Diferenciais de Renda (Homem / Mulher)
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV segundo microdados do Supl. PNAD/IBGE.

Idade: Em relação à idade, a tendência é de crescimento da renda ao longo do ciclo da vida. Em consonância com a sabedoria convencional de retorno no mercado de trabalho de

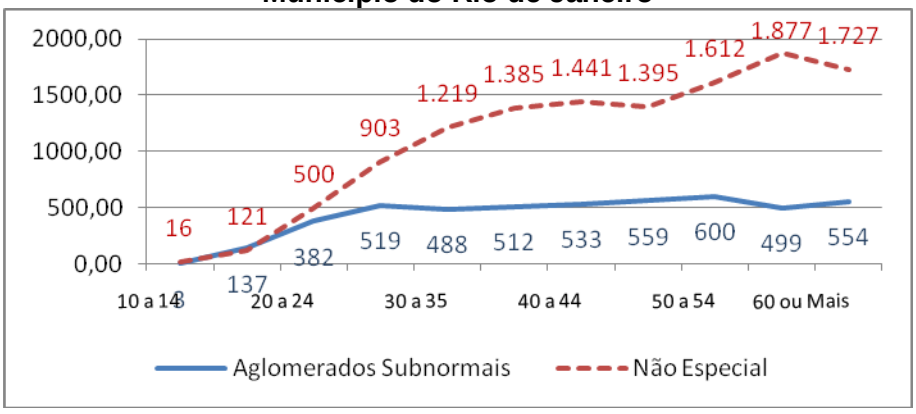
acordo com a experiência (geralmente aproximada por idade), o pico é atingido, nas favelas, entre os 50 e 55 anos de idade (R$ 600 é quase 60% maior que a renda daqueles entre 20 e 25 anos). No resto da cidade o pico é atingido 5 anos mais tarde. O ganho de experiência persiste para aqueles com mais de 60 anos, que também possuem uma das maiores rendas de todos os grupos etários (R$ 554). As pessoas da terceira idade foram também foram as que apresentaram o maior ganho relativo (aumento de 36% nos últimos 11 anos), função provavelmente dos reajustes do salário mínimo concedidos.

Renda Média por Faixa Etária
Aglomerados Subnormais

Categoria	1996-97	1998-99	2001-02	2003-04	2005-06	2007-08	Var (1996-97 a 2007-08)
10 a 14	7,95	5,65	3,59	8,14	7,42	2,96	-62,77%
15 a 19	111,50	134,02	115,23	93,18	98,28	136,99	22,87%
20 a 24	383,53	462,02	337,28	310,96	342,36	381,59	-0,50%
25 a 29	466,86	470,68	447,69	386,36	420,34	519,45	11,26%
30 a 35	579,92	605,51	541,96	512,64	484,56	488,30	-15,80%
36 a 39	667,92	631,00	523,77	495,71	515,04	512,20	-23,31%
40 a 44	589,18	590,47	500,58	543,50	577,08	532,80	-9,57%
45 a 49	545,55	620,82	467,15	566,97	507,85	558,86	2,44%
50 a 54	614,79	635,11	551,80	494,64	519,95	599,66	-2,46%
55 a 59	635,16	552,86	580,54	549,55	493,93	498,69	-21,49%
60 ou Mais	407,25	454,30	502,53	485,06	497,71	554,13	36,07%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Evolução da Renda por Faixa Etária
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

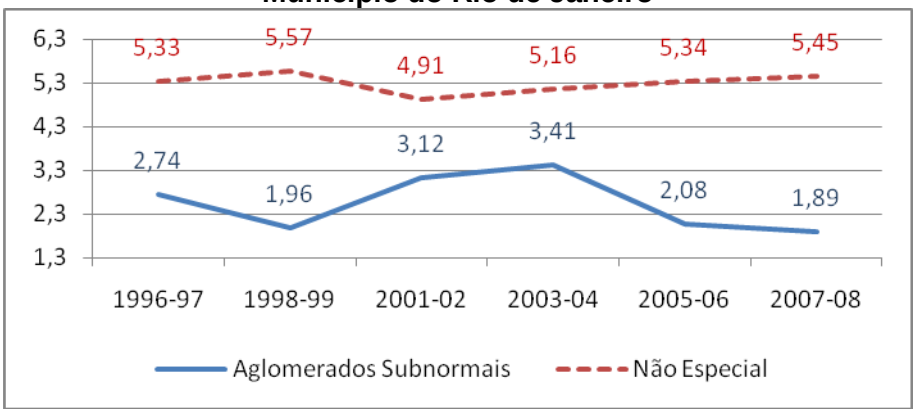
Educação: A tabela indica que a renda aumenta monotonicamente com os anos de escolaridade. No biênio 2007-08 os patamares vão de R$ 365 a R$ 692, respectivamente para os mais e menos educados. A boa notícia é que a distância entre os extremos diminuiu no último ano. A renda per capita que era 2,7 vezes maior para os que terminaram o segundo grau em relação aos sem escolaridade cai para 89%, no último período. Vale notar no gráfico que o diferencial de renda é bem menor nos aglomerados subnormais vis a vis o restante da cidade. Com o menor retorno educacional para os habitantes nas favelas, o universitário que reside nessa área tem renda média equivalente a um indivíduo que possui entre 4 e 7 anos de estudo em setores não especiais.

Renda Média por Faixa de Educação
Aglomerados Subnormais

Categoria	1996-97	1998-99	2001-02	2003-04	2005-06	2007-08	Var (1996-97 a 2007-08)
0	272,90	291,15	252,86	246,79	244,34	365,30	33,86%
1 a 3	276,11	330,03	294,83	297,96	271,21	462,32	67,44%
4 a 7	347,09	356,96	291,03	302,99	316,96	497,87	43,44%
8 a 11	401,59	423,61	362,63	377,17	392,00	565,09	40,71%
12 ou Mais	747,81	572,08	788,92	842,30	508,57	691,63	-7,51%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Diferenciais de Renda por Anos de Estudo (12 anos ou mais / Sem Instrução)
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Migração: Menor entre os nativos (R$ 280 em 2007-08), a renda média vai crescendo à medida que caminhamos em direção aos migrantes estabelecidos há mais tempo no município (chega a R$ 526 para aqueles com mais de 10 anos). Entre os que mais ganharam no período, destacamos os migrantes estabelecidos entre 5 e 9 anos no local (crescimento de 12% na renda). No gráfico seguinte é possível notar com se dá os diferenciais da renda dos migrantes há mais 10 anos vis a vis os nativos nas favelas e fora delas.

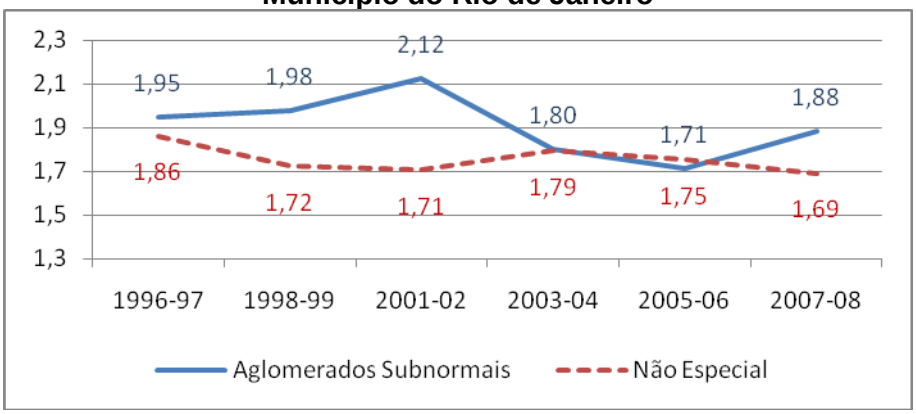
Renda Média por Migração

Aglomerados Subnormais

Categoria	1996-97	1998-99	2001-02	2003-04	2005-06	2007-08	Var (1996-97 a 2007-08)
Não migrou	271,54	297,17	234,23	265,79	271,72	279,80	3,04%
Menos de 4 anos	377,56	323,88	356,05	273,80	261,88	344,71	-8,70%
De 5 a 9 anos	363,20	426,80	406,10	326,61	361,07	407,62	12,23%
10 anos ou mais	529,55	586,94	496,89	478,71	464,78	526,28	-0,62%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Diferenciais de Renda por Tempo de Residência (Migrantes há mais 10 anos / Nativos)
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

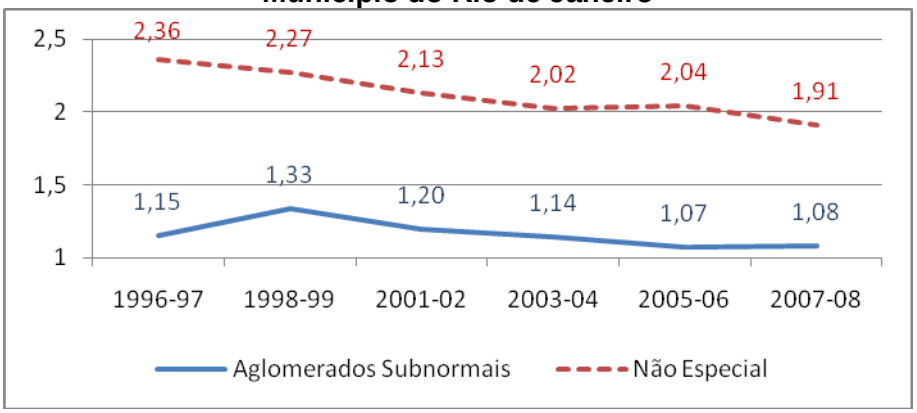
Cor ou Raça: O crescimento de 7,45% elevou a renda de negros e pardos a R$ 339 mensais. Juntos eles já representam metade dos brasileiros (53,3% dos habitantes de favelas). No outro extremo, a renda dos brancos, com média de R$ 366 manteve os seus patamares iniciais. O resultado desses movimentos é uma diminuição dos diferenciais de renda por cor que podem ser vistos no gráfico. O gráfico também sugere a menor desigualdade de raça nas favelas vis a vis o resto da cidade.

Renda Média por Cor ou Raça
Aglomerados Subnormais

Categoria	1996-97	1998-99	2001-02	2003-04	2005-06	2007-08	Var (1996-97 a 2007-08)
Branca	364,59	411,35	337,70	343,79	336,25	365,26	0,19%
Negra ou Parda	315,70	308,75	281,64	301,75	314,57	339,21	7,45%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Diferenciais de Renda por Cor ou Raça
Município do Rio de Janeiro



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

10. Sistema de Monitoramento das Condições de Vida nas Favelas

Existe uma carência crônica de informações sócio-demográficas espacialmente desagregadas fora dos anos de aplicação do Censo Demográfico. Em meados de 2010, nos encontramos no período de quase 10 anos de defasagem em relação à ida ao campo do último Censo disponível, o de 2000. Propomos neste estudo o uso da característica do setor censitário pela PNAD aberta por município da capital. Isto permite acompanhar no período inter-censitário a evolução destas áreas tomadas em conjunto. Como os setores censitários só mudam com a aplicação de um novo censo, eles se mantém tão fixos quanto as áreas mesmo que haja mudanças nos elementos físicos que motivaram a classificação dos setores. Isto viabiliza a comparação destes aglomerados subnormais. Uma das vantagens deste sistema é permitir mensurar aspectos associados a suplementos especiais da PNAD como os de saúde e os de programas sociais analisados neste relatório. Outras pesquisas domiciliares como a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) e Pesquisa Mensal do Emprego (PME) apesar de permitirem o isolamento do município da capital fluminense, não permitem a identificação dos setores subnormais.

a) **Bases de Dados:** Utilizamos uma vasta gama de bases de microdados advindo de bases primárias e secundárias.

   i) Microdados da Pesquisa Nacional de Amostras a Domicílio (PNAD) Pesquisa de Orçamentos Familiares (fotografia)
   ii) Suplementos da PNAD permitem uma avaliação detalhada dos programas sociais em alguns pontos do tempo.
   iii) Censo Demográfico de 2000 no permitem captar informações em nível local (abertura municipal e infra-municipal de algumas informações incluindo as grandes Regiões Administrativas (RAs), ou áreas de Planejamento (APs)). Realização de piloto sobre o Censo de Favelas.

Mapa das bases de microdados*

Pesquisas domiciliares
Sócio-demográficas, de indivíduos e famílias

Pnad (100 mil domicílios/ano)
Cross-section anual 1996-2008
Estatísticas Espaciais (Aglomerados Sub-normais da capital)
Suplemento de Renda e Programas Sociais

Mapeamento

Censo (18 milhões de indivíduos)
Mapas municipais detalhados
Informações inframunicipais

* números se referem ao tamanho da amostra das bases em termos nacionais.

I - O CENSO DEMOGRÁFICO:

O Censo permite analisar as tendências de longo prazo da população e da renda em nível dos Municípios isolados. Trata-se de uma pesquisa aos domicílios ocupados. O desenho amostral adotado compreende a seleção sistemática e com eqüiprobabilidade, dentro de cada setor censitário, de uma amostra dos domicílios particulares e das famílias ou componentes de grupos conviventes recenseados em domicílios coletivos, com fração amostral constante para setores de um mesmo município.

A pesquisa foi restrita aos domicílios ocupados. Além da investigação, efetuada através do Questionário da Amostra, das características socioeconômicas das pessoas residentes no Território Nacional na data de referência do Censo, para os domicílios particulares permanentes foram indagados a sua localização, o material predominante nas paredes e na cobertura, a forma de abastecimento de água, o tipo de escoadouro e o uso da instalação sanitária, a condição de ocupação, o aluguel mensal, o combustível usado para cozinhar, o número de cômodos, o número de dormitórios, o número de banheiros, o destino do lixo, o número de linhas telefônicas, o número de automóveis particulares, a existência e a propriedade de automóvel para trabalho, a existência e a forma de iluminação, a existência de geladeira, a existência e o número de aparelhos de televisão em cores e a existência de filtro de água, rádio, televisão preto e branco, freezer, máquina de lavar roupa e aspirador de pó.

II - PESQUISA NACIONAL DE AMOSTRAS DE DOMICÍLIOS (PNAD)

A PNAD é uma pesquisa domiciliar anual realizada no terceiro trimestre que entrevista cerca de 100.000 domicílios anuais. Esta pesquisa possui detalhadas características pessoais e ocupacionais de todos os membros dos domicílios.

Trata-se de um sistema de pesquisas por amostra de domicílios que investiga diversas características sócio-econômicas, umas de caráter permanente nas pesquisas, como as características gerais da população, educação, trabalho, rendimento e habitação, e outras com periodicidade variável, como as características sobre migração, fecundidade, nupcialidade, saúde, nutrição e outros temas. Estas informações complementares são incluídas no sistema de acordo com as necessidades de informação para o País. Com relação ao universo entrevistado, as características gerais, de migração e de educação foram pesquisadas para todas as pessoas, sendo que as **Suplementares de Educação (2004 e 2006)**, para as pessoas de 0 a 17 anos de idade. O levantamento das características de trabalho e rendimento foi feito de forma mais abrangente para as pessoas de 10 anos ou mais de idade. Enquanto que as do **Suplemento Especial de Acesso a transferências de renda de programas sociais (2004 e 2006)**, a semelhança do **Suplemento Especial de Saúde (1998, 2003 e 2008)** foram pesquisadas em todas as unidades domiciliares e seus morados**.**

Anualmente, a PNAD disponibiliza informações sobre acesso a serviços públicos, posse de bens duráveis e condições de moradia. A Pesquisa abrange toda a totalidade do país. Apresentamos informações segundo as ultimas Pesquisas Nacionais de Domicilio (PNAD) disponíveis individualmente e agrupadas. Neste aspecto, em algumas ocasiões trabalhamos com duas PNADs de maneira simultânea como forma de aumentar densidade amostral das estimativas. Utilizaremos para análise as pesquisas dos anos 1996 a 2008.

b) Técnicas:

Os modelos empíricos aqui gerados foram convertidos em ferramentas interativas e amigáveis a fim de aumentar a capacidade de difusão dos resultados da pesquisa.

- Análises Bivariadas
- Análise Multivariada em variáveis contínuas e discretas;

Análise Bivariada

O objetivo da análise bivariada foi traçar um perfil de grupos da população em relação aos

principais atributos pessoais (por exemplo: sexo, raça, idade, escolaridade e status de imigração, tempo no trabalho e setor de atividade) e de suas famílias (faixas de razão de dependência (isto é, a relação entre número de pessoas do domicílio em relação ao número daquelas que geram renda)), de acesso a serviços públicos em aglomerados subnormais.

A análise bivariada analisa o papel de cada atributo tomado isoladamente. Isto é, desconsideramos possíveis e prováveis inter-relações das "variáveis explicativas". Exemplificando: desconsideramos o fato de que indivíduos mais educados estão mais presentes no mercado de trabalho. A análise multivariada empreendida mais à frente procurou dar conta dessas inter-relações através de regressões de diversas variáveis explicativas tomadas conjuntamente.

Análise Multivariada

A análise multivariada visa proporcionar um experimento melhor controlado que a análise bivariada. O objetivo foi captar o padrão de correlações parciais entre as variáveis de interesse e as variáveis explicativas. Por outras palavras, na análise multivariada captamos as relações de cada variável mantendo as demais variáveis constantes. Por exemplo, compare duas regiões onde todos os atributos das pessoas com exceção da distribuição de escolaridade, sejam iguais. O potencial de implementação de programas de geração de renda na região mais educada é superior ao da região menos educada. Pois a baixa escolaridade inibe o sucesso de políticas. O objetivo da análise dos coeficientes das variáveis dummies espaciais numa regressão multivariada é justamente identificar áreas com potencial de expansão de cobertura de sistema.

Trabalhamos com duas variantes do modelo de regressão multivariada (os conceitos técnicos serão explicados de maneira didática no texto):

- Regressão em mínimos quadráticos ordinários para variáveis contínuas. Ex: renda.

- Regressão logística envolvendo variáveis categóricas ou discretas. Ex: a probabilidade de um indivíduo ser pobre (estática)

Diferença em Diferença

Utilizamos estimativas controladas de diferença em diferença entre grupos afetados e grupos de controle em diferentes momentos no tempo. Isso inclui ainda a descrição e implementação de metodologia para avaliação de impacto de exercícios contrafactuais. Com esse estimador, as tendências de tempo comuns aos dois grupos são eliminadas. A vantagem desta metodologia é que ela é uma generalização dos modelos expostos acima bastando para isso incorporar variáveis dummies.

Sistema de Informações na Internet:

O projeto desenvolveu sistema de provisão de informação interativo e amigável exemplificado abaixo.

Disponibilização de dados via website:

Site público, disponibilizado na página da web do CPS na FGV com sistema de informações, interativas e amigáveis, para subsidiar a tomada de decisão dos gestores e também como ferramenta para auxiliar o monitoramento dos resultados.

Simuladores

Desenvolvido, a partir de modelos multivariados aplicados às variáveis de interesse contínuas (ex: renda) ou discretas (eg. probabilidade de estar na miséria) controlado por atributos individuais. Os resultados estimados foram sintetizamos num único indicativo de probabilidade.

Panoramas

O Panorama permite obter uma visão bastante ampla de indicadores diversos cruzados com características gerais da população (demográficas, socioeconômicas e espaciais). Com ele é possível medir de forma simples e direta, por exemplo, a probabilidade de estar ou não abaixo da linha de miséria. Esse instrumento otimiza e facilita a consulta, o processamento e a análise dos dados.

Diálogo com a Sociedade
Difusão dos resultados locais através de comunicação simples e direta
Mobilização da opinião pública
Sinalização para diferentes governo e sociedade (cidadão comum)
Potencializar diálogo entre as várias áreas de política pública municipal

11. Conclusão

O Rio é um estado voltado mais para fora do que para dentro. Os nomes dos principais jornais locais, *Jornal do Brasil* e *O Globo*, refletem o interesse cosmopolita fluminense. O título dos jornais de outros estados faz, em geral, referência à respectiva unidade da federação. No caso dos pesquisadores do Rio, ou melhor, dos "Três Rios", o ato de olhar para o futuro da Região Metropolitana, da cidade e do Estado, é atípico. O Rio tem vocação para questões nacionais. A recíproca também é verdadeira. Os olhos do Brasil e do mundo também se voltam com frequência para o Rio. Isto desde os tempos em que o Rio era sede da Corte Portuguesa. A presença da sede da Rede Globo reforça a visibilidade da vitrine carioca. As imagens do Rio, nem sempre aquelas que causam orgulho local, como da violência e o desemprego nas favelas cariocas, são transmitidas ao vivo e em cores para o resto do país.

O Rio é o estado mais metropolitano da federação, 76% da população fluminense mora numa metrópole. Não há nenhum estado que chegue perto disso. No período 1997 a 2003, vivemos no Brasil uma grande crise metropolitana. As áreas metropolitanas não são as áreas mais pobres, mas foram as localidades onde a renda caiu mais. São Paulo, o maior município brasileiro, foi entre os mais de 5 mil municípios do Brasil onde a pobreza aumentou mais entre os censos de 1991 e 2000, o que dá ideia de como tamanho de cidade e sua evolução social se relacionaram na década de 1990. Tem sido patente a incapacidade do Estado brasileiro nos seus três níveis em lidar com a crise metropolitana, em particular nos temas trabalho e habitação. De forma que a experiência das grandes favelas cariocas quer pelo problema concreto na vida local, quer pelo seu simbolismo nacional, permite-nos olhar a partir de um dos epicentros da crise metropolitana pregressa tirar lições potencialmente valiosas para a crise iniciada em setembro de 2008 e sua posterior superação. Para isso atualizamos o diagnóstico destas áreas usando as PNADs até 2008.

As três esferas do Estado (Municipal, Estadual e Federal) tem atuado, atipicamente para os padrões locais, de forma integrada. Algumas das principais favelas cariocas estão sendo objeto de ações do Governo do Estado como a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A escolha das primeiras ações recaiu sobre as favelas situadas na Zona Sul Carioca como Morro Dona Marta (Botafogo), Chapéu Mangueira (Leme), Ladeira dos Tabajaras (Copacabana), Morro dos Cabritos (Lagoa), Cidade de Deus e Batam, o que talvez se justifique se o critério for produzir ganhos de capital para a cidade como um todo. Seguindo uma variante da linha de argumentação a la de Soto estas áreas são aonde a presença do Estado, através da provisão de segurança produziria a maior valorização imobiliária pois estas são as áreas onde a perdas de valor pela ausência de ordem é maior. Ou seja, a perda de eficiência gerada pela ausência de direitos de propriedade bem definidos (pela insegurança) se faz mais presente.

No âmbito do Governo Federal as ações do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) se concentram em Favelas como Complexo do Alemão, Rocinha, Manguinhos. Há ainda que lembrar da pioneira vinda do CrediAmigo ligado ao Banco do Nordeste (Federal) para o Rio de Janeiro cuja área de atuação inicial são Rocinha, Alemão, Maré, entre outras. O que há de comum nestas ações não é que o Estado está deslocando o mercado, mas pelo contrário que ele está tentando complementá-lo de maneira sinérgica. A ênfase na formalidade vai para além da arrecadação tributária pelo simples efeito de completar mercados. Nos últimos anos o Brasil e o Rio em alguma medida "deu os pobres aos mercados". Agora a travessia está incompleta, não só por que estamos no meio do caminho, como falta intensificar o processo reverso, qual seja, "dar o mercado aos pobres". Como fazer o mercado chegar até aonde nunca chegou antes? Argumentamos aqui que a presença do Estado faz-se necessária no sentido de pavimentar este trajeto. Não no sentido de implementar as ações, mas de fazê-las possíveis entre entes privados através da garantia do direito de propriedade lato senso, no sentido não dos ativos físicos, mas da preservação da vida. Em segundo lugar, há preocupação estrutural para além do curto prazismo das transferências de renda. Procura-se se afetar o capital das pessoas, transformar os fluxos de renda de maneira permanente através do reforço dos estoques de ativos e pela sua valorização pela presença de mercados mais completos. Finalmente, há um viés para os mais pobres, justamente onde os ativos e os mercados se fazem mais rarefeitos. Isto é, se está pensando não só no crescimento do bolo, mas num processo de redução de desigualdades. Não apenas no sentido de chegar ao mais pobre dos pobres, mas de fazê-lo protagonizar a sua ascensão na sociedade. Ou seja, procura-se um processo de crescimento inclusivo sustentável.

Apresentamos neste trabalho um diagnóstico e um conjunto integrado de ações para o município do Rio de Janeiro com objetivo de orientar a realização e acompanhamento de resultados de um amplo conjunto de políticas de combate às desigualdades espaciais existentes entre a favela e o resto do município, além de outras desigualdades correlacionadas no interior dessas comunidades. Com apoio de informações e estudos desenvolvidos anteriormente pelo CPS/FGV combinado aos novos resultados que foram gerados buscamos integração das estratégias do Município no âmbito das comunidades de baixa renda. O intuito foi contribuir com a plataforma que beneficia o país e outras localidades através do desenvolvimento de sistemas de informações de indicadores sociais e da prescrição de políticas públicas.

Os principais subprodutos do projeto são:

- Propor conjunto integrado de indicadores para subsidiar o Governo do Município, no desenho, implementação e monitoramento de políticas de combate a desigualdade de renda nas favelas cariocas e demais dimensões associadas.

- Provisão de um sistema de informações, análises, e sua difusão a sociedade. Isso passa pela criação de sítio na internet com a vantagem de permitir a reunião das informações processadas e generalização das análises a um amplo conjunto de usuários de forma interativa e amigável;

- Realização de propostas para a redução de desigualdades dentro do município para serem eventualmente incorporadas ao Plano Diretor da Cidade e as ações da Prefeitura do Rio.

ANEXO:

I. Ranking infra-municipal (Censo Demográfico)

Apresentamos a seguir uma série de indicadores sociais para as cinco comunidades de baixa renda identificadas como Regiões Administrativas (RAs) da Cidade. Além de sinalizamos as suas posições relativas destas localidades no ranking das 32 RAs do município do Rio de Janeiro, optamos por apresentar também o primeiro e último lugar como forma de especificar a amplitude destas variáveis na cidade. As mesmas informações também podem ser comparadas com o Brasil, total do Estado e do município do Rio de Janeiro.

i) Mapa Social

O Censo Demográfico nos permite traçar um "Mapa Social", com objetivo de caracterizar a população carioca. Através deste mapa social básico identificamos o perfil sócio-econômico das localidades, com informações referentes à quantidade de homens, anos médio de estudo, população em idade ativa, renda, e jornada semanal de trabalho.

Mapa Social
Subdistritos Cariocas
Ranking pelo Percentual de Homens

	Subdistrito	Homens %
	Brasil	49,21
	Total da UF	47,95
	Rio de Janeiro	46,91
1	Guaratiba	49,82
2	Maré	49,44
3	Rocinha	49,24
4	Complexo do Alemão	48,85
13	Jacarezinho	47,71
20	Cidade de Deus	46,95
32	Copacabana	41,94

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE

Mapa Social
Subdistritos Cariocas
Ranking pelo Educação Média da População em Idade Ativa

	Subdistrito	Educação
	Total da UF	7,62
	Rio de Janeiro	8,7
1	Lagoa	11,79
26	Cidade de Deus	6,75
29	Jacarezinho	6,27
30	Maré	5,74
31	Complexo do Alemão	5,69
32	Rocinha	5,45

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE

Mapa Social
Subdistritos Cariocas
Ranking pela Idade Média

	Subdistrito	Idade
	Brasil	28,26
	Total da UF	31,03
	Rio de Janeiro	32,88
1	Copacabana	42,98
26	Jacarezinho	29,05
27	Cidade de Deus	28,98
30	Complexo do Alemão	27,17
31	Maré	27,02
32	Rocinha	26,02

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE

Mapa Social
Subdistritos Cariocas
Ranking pelo Total da População

	Subdistrito	População Total
	Brasil	169872856
	Total da UF	14392106
	Rio de Janeiro	5857904
1	Campo Grande	484362
21	Maré	113807
25	Complexo do Alemão	65026
26	Rocinha	56338
30	Cidade de Deus	38016
31	Jacarezinho	36459
32	Ilha de Paquetá	3421

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE

Mapa das Rendas: Construímos também um Mapa de Rendas que nos apresenta o Índice de Gini, o número médio de pessoas nas famílias e a composição da renda familiar nessas localidades.

MAPA DA RENDA
Subdistritos Cariocas
Ranking pela Renda Familiar

	Subdistrito	Renda Familiar
	Brasil	1276,02
	Total da UF	1304,07
	Rio de Janeiro	1801,34
1	Lagoa	5746,07
28	Rocinha	695,04
29	Cidade de Deus	664,19
30	Maré	608,56
31	Complexo do Alemão	599,31
32	Jacarezinho	558,86

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE

MAPA DA RENDA
Subdistritos Cariocas
Ranking pela Renda Familiar Per Capita

	Subdistrito	Renda Familiar Per Capita
	Brasil	297,44
	Total da UF	413,99
	Rio de Janeiro	596,47
1	Lagoa	2227,16
27	Rocinha	219,95
29	Cidade de Deus	207,56
30	Maré	187,25
31	Jacarezinho	177,98
32	Complexo do Alemão	177,31

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE

MAPA DA RENDA
Subdistritos Cariocas
Ranking Renda Média do Trabalho Principal

	Municípios	Trabalho principal
	Brasil	**224,22**
	Total da UF	281,78
	Rio de Janeiro	395,14
1	Lagoa	1401,97
25	Rocinha	180,33
28	Cidade de Deus	155,13
29	Maré	153,78
31	Complexo do Alemão	145,13
32	Jacarezinho	136,23

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DA RENDA
Subdistritos Cariocas
Ranking Renda Média dos Demais Trabalhos

	Municípios	Demais trabalhos
	Brasil	**7,55**
	Total da UF	11,70
	Rio de Janeiro	17,09
1	Lagoa	68,26
27	Rocinha	3,66
29	Jacarezinho	2,18
30	Cidade de Deus	1,88
31	Maré	1,77
32	Complexo do Alemão	1,07

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DA RENDA

Subdistritos Cariocas

Ranking da Renda Média de Aposentadorias e Pensões

	Municípios	Apos. e pensão
	Brasil	**47,10**
	Total da UF	91,68
	Rio de Janeiro	139,08
1	Copacabana	551,51
28	Cidade de Deus	41,99
29	Jacarezinho	30,97
30	Complexo do Alemão	24,82
31	Maré	21,96
32	Rocinha	21,28

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DA RENDA

Subdistritos Cariocas

Ranking da Renda Média de Aluguéis

	Municípios	Aluguel
	Brasil	**8,47**
	Total da UF	12,36
	Rio de Janeiro	18,83
1	Lagoa	135,41
15	Rocinha	9,90
26	Maré	4,93
29	Cidade de Deus	2,93
30	Jacarezinho	2,72
31	Santa Cruz	2,59
32	Complexo do Alemão	1,95

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DA RENDA

Subdistritos Cariocas

Ranking da Renda de Transferências Privadas

	Municípios	Transf. Privadas
	Brasil	**3,80**
	Total da UF	6,79
	Rio de Janeiro	10,81
1	Lagoa	62,06
28	Jacarezinho	1,58
29	Maré	1,51
30	Complexo do Alemão	1,40
31	Rocinha	1,28
32	Cidade de Deus	1,26

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DA RENDA

Subdistritos Cariocas

Ranking da Renda Média de Transferências Públicas

	Municípios	Transf. Públicas
	Brasil	**0,92**
	Total da UF	0,98
	Rio de Janeiro	1,15
1	Botafogo	2,08
3	Jacarezinho	1,87
7	Complexo do Alemão	1,62
25	Rocinha	0,91
28	Cidade de Deus	0,83
32	Ilha de Paquetá	0,00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DA RENDA

Subdistritos Cariocas
Ranking pelo
Número pessoas na família

	Subdistrito	Nº pessoas na família
	Brasil	4,29
	Total da UF	3,15
	Rio de Janeiro	3,02
1	Centro	2,25
21	Jacarezinho	3,14
23	Rocinha	3,16
26	Cidade de Deus	3,20
27	Campo Grande	3,25
28	Maré	3,25
32	Complexo do Alemão	3,38

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE

MAPA DA RENDA

Subdistritos Cariocas

Ranking de acordo com o índice de Gini

	Municípios	Índice Gini
	Brasil	**0,65**
	Total da UF	0,54
	Rio de Janeiro	0,54
1	Jacarezinho	0,31
2	Maré	0,33
3	Rocinha	0,34
4	Complexo do Alemão	0,34
5	Cidade de Deus	0,34
32	Barra da Tijuca	0,55

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DA RENDA (População Ocupada)

Subdistritos Cariocas
Ranking pela Renda Média do Trabalho ***dos Ocupados***

	Subdistrito	Renda Média do Trabalho
	Brasil	630,00
	Total da UF	736,19
	Rio de Janeiro	985,24
1	Lagoa	2765,89
28	Cidade de Deus	440,48
29	Rocinha	433,78
30	Complexo do Alemão	396,03
31	Maré	394,53
32	Jacarezinho	367,97

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

iii) Mapa de Ativos

No Mapa de Ativos podemos avaliar a posse de bens da população fluminense, o seu poder aquisitivo, e o acesso a bens públicos. Os ativos podem ser estruturados em três classes de capital: capital físico, capital humano e capital social e exerce diferentes tipos de impactos no nível de bem-estar social. Primeiramente, aumentar a capacidade de geração de renda dos indivíduos no longo prazo. O segundo efeito induzido pela posse de ativos é o de aumentar a habilidade dos indivíduos pobres em suavizar os padrões de vida ao longo do tempo, seja amortecendo choques adversos de renda, seja alavancando oportunidades. Este efeito está relacionado à interação entre a trajetória da renda e comportamentos financeiros nos segmentos de poupança, seguro e crédito. Por fim, exercem efeitos diretos sobre a qualidade de vida das pessoas.

- **Duráveis**

MAPA DE ATIVOS - Bens Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Número Médio de Automóveis por Domicílio

	Subdistritos	Número Médio de Automóveis
	Brasil	**0,40**
	Total da Uf	0,41
	Rio de Janeiro	0,49
1	Barra da Tijuca	1,18
27	Cidade de Deus	0,20
28	Complexo do Alemão	0,17
29	Maré	0,15
30	Jacarezinho	0,09
31	Rocinha	0,08
32	Ilha de Paquetá	0,00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Bens Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Acesso a Máquina de Lavar no Domicílio

	Subdistritos	Tem máquina de lavar
	Brasil	**31,58**
	Total da Uf	52,05
	Rio de Janeiro	63,64
1	Lagoa	82,85
23	Cidade de Deus	55,36
29	Jacarezinho	41,17
30	Complexo do Alemão	38,28
31	Maré	38,02
32	Rocinha	35,57

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Bens Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Acesso a Microondas no Domicílio

	Subdistritos	Tem microondas
	Brasil	**17,97**
	Total da Uf	24,67
	Rio de Janeiro	34,41
1	Lagoa	69,56
22	Rocinha	23,50
28	Jacarezinho	17,24
29	Complexo do Alemão	15,08
32	Maré	13,22

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Bens Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Acesso a Telefone no Domicílio

	Subdistritos	Tem telefone
	Brasil	**37,11**
	Total da Uf	38,19
	Rio de Janeiro	50,42
1	Copacabana	89,95
21	Cidade de Deus	35,19
27	Maré	25,99
29	Complexo do Alemão	20,89
30	Rocinha	17,91
31	Santa Cruz	14,39
32	Guaratiba	10,14

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Bens Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Nº Médio de Televisores no Domicílio

		Número Médio de Televisores
	Subdistritos	
	Brasil	**1,28**
	Total da Uf	1,61
	Rio de Janeiro	1,80
1	Lagoa	2,24
26	Jacarezinho	1,56
27	Cidade de Deus	1,56
28	Complexo do Alemão	1,51
29	Rocinha	1,48
30	Maré	1,48
32	Guaratiba	1,33

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Bens
Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Nº Médio de Aparelhos de Ar Condicionado no Domicílio

		Número Médio de Aparelhos de Ar Condic
	Subdistritos	
	Brasil	**0,10**
	Total da Uf	0,37
	Rio de Janeiro	0,57
1	Lagoa	1,55
24	Jacarezinho	0,28
27	Maré	0,23
28	Complexo do Alemão	0,23
29	Cidade de Deus	0,20
31	Rocinha	0,18
32	Guaratiba	0,17

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Bens
Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Acesso a Radio no Domicílio

		Tem rádio
	Subdistritos	
	Brasil	**87,2**
	Total da Uf	94,46
	Rio de Janeiro	95,78
1	Vila Isabel	97,83
21	Cidade de Deus	94,77
22	Jacarezinho	94,76
24	Complexo do Alemão	94,38
29	Rocinha	92,34
30	Rio Comprido	91,71
32	Maré	91,14

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Bens
Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Acesso a freezer no Domicílio

		Tem freezer
	Subdistritos	
	Brasil	**81,52**
	Total da Uf	96,04
	Rio de Janeiro	97,66
1	Copacabana	99,03
20	Complexo do Alemão	97,08
22	Cidade de Deus	96,98
28	Maré	95,66
29	Jacarezinho	95,38
30	Rocinha	94,35
32	Rio Comprido	93,06

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Bens
Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Acesso a Videocassete no Domicílio

		Tem videocassete
	Subdistritos	
	Brasil	**34,28**
	Total da Uf	57,60
	Rio de Janeiro	67,78
1	Lagoa	84,31
25	Cidade de Deus	61,03
26	Jacarezinho	56,71
28	Rocinha	54,10
29	Complexo do Alemão	53,94
30	Santa Cruz	53,21
31	Maré	49,63
32	Guaratiba	47,46

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Bens Duráveis
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Acesso a Microcomputador no Domicílio

		Tem microcomputador
	Subdistritos	
	Brasil	**10,2**
	Total da Uf	15,41
	Rio de Janeiro	23,60
1	Lagoa	59,24
26	Rocinha	6,43
27	Cidade de Deus	6,00
30	Maré	4,18
31	Jacarezinho	3,93
32	Complexo do Alemão	3,78

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

- **Moradia**

MAPA DE ATIVOS - Qualidade da Moradia
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Nº Médio de Banheiros por Domicílios

	Subdistritos	Número Médio de Banheiros
	Brasil	**1,06**
	Total da UF	1,28
	Rio de Janeiro	1,40
1	Lagoa	2,27
24	Cidade de Deus	1,13
25	Jacarezinho	1,12
26	Guaratiba	1,12
30	Rocinha	1,08
31	Maré	1,08
32	Complexo do Alemão	1,08

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Qualidade da Moradia
Ranking dos Subdistritos Cariocas: Moram em apartamentos

	Subdistritos	Apto
	Brasil	**7,43**
	Total da UF	17,56
	Rio de Janeiro	32,81
1	Copacabana	89,98
18	Cidade de Deus	22,46
20	Rocinha	20,21
24	Maré	14,49
25	Pavuna	14,04
28	Jacarezinho	10,68
30	Complexo do Alemão	4,55
32	Guaratiba	0,83

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Qualidade da Moradia
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Acesso a CréditoImobiliário

	Subdistritos	Domicílio próprio pagando
	Brasil	**6,67**
	Total da UF	5,68
	Rio de Janeiro	7,77
1	Santa Cruz	18,87
12	Cidade de Deus	6,86
20	Maré	4,19
29	Complexo do Alemão	0,79
30	Jacarezinho	0,74
31	Rocinha	0,44

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

- **Serviços Públicos**

MAPA DE ATIVOS - Serviços Públicos
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Percentual de Acesso a Coleta de Lixo no Domicílio

	Subdistritos	Lixo coletado
	Brasil	**70,94**
	Total da UF	83,04
	Rio de Janeiro	87,30
1	Centro	97,22
20	Maré	85,01
27	Cidade de Deus	79,12
29	Jacarezinho	64,84
31	Complexo do Alemão	48,83
32	Rocinha	10,74

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Serviços Públicos
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Percentual de Acesso a Canalização no Domicílio

	Subdistritos	Canalização domicílio
	Brasil	**79,85**
	Total da UF	92,93
	Rio de Janeiro	96,88
1	Copacabana	99,35
7	Jacarezinho	97,87
11	Maré	97,49
22	Rocinha	96,36
30	Complexo do Alemão	92,90
31	Guaratiba	91,64
32	Rio Comprido	90,57

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Serviços Públicos
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Percentual de Acesso a Iluminação Elétrica no Domicílio

	Subdistritos	Iluminação elétrica
	Brasil	**92,69**
	Total da UF	98,90
	Rio de Janeiro	99,09
1	Complexo do Alemão	99,87
4	Jacarezinho	99,71
20	Cidade de Deus	99,15
27	Rocinha	98,32
32	Rio Comprido	94,37

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA DE ATIVOS - Serviços Públicos
Ranking dos Subdistritos Cariocas pelo Percentual de Acesso a Água Rede Geral no Domicílio

	Subdistritos	Água rede geral
	Brasil	**75,18**
	Total da UF	81,75
	Rio de Janeiro	96,72
1	Centro	98,33
20	Maré	99,47
27	Cidade de Deus	98,21
29	Jacarezinho	98,51
31	Complexo do Alemão	97,64
32	Rocinha	95,34

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

Panorama de Evolução: Condições de Vida da População Carioca

Devido à sua natureza geográfica, o Censo Demográfico no permite captar informações em nível local (abertura municipal e inframunicipal de informações incluindo as grandes Regiões Administrativas ou áreas de Planejamento (APs)). Selecionamos as principais comunidades de baixa-renda cariocas e construímos um panorama sobre a renda, educação e outras variáveis que representam as condições gerais de vida dessas localidades. Essas variáveis podem ser cruzadas com série de características populacionais que estão dividas em três grupos (demográficas, socioeconômicas e espaciais). Para saber mais sobre a característica analisada, basta clicar com o mouse em cima do item a ser analisado que aparecerá a pergunta que deu origem a variável, exatamente da forma como foi pesquisada. Os indicadores estão desagregados espacialmente sob duas formas, que podem ser analisadas de acordo com interesses específicos:

i. cada comunidade de baixa renda

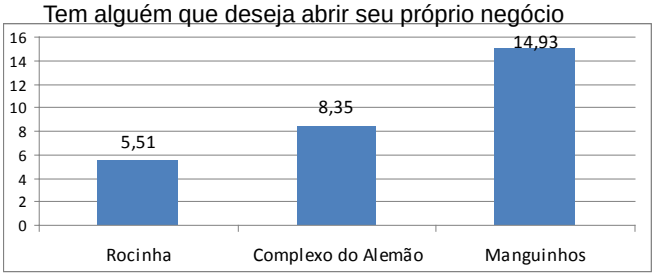
Categoria	Todos	Rocinha	Jacarezinho	Complexo do Alemão	Maré	Cidade de Deus	Outras

ii. conjunto de regiões especificas.

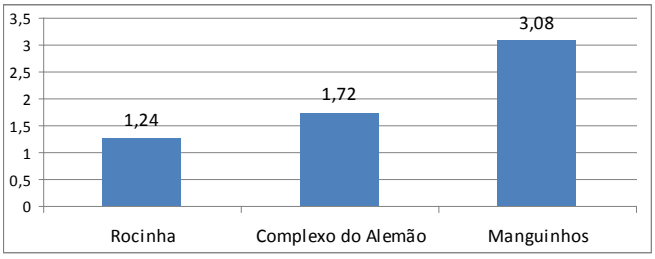
Categoria	Todos	Rio - 5 RAs / Favelas *	Rio – Outras 27 RAs	Cariocas – Subnormal	Cariocas - Não Subnormal	6 Maiores Metrópoles / Subnormal **	6 Maiores Metrópoles / Não Subnormal

http://www.fgv.br/ibrecps/Rio/rio_favelas/panorama/index.htm

Tem alguém que deseja abrir seu próprio negócio



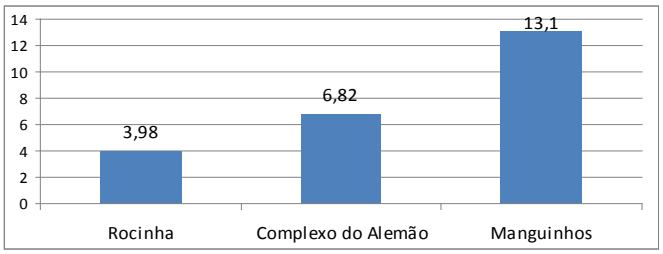
Alguém na família desenvolve algum tipo de produto ou serviço



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo das Favelas

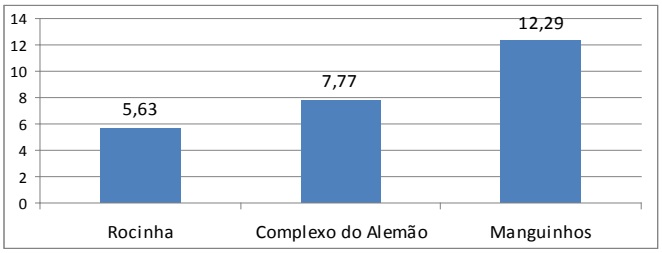
Alguém na família tem alguma aptidão que gostaria de desenvolver ou aprimorar

Tem alguém precisando de curso profissionalizante

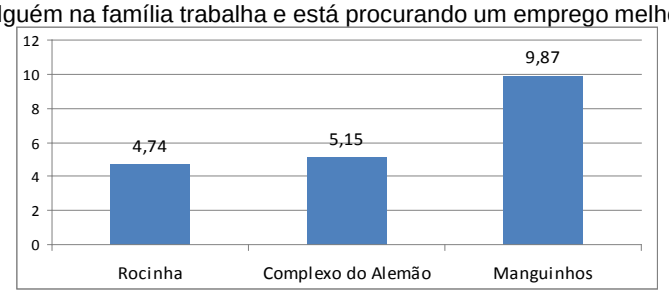


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo das Favelas

Tem alguém desempregado que está procurando emprego atualmente

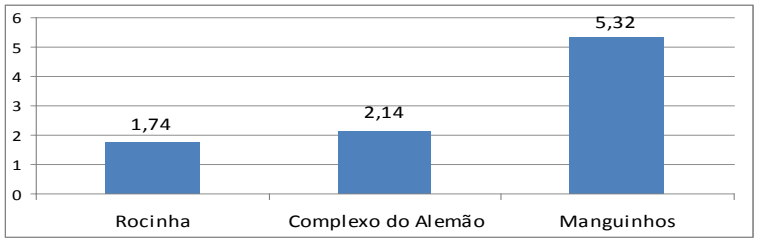


Alguém na família trabalha e está procurando um emprego melhor

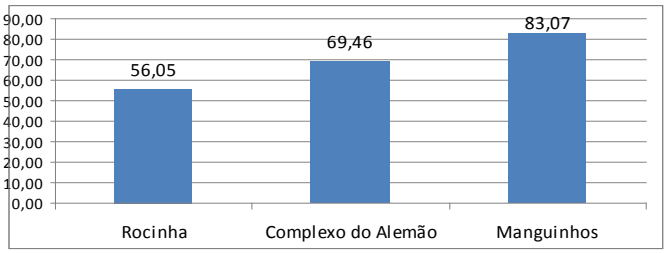


Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo das Favelas

Alguém na família tem interesse de fazer algum tipo de trabalho voluntário ou solidário



Existe alguma associação. organização social. entidade que atua na sua comunidade



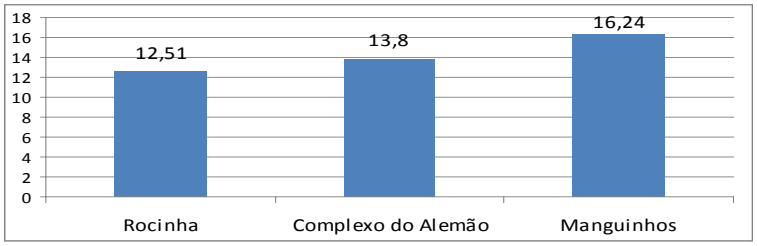
Esta entidade é

MUITO ATUANTE OU MAIS OU MENOS ATUANTE

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo das Favelas

Nos últimos 30 dias trabalhou

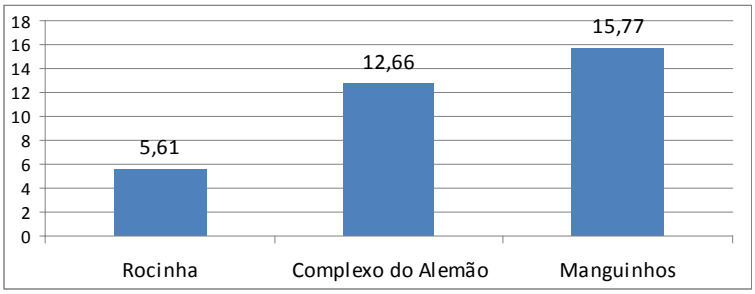
NA PROPRIA COMUNIDADE, NO ENTORNO OU BAIRRO VIZINHO



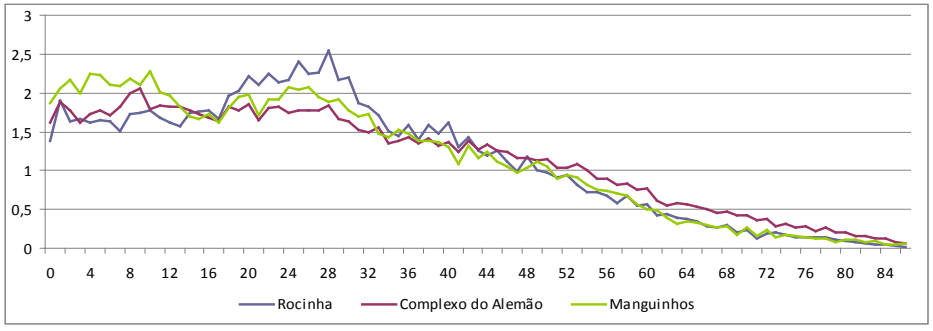
Situação do documento do imóvel

NENHUM

A família recebe bolsa família



Idade



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do Censo das Favelas

III. Exercícios multivariados a partir da PNAD (Diferença em Diferença)

2.1. Equações Mincerianas

Equação renda individual – 2008

Município do Rio de Janeiro

Parameter		Estimate	Standard Error	Wald 95% Confidence Limits		Chi-Square	Pr > ChiSq
Intercept		7.4669	0.3013	6.8764	8.0574	614.19	<.0001
SEXO	Homens	0.2578	0.0207	0.2172	0.2984	154.86	<.0001
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
fxage	10 a 14	-1.6034	0.1354	-1.8689	-1.3380	140.17	<.0001
fxage	15 a 19	-1.1385	0.0651	-1.2660	-1.0110	306.29	<.0001
fxage	20 a 24	-0.9476	0.0502	-1.0459	-0.8492	356.76	<.0001
fxage	25 a 29	-0.7357	0.0452	-0.8243	-0.6472	265.38	<.0001
fxage	30 a 35	-0.5677	0.0432	-0.6523	-0.4830	172.78	<.0001
fxage	36 a 39	-0.4532	0.0484	-0.5481	-0.3584	87.73	<.0001
fxage	40 a 44	-0.4187	0.0443	-0.5056	-0.3319	89.38	<.0001
fxage	45 a 49	-0.3824	0.0444	-0.4694	-0.2954	74.23	<.0001
fxage	50 a 54	-0.3534	0.0424	-0.4365	-0.2703	69.47	<.0001
fxage	55 a 59	-0.1868	0.0435	-0.2721	-0.1015	18.43	<.0001
fxage	60 ou mais	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
edu	1 a 3	-0.1460	0.2459	-0.6279	0.3359	0.35	0.5526
edu	12 ou mais	1.0174	0.2427	0.5417	1.4931	17.57	<.0001
edu	4 a 7	-0.0321	0.2432	-0.5088	0.4445	0.02	0.8949
edu	8 a 11	0.3032	0.2423	-0.1717	0.7780	1.57	0.2108
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-0.2379	0.2461	-0.7203	0.2445	0.93	0.3337
edu	Ignorado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
cor	Amarela	-0.1443	0.1649	-0.4676	0.1790	0.77	0.3816
cor	Branca	0.2204	0.0326	0.1565	0.2842	45.81	<.0001
cor	Indígena	-0.1962	0.2585	-0.7029	0.3104	0.58	0.4478
cor	Parda	0.0414	0.0344	-0.0261	0.1089	1.45	0.2292
cor	Negra	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
migra	5 a 9 anos	0.1694	0.0716	0.0292	0.3097	5.60	0.0179
migra	Ignorado	-0.0309	0.0429	-0.1151	0.0532	0.52	0.4716
migra	Mais de 10 anos	0.0494	0.0255	-0.0006	0.0993	3.75	0.0527
migra	Menos de 4 anos	0.2541	0.0662	0.1244	0.3838	14.74	0.0001
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	Conta própria	-0.2289	0.1651	-0.5525	0.0947	1.92	0.1657
CHAVPO	Desempregado	-1.6650	0.7519	-3.1386	-0.1913	4.90	0.0268
CHAVPO	Empreg. agrícola	-0.4340	0.4493	-1.3147	0.4467	0.93	0.3341
CHAVPO	Empreg. doméstico	-0.4139	0.1699	-0.7469	-0.0808	5.93	0.0149
CHAVPO	Empreg. com carteira	-0.2640	0.1677	-0.5928	0.0648	2.48	0.1155
CHAVPO	Empreg. sem carteira	-0.2696	0.1666	-0.5961	0.0570	2.62	0.1057
CHAVPO	Empregador	0.3543	0.1728	0.0157	0.6930	4.21	0.0403

Parameter		Estimate	Standard Error	Wald 95% Confidence Limits		Chi-Square	Pr > ChiSq
CHAVPO	Func. público	0.1136	0.1686	-0.2169	0.4440	0.45	0.5006
CHAVPO	Inativo	-0.1765	0.2266	-0.6206	0.2676	0.61	0.4360
CHAVPO	Não remunerado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CONTRIBU	Contribui Prev Priv	-0.2587	0.1338	-0.5208	0.0035	3.74	0.0531
CONTRIBU	Contribui Prev Pub	-0.4755	0.0533	-0.5798	-0.3711	79.70	<.0001
CONTRIBU	Desempregado	0.1072	0.7420	-1.3472	1.5615	0.02	0.8851
CONTRIBU	Ignorado	-0.7264	0.0621	-0.8482	-0.6046	136.62	<.0001
CONTRIBU	Inativo	-0.7852	0.1685	-1.1154	-0.4549	21.71	<.0001
CONTRIBU	ZContribui Prev Pub e Priv	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal	Sim	-0.1474	0.0321	-0.2103	-0.0844	21.07	<.0001
asubnormal	ZZZNão	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
Scale		0.7234	0.0069	0.7100	0.7371		

Fonte: *CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.*

Equação renda domiciliar per capita – 2008
Município do Rio de Janeiro

Parameter		Estimate	Standard Error	Wald 95% Confidence Limits		Chi-Square	Pr > ChiSq
Intercept		6.7347	0.2675	6.2104	7.2590	633.89	<.0001
SEXO	Homens	-0.0469	0.0187	-0.0836	-0.0102	6.26	0.0123
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
fxage	0 a 4	-0.2482	0.1228	-0.4889	-0.0075	4.08	0.0433
fxage	10 a 14	-0.3580	0.0449	-0.4459	-0.2700	63.66	<.0001
fxage	15 a 19	-0.4774	0.0419	-0.5595	-0.3953	129.85	<.0001
fxage	20 a 24	-0.6132	0.0448	-0.7010	-0.5253	187.16	<.0001
fxage	25 a 29	-0.5850	0.0427	-0.6687	-0.5014	187.92	<.0001
fxage	30 a 35	-0.6524	0.0414	-0.7336	-0.5713	248.56	<.0001
fxage	36 a 39	-0.5786	0.0468	-0.6704	-0.4868	152.55	<.0001
fxage	40 a 44	-0.5996	0.0425	-0.6828	-0.5164	199.40	<.0001
fxage	45 a 49	-0.5078	0.0419	-0.5900	-0.4256	146.69	<.0001
fxage	5 a 9	-0.2776	0.1194	-0.5117	-0.0435	5.40	0.0201
fxage	50 a 54	-0.4738	0.0413	-0.5548	-0.3929	131.69	<.0001
fxage	55 a 59	-0.2803	0.0434	-0.3653	-0.1953	41.79	<.0001
fxage	60 ou mais	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
edu	1 a 3	-0.0170	0.2334	-0.4746	0.4405	0.01	0.9418
edu	12 ou mais	1.2060	0.2318	0.7518	1.6603	27.08	<.0001
edu	4 a 7	0.1505	0.2319	-0.3041	0.6051	0.42	0.5165
edu	8 a 11	0.4670	0.2311	0.0140	0.9200	4.08	0.0433
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-0.0219	0.2341	-0.4808	0.4369	0.01	0.9253
edu	Ignorado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
cor	Amarela	0.1034	0.1687	-0.2272	0.4341	0.38	0.5398
cor	Branca	0.3741	0.0298	0.3158	0.4325	157.84	<.0001
cor	Ignorado	0.4113	0.2356	-0.0504	0.8730	3.05	0.0808
cor	Indígena	0.1494	0.2039	-0.2502	0.5489	0.54	0.4637
cor	Parda	0.0466	0.0314	-0.0150	0.1082	2.19	0.1386
cor	Negra	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
migra	5 a 9 anos	0.2433	0.0684	0.1092	0.3774	12.64	0.0004
migra	Ignorado	-0.0247	0.0405	-0.1042	0.0547	0.37	0.5416
migra	Mais de 10 anos	0.0952	0.0261	0.0440	0.1464	13.27	0.0003
migra	Menos de 4 anos	0.3651	0.0609	0.2458	0.4845	35.96	<.0001
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	Conta própria	0.1600	0.1116	-0.0587	0.3788	2.06	0.1517
CHAVPO	Desempregado	-0.3248	0.3607	-1.0317	0.3821	0.81	0.3678
CHAVPO	Empreg. agrícola	-0.7071	0.4925	-1.6724	0.2582	2.06	0.1511
CHAVPO	Empreg. doméstico	0.0021	0.1201	-0.2332	0.2374	0.00	0.9859
CHAVPO	Empreg. com carteira	-0.0156	0.1155	-0.2420	0.2108	0.02	0.8923
CHAVPO	Empreg. sem carteira	0.0533	0.1138	-0.1697	0.2762	0.22	0.6395
CHAVPO	Empregador	0.5033	0.1256	0.2571	0.7495	16.05	<.0001
CHAVPO	Func. público	0.2117	0.1173	-0.0181	0.4415	3.26	0.0710

Parameter		Estimate	Standard Error	Wald 95% Confidence Limits		Chi-Square	Pr > ChiSq
CHAVPO	Ignorado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	Inativo	0.1890	0.2027	-0.2082	0.5862	0.87	0.3511
CHAVPO	Não remunerado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CONTRIBU	Contribui Prev Priv	-0.2138	0.1531	-0.5139	0.0862	1.95	0.1625
CONTRIBU	Contribui Prev Pub	-0.4563	0.0605	-0.5749	-0.3378	56.95	<.0001
CONTRIBU	Desempregado	-0.5984	0.3527	-1.2898	0.0929	2.88	0.0898
CONTRIBU	Ignorado	-0.6809	0.0701	-0.8183	-0.5436	94.39	<.0001
CONTRIBU	Inativo	-0.8358	0.1832	-1.1949	-0.4766	20.81	<.0001
CONTRIBU	ZContribui Prev Pub e Priv	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal	Sim	-0.4305	0.0271	-0.4837	-0.3774	252.07	<.0001
asubnormal	ZZZNão	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
Scale		0.8305	0.0062	0.8183	0.8428		

Fonte: *CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.*

Equação renda individual do trabalho – 2008
Município do Rio de Janeiro

Parameter		Estimate	Standard Error	Wald 95% Confidence Limits		Chi-Square	Pr > ChiSq
Intercept		6.0257	0.7360	4.5833	7.4681	67.04	<.0001
SEXO	Homens	0.3129	0.0232	0.2674	0.3583	182.21	<.0001
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
fxage	10 a 14	-1.1807	0.4011	-1.9669	-0.3945	8.66	0.0032
fxage	15 a 19	-0.5634	0.0748	-0.7100	-0.4168	56.74	<.0001
fxage	20 a 24	-0.3898	0.0573	-0.5020	-0.2775	46.28	<.0001
fxage	25 a 29	-0.1742	0.0521	-0.2763	-0.0720	11.16	0.0008
fxage	30 a 35	-0.0142	0.0502	-0.1126	0.0842	0.08	0.7774
fxage	36 a 39	0.1126	0.0546	0.0057	0.2196	4.26	0.0390
fxage	40 a 44	0.1124	0.0511	0.0121	0.2126	4.83	0.0280
fxage	45 a 49	0.1128	0.0516	0.0116	0.2140	4.77	0.0289
fxage	50 a 54	0.0643	0.0518	-0.0372	0.1658	1.54	0.2144
fxage	55 a 59	0.0669	0.0570	-0.0448	0.1786	1.38	0.2406
fxage	60 ou mais	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
edu	1 a 3	-0.1038	0.2501	-0.5941	0.3865	0.17	0.6782
edu	12 ou mais	0.9522	0.2449	0.4723	1.4321	15.12	0.0001
edu	4 a 7	0.0373	0.2457	-0.4442	0.5187	0.02	0.8794
edu	8 a 11	0.2737	0.2444	-0.2053	0.7527	1.25	0.2628
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-0.0693	0.2508	-0.5608	0.4222	0.08	0.7822
edu	Ignorado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
cor	Amarela	-0.1248	0.1811	-0.4798	0.2301	0.48	0.4906
cor	Branca	0.1692	0.0368	0.0970	0.2414	21.08	<.0001
cor	Indígena	-0.2261	0.3096	-0.8329	0.3807	0.53	0.4652
cor	Parda	-0.0016	0.0384	-0.0768	0.0736	0.00	0.9667
cor	Negra	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
migra	5 a 9 anos	0.1712	0.0739	0.0265	0.3160	5.37	0.0204
migra	Ignorado	0.0155	0.0500	-0.0826	0.1136	0.10	0.7563
migra	Mais de 10 anos	0.0914	0.0301	0.0324	0.1504	9.22	0.0024
migra	Menos de 4 anos	0.2537	0.0665	0.1235	0.3840	14.58	0.0001
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	Conta própria	0.7287	0.6892	-0.6221	2.0795	1.12	0.2904
CHAVPO	Empreg. agrícola	0.7480	0.7956	-0.8113	2.3074	0.88	0.3471
CHAVPO	Empreg. doméstico	0.5444	0.6908	-0.8094	1.8983	0.62	0.4306
CHAVPO	Empreg. com carteira	0.6689	0.6895	-0.6825	2.0203	0.94	0.3320
CHAVPO	Empreg. sem carteira	0.7241	0.6891	-0.6264	2.0747	1.10	0.2933
CHAVPO	Empregador	1.3912	0.6907	0.0374	2.7450	4.06	0.0440
CHAVPO	Func. público	1.1097	0.6896	-0.2420	2.4614	2.59	0.1076
CHAVPO	Não remunerado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CONTRIBU	Contribui Prev Priv	-0.3948	0.1272	-0.6441	-0.1456	9.64	0.0019

Parameter		Estimate	Standard Error	Wald 95% Confidence Limits		Chi-Square	Pr > ChiSq
CONTRIBU	Contribui Prev Pub	-0.4937	0.0508	-0.5932	-0.3942	94.56	<.0001
CONTRIBU	Ignorado	-0.8556	0.0596	-0.9725	-0.7387	205.74	<.0001
CONTRIBU	ZContribui Prev Pub e Priv	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal	Sim	-0.0915	0.0345	-0.1591	-0.0239	7.03	0.0080
asubnormal	ZZZNão	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
Scale		0.6871	0.0077	0.6722	0.7024		

Fonte: *CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.*

Equação renda domiciliar per capita do trabalho – 2008
Município do Rio de Janeiro

Parameter		Estimate	Standard Error	Wald 95% Confidence Limits		Chi-Square	Pr > ChiSq
Intercept		5.8415	0.3021	5.2495	6.4336	373.98	<.0001
SEXO	Homens	-0.0443	0.0211	-0.0857	-0.0029	4.40	0.0358
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
fxage	0 a 4	0.4429	0.1403	0.1678	0.7180	9.96	0.0016
fxage	10 a 14	0.2392	0.0538	0.1337	0.3446	19.74	<.0001
fxage	15 a 19	0.1408	0.0496	0.0436	0.2380	8.06	0.0045
fxage	20 a 24	-0.0963	0.0519	-0.1980	0.0053	3.45	0.0632
fxage	25 a 29	-0.0950	0.0493	-0.1917	0.0016	3.71	0.0539
fxage	30 a 35	-0.1529	0.0476	-0.2461	-0.0597	10.34	0.0013
fxage	36 a 39	-0.0486	0.0531	-0.1526	0.0555	0.84	0.3605
fxage	40 a 44	-0.0634	0.0489	-0.1591	0.0324	1.68	0.1945
fxage	45 a 49	0.0122	0.0485	-0.0829	0.1073	0.06	0.8011
fxage	5 a 9	0.3843	0.1366	0.1166	0.6520	7.92	0.0049
fxage	50 a 54	-0.0014	0.0486	-0.0966	0.0939	0.00	0.9778
fxage	55 a 59	0.0062	0.0519	-0.0956	0.1079	0.01	0.9051
fxage	60 ou mais	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
edu	1 a 3	0.1819	0.2647	-0.3369	0.7007	0.47	0.4920
edu	12 ou mais	1.2293	0.2628	0.7143	1.7443	21.89	<.0001
edu	4 a 7	0.3322	0.2630	-0.1833	0.8476	1.60	0.2066
edu	8 a 11	0.5664	0.2621	0.0528	1.0801	4.67	0.0307
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	0.1847	0.2657	-0.3360	0.7054	0.48	0.4870
edu	Ignorado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
cor	Amarela	0.2047	0.1876	-0.1631	0.5724	1.19	0.2753
cor	Branca	0.4019	0.0335	0.3362	0.4675	144.09	<.0001
cor	Ignorado	0.2809	0.2667	-0.2419	0.8036	1.11	0.2923
cor	Indígena	0.1655	0.2264	-0.2782	0.6093	0.53	0.4647
cor	Parda	0.0777	0.0352	0.0088	0.1466	4.88	0.0272
cor	Negra	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
migra	5 a 9 anos	0.3398	0.0747	0.1935	0.4861	20.71	<.0001
migra	Ignorado	0.0255	0.0462	-0.0650	0.1161	0.31	0.5806
migra	Mais de 10 anos	0.1300	0.0305	0.0704	0.1897	18.23	<.0001
migra	Menos de 4 anos	0.3455	0.0661	0.2159	0.4752	27.30	<.0001
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	Conta própria	0.2973	0.1258	0.0507	0.5438	5.59	0.0181
CHAVPO	Desempregado	-0.2458	0.4019	-1.0335	0.5419	0.37	0.5408
CHAVPO	Empreg. agrícola	-0.3846	0.5157	-1.3953	0.6261	0.56	0.4558
CHAVPO	Empreg. doméstico	0.1005	0.1340	-0.1621	0.3630	0.56	0.4532

Parameter		Estimate	Standard Error	Wald 95% Confidence Limits		Chi-Square	Pr > ChiSq
CHAVPO	Empreg. com carteira	0.1031	0.1293	-0.1503	0.3566	0.64	0.4251
CHAVPO	Empreg. sem carteira	0.2164	0.1278	-0.0340	0.4668	2.87	0.0904
CHAVPO	Empregador	0.8262	0.1397	0.5523	1.1000	34.96	<.0001
CHAVPO	Func. público	0.4104	0.1310	0.1536	0.6672	9.81	0.0017
CHAVPO	Ignorado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	Inativo	0.2372	0.2403	-0.2337	0.7081	0.97	0.3235
CHAVPO	Não remunerado	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CONTRIBU	Contribui Prev Priv	-0.2867	0.1598	-0.5998	0.0265	3.22	0.0728
CONTRIBU	Contribui Prev Pub	-0.4797	0.0634	-0.6041	-0.3554	57.17	<.0001
CONTRIBU	Desempregado	-0.6919	0.3923	-1.4607	0.0770	3.11	0.0778
CONTRIBU	Ignorado	-0.8028	0.0737	-0.9473	-0.6583	118.60	<.0001
CONTRIBU	Inativo	-0.9525	0.2180	-1.3797	-0.5252	19.09	<.0001
CONTRIBU	ZContribui Prev Pub e Priv	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal	Sim	-0.2940	0.0301	-0.3531	-0.2349	95.11	<.0001
asubnormal	ZZZNão	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
Scale		0.8656	0.0070	0.8519	0.8795		

Fonte: *CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.*

Equação domiciliar per capita do trabalho
Município do Rio de Janeiro
Com dummy interativa FAVELA * ANO

Parâmetro			Estimativa	Erro Padrão	Wald 95% Limites de Confiança		Qui-Quadrado	Pr > Qui-Quadrado
Intercept			6.5558	0.2412	6.0831	7.0285	738.92	<.0001
SEXO	Homens		-0.0280	0.0080	-0.0436	-0.0123	12.22	0.0005
SEXO	Mulheres		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
fxage	0 a 4		0.4277	0.2580	-0.0780	0.9333	2.75	0.0974
fxage	10 a 14		0.4433	0.2288	-0.0052	0.8917	3.75	0.0527
fxage	15 a 19		0.2698	0.2287	-0.1785	0.7181	1.39	0.2382
fxage	20 a 24		0.1875	0.2288	-0.2609	0.6359	0.67	0.4125
fxage	25 a 29		0.1785	0.2288	-0.2699	0.6270	0.61	0.4352
fxage	30 a 35		0.1398	0.2287	-0.3085	0.5880	0.37	0.5412
fxage	36 a 39		0.1294	0.2289	-0.3191	0.5780	0.32	0.5717
fxage	40 a 44		0.1672	0.2287	-0.2811	0.6155	0.53	0.4648
fxage	45 a 49		0.2828	0.2288	-0.1656	0.7311	1.53	0.2164
fxage	5 a 9		0.4730	0.2578	-0.0323	0.9783	3.37	0.0665
fxage	50 a 54		0.4135	0.2288	-0.0349	0.8619	3.27	0.0707
fxage	55 a 59		0.5621	0.2289	0.1134	1.0108	6.03	0.0141
fxage	60 ou mais		0.7528	0.2285	0.3049	1.2006	10.85	0.0010
fxage	Ignorado		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
edu	1 a 3		-0.8086	0.0595	-0.9252	-0.6921	184.90	<.0001
edu	12 ou mais		0.5026	0.0587	0.3876	0.6177	73.36	<.0001
edu	4 a 7		-0.6399	0.0586	-0.7547	-0.5250	119.18	<.0001
edu	8 a 11		-0.2401	0.0582	-0.3541	-0.1260	17.02	<.0001
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano		-0.8584	0.0602	-0.9763	-0.7405	203.49	<.0001
edu	Ignorado		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
cor	Amarela		0.2941	0.0879	0.1218	0.4664	11.19	0.0008
cor	Branca		0.3835	0.0129	0.3582	0.4087	885.33	<.0001
cor	Ignorado		0.6474	0.1619	0.3301	0.9647	15.99	<.0001
cor	Indígena		0.1140	0.1041	-0.0901	0.3180	1.20	0.2737
cor	Parda		0.0251	0.0138	-0.0020	0.0521	3.30	0.0691
cor	Negra		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
migra	5 a 9 anos		0.1511	0.0307	0.0908	0.2113	24.16	<.0001
migra	Ignorado		0.0429	0.0189	0.0059	0.0799	5.16	0.0231
migra	Mais de 10 anos		0.0809	0.0110	0.0594	0.1024	54.28	<.0001
migra	Menos de 4 anos		0.2203	0.0289	0.1636	0.2769	58.05	<.0001
migra	Não imigrou		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	11		-2.5256	0.8218	-4.1364	-0.9149	9.44	0.0021
CHAVPO	Conta própria		0.1965	0.0468	0.1048	0.2882	17.62	<.0001
CHAVPO	Desempregado		-0.2900	0.1710	-0.6252	0.0452	2.88	0.0899
CHAVPO	Empreg. agrícola		-0.1713	0.2102	-0.5833	0.2407	0.66	0.4152
CHAVPO	Empreg. doméstico		-0.0097	0.0505	-0.1086	0.0893	0.04	0.8480

Parâmetro			Estimativa	Erro Padrão	Wald 95% Limites de Confiança		Qui-Quadrado	Pr > Qui-Quadrado
CHAVPO	Empreg. com carteira		0.0346	0.0487	-0.0609	0.1301	0.50	0.4778
CHAVPO	Empreg. sem carteira		0.1114	0.0478	0.0176	0.2051	5.42	0.0199
CHAVPO	Empregador		0.6207	0.0534	0.5161	0.7253	135.17	<.0001
CHAVPO	Func. público		0.2216	0.0493	0.1251	0.3181	20.24	<.0001
CHAVPO	Ignorado		0.1469	0.1361	-0.1198	0.4136	1.17	0.2803
CHAVPO	Inativo		0.0558	0.0889	-0.1184	0.2299	0.39	0.5304
CHAVPO	Não remunerado		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CONTRIBU	Contribui Prev Priv		-0.0861	0.0695	-0.2223	0.0500	1.54	0.2151
CONTRIBU	Contribui Prev Pub		-0.3428	0.0274	-0.3964	-0.2892	157.06	<.0001
CONTRIBU	Desempregado		-0.4420	0.1685	-0.7723	-0.1117	6.88	0.0087
CONTRIBU	Ignorado		-0.5256	0.0309	-0.5862	-0.4649	288.36	<.0001
CONTRIBU	Inativo		-0.4768	0.0823	-0.6381	-0.3156	33.59	<.0001
CONTRIBU	ZContribui Prev Pub e Priv		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal	Sim		-0.4910	0.0228	-0.5358	-0.4463	462.50	<.0001
asubnormal	ZZNão		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
anoo	1999		-0.1036	0.0128	-0.1287	-0.0785	65.21	<.0001
anoo	2001		-0.1394	0.0129	-0.1647	-0.1141	116.63	<.0001
anoo	2005		-0.1402	0.0130	-0.1657	-0.1147	116.15	<.0001
anoo	2008		-0.0619	0.0132	-0.0877	-0.0361	22.11	<.0001
anoo	91996		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	Sim	1999	0.0844	0.0321	0.0214	0.1473	6.90	0.0086
asubnormal*anoo	Sim	2001	0.0129	0.0329	-0.0517	0.0774	0.15	0.6958
asubnormal*anoo	Sim	2005	0.0391	0.0334	-0.0263	0.1045	1.37	0.2418
asubnormal*anoo	Sim	2008	0.0938	0.0342	0.0268	0.1609	7.53	0.0061
asubnormal*anoo	Sim	91996	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	1999	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2001	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2005	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2008	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	91996	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
Scale			0.8204	0.0027	0.8152	0.8257		

Fonte: *CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.*

Equação domiciliar per capita do trabalho
Município do Rio de Janeiro
Com dummy interativa FAVELA * ANO

Parâmetro			Estimativa	Erro Padrão	Wald 95% Limites de Confiança		Qui-Quadrado	Pr > Qui-Quadrado
Intercept			6.4743	0.3333	5.8210	7.1275	377.36	<.0001
SEXO	Homens		-0.0286	0.0089	-0.0461	-0.0112	10.31	0.0013
SEXO	Mulheres		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
fxage	0 a 4		0.3422	0.3450	-0.3340	1.0185	0.98	0.3212
fxage	10 a 14		0.3596	0.3237	-0.2748	0.9940	1.23	0.2665
fxage	15 a 19		0.1322	0.3237	-0.5021	0.7666	0.17	0.6829
fxage	20 a 24		-0.0033	0.3237	-0.6377	0.6311	0.00	0.9919
fxage	25 a 29		0.0127	0.3237	-0.6217	0.6472	0.00	0.9686
fxage	30 a 35		-0.0046	0.3236	-0.6389	0.6298	0.00	0.9888
fxage	36 a 39		-0.0044	0.3238	-0.6390	0.6302	0.00	0.9892
fxage	40 a 44		0.0231	0.3237	-0.6113	0.6575	0.01	0.9432
fxage	45 a 49		0.1031	0.3237	-0.5313	0.7376	0.10	0.7500
fxage	5 a 9		0.3756	0.3449	-0.3004	1.0516	1.19	0.2762
fxage	50 a 54		0.1226	0.3237	-0.5119	0.7571	0.14	0.7050
fxage	55 a 59		0.1640	0.3239	-0.4708	0.7989	0.26	0.6125
fxage	60 ou mais		0.1625	0.3236	-0.4717	0.7966	0.25	0.6156
fxage	Ignorado		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
edu	1 a 3		-0.6451	0.0636	-0.7698	-0.5204	102.83	<.0001
edu	12 ou mais		0.5042	0.0626	0.3814	0.6270	64.80	<.0001
edu	4 a 7		-0.5123	0.0626	-0.6349	-0.3897	67.04	<.0001
edu	8 a 11		-0.1829	0.0620	-0.3045	-0.0613	8.69	0.0032
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano		-0.6805	0.0645	-0.8070	-0.5541	111.34	<.0001
edu	Ignorado		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
cor	Amarela		0.3077	0.0950	0.1216	0.4939	10.50	0.0012
cor	Branca		0.4210	0.0142	0.3931	0.4490	874.61	<.0001
cor	Ignorado		0.7064	0.1749	0.3637	1.0491	16.32	<.0001
cor	Indígena		0.1939	0.1134	-0.0285	0.4162	2.92	0.0874
cor	Parda		0.0423	0.0152	0.0126	0.0720	7.77	0.0053
cor	Negra		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
migra	5 a 9 anos		0.2076	0.0327	0.1435	0.2716	40.32	<.0001
migra	Ignorado		0.1105	0.0216	0.0682	0.1529	26.15	<.0001
migra	Mais de 10 anos		0.1200	0.0126	0.0952	0.1447	90.37	<.0001
migra	Menos de 4 anos		0.2914	0.0309	0.2308	0.3520	88.83	<.0001
migra	Não imigrou		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	Conta própria		0.2967	0.0525	0.1939	0.3995	31.98	<.0001
CHAVPO	Desempregado		-0.2361	0.1996	-0.6274	0.1552	1.40	0.2369
CHAVPO	Empreg. agrícola		0.0242	0.2255	-0.4178	0.4663	0.01	0.9144
CHAVPO	Empreg. doméstico		0.0770	0.0560	-0.0328	0.1867	1.89	0.1693
CHAVPO	Empreg. com carteira		0.0987	0.0543	-0.0077	0.2051	3.30	0.0691

Parâmetro			Estimativa	Erro Padrão	Wald 95% Limites de Confiança		Qui-Quadrado	Pr > Qui-Quadrado
CHAVPO	Empreg. sem carteira		0.1933	0.0534	0.0886	0.2979	13.09	0.0003
CHAVPO	Empregador		0.8553	0.0590	0.7395	0.9710	209.86	<.0001
CHAVPO	Func. público		0.3430	0.0548	0.2355	0.4505	39.13	<.0001
CHAVPO	Ignorado		0.1721	0.1491	-0.1201	0.4644	1.33	0.2483
CHAVPO	Inativo		-0.1377	0.1037	-0.3409	0.0654	1.77	0.1839
CHAVPO	Não remunerado		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CONTRIBU	Contribui Prev Priv		-0.2125	0.0726	-0.3548	-0.0702	8.57	0.0034
CONTRIBU	Contribui Prev Pub		-0.4034	0.0286	-0.4595	-0.3474	199.13	<.0001
CONTRIBU	Desempregado		-0.5861	0.1965	-0.9713	-0.2010	8.90	0.0029
CONTRIBU	Ignorado		-0.6764	0.0324	-0.7398	-0.6129	436.17	<.0001
CONTRIBU	Inativo		-0.4106	0.0956	-0.5980	-0.2232	18.44	<.0001
CONTRIBU	ZContribui Prev Pub e Priv		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal	Sim		-0.4043	0.0247	-0.4526	-0.3559	268.80	<.0001
asubnormal	ZZNão		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
anoo	1999		-0.1372	0.0143	-0.1652	-0.1092	92.34	<.0001
anoo	2001		-0.1804	0.0144	-0.2085	-0.1522	157.83	<.0001
anoo	2005		-0.1828	0.0144	-0.2111	-0.1545	160.18	<.0001
anoo	2008		-0.0778	0.0147	-0.1065	-0.0491	28.18	<.0001
anoo	91996		0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	Sim	1999	0.0982	0.0349	0.0299	0.1665	7.94	0.0048
asubnormal*anoo	Sim	2001	0.0757	0.0359	0.0053	0.1460	4.44	0.0350
asubnormal*anoo	Sim	2005	0.0616	0.0364	-0.0097	0.1329	2.87	0.0905
asubnormal*anoo	Sim	2008	0.1443	0.0375	0.0709	0.2178	14.85	0.0001
asubnormal*anoo	Sim	91996	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	1999	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2001	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2005	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	2008	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo	ZZNão	91996	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
Scale			0.8501	0.0030	0.8443	0.8559		

Fonte: *CPS/FGV segundo microdados da PNAD/IBGE.*

Equação de anos de estudo
Município do Rio de Janeiro

Criteria For Assessing Goodness Of Fit			
Criterion		**Value**	**Value/DF**
Deviance		22206.1299	0.2257
Scaled Deviance		98415.0000	1.0004
Pearson Chi-Square		22206.1299	0.2257
Scaled Pearson X2		98415.0000	1.0004
Log Likelihood		-66383.4864	

Analysis Of Parameter Estimates									
Parameter			**DF**	**Estimate**	**Standard Error**	**Wald 95% Confidence Limits**		**Chi-Square**	**Pr > ChiSq**
Intercept			1	1.5034	0.1287	1.2512	1.7555	136.56	<.0001
SEXO	Homens		1	-0.0344	0.0032	-0.0407	-0.0281	114.73	<.0001
SEXO	Mulheres		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
fxage	10 a 14		1	-0.5534	0.1271	-0.8025	-0.3043	18.96	<.0001
fxage	15 a 19		1	0.1153	0.1271	-0.1338	0.3643	0.82	0.3645
fxage	20 a 24		1	0.2464	0.1271	-0.0027	0.4955	3.76	0.0525
fxage	25 a 29		1	0.2326	0.1271	-0.0164	0.4817	3.35	0.0672
fxage	30 a 35		1	0.2019	0.1271	-0.0471	0.4510	2.53	0.1121
fxage	36 a 39		1	0.1946	0.1271	-0.0546	0.4437	2.34	0.1258
fxage	40 a 44		1	0.1790	0.1271	-0.0701	0.4281	1.98	0.1590
fxage	45 a 49		1	0.1467	0.1271	-0.1024	0.3957	1.33	0.2485
fxage	5 a 9		1	-1.5400	0.1396	-1.8136	-1.2664	121.70	<.0001
fxage	50 a 54		1	0.1205	0.1271	-0.1286	0.3696	0.90	0.3430
fxage	55 a 59		1	0.0721	0.1271	-0.1771	0.3212	0.32	0.5708
fxage	60 ou mais		1	-0.0721	0.1270	-0.3211	0.1768	0.32	0.5701
fxage	Ignorado		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
cor	Amarela		1	0.2085	0.0359	0.1381	0.2790	33.65	<.0001
cor	Branca		1	0.2266	0.0052	0.2164	0.2368	1895.48	<.0001
cor	Ignorado		1	0.4152	0.1091	0.2014	0.6291	14.48	0.0001
cor	Indígena		1	0.1356	0.0433	0.0508	0.2205	9.81	0.0017
cor	Parda		1	0.0366	0.0057	0.0255	0.0477	41.67	<.0001
cor	Preta		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
migra	5 a 9 Anos		1	-0.1745	0.0118	-0.1977	-0.1514	218.44	<.0001
migra	Ignorado		1	-0.1359	0.0076	-0.1508	-0.1210	320.71	<.0001
migra	Mais de 10 Anos		1	-0.1437	0.0042	-0.1520	-0.1355	1175.23	<.0001
migra	Menos de 4 Anos		1	-0.1067	0.0122	-0.1306	-0.0828	76.61	<.0001
migra	Não imigrou		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	11		1	-0.2141	0.4754	-1.1459	0.7177	0.20	0.6525
CHAVPO	Conta-Própria		1	0.0089	0.0195	-0.0294	0.0471	0.21	0.6502
CHAVPO	Desempregado		1	0.0224	0.0200	-0.0168	0.0616	1.25	0.2636
CHAVPO	Empreg. Agrícola		1	-0.1908	0.0825	-0.3526	-0.0291	5.35	0.0208

Analysis Of Parameter Estimates									
Parameter			**DF**	**Estimate**	**Standard Error**	**Wald 95% Confidence Limits**		**Chi-Square**	**Pr > ChiSq**
CHAVPO	Empreg. Doméstico		1	-0.3388	0.0209	-0.3797	-0.2978	262.83	<.0001
CHAVPO	Empreg. com carteira		1	0.1106	0.0193	0.0729	0.1484	32.95	<.0001
CHAVPO	Empreg. sem carteira		1	0.0125	0.0199	-0.0266	0.0515	0.39	0.5320
CHAVPO	Empregador		1	0.2480	0.0214	0.2061	0.2900	134.43	<.0001
CHAVPO	Func. Público		1	0.3341	0.0198	0.2954	0.3728	285.94	<.0001
CHAVPO	Ignorado		1	-0.0712	0.0603	-0.1893	0.0469	1.39	0.2376
CHAVPO	Inativo		1	-0.0625	0.0190	-0.0998	-0.0252	10.77	0.0010
CHAVPO	Não Remunerado		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal	Não		1	0.3309	0.0075	0.3162	0.3456	1946.55	<.0001
asubnormal	Sim		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
anoo2	a2001 a 2004		1	0.0513	0.0101	0.0315	0.0712	25.62	<.0001
anoo2	b2005 a 2008		1	0.1554	0.0102	0.1355	0.1753	233.64	<.0001
anoo2	z1996 a 1999		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Não	a2001 a 2004	1	-0.0071	0.0109	-0.0284	0.0143	0.42	0.5170
asubnormal*anoo2	Não	b2005 a 2008	1	-0.0385	0.0109	-0.0599	-0.0171	12.45	0.0004
asubnormal*anoo2	Não	z1996 a 1999	0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Sim	a2001 a 2004	0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Sim	b2005 a 2008	0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Sim	z1996 a 1999	0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
Scale			1	0.4750	0.0011	0.4729	0.4771		

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Equação renda per capita
Município do Rio de Janeiro

Criteria For Assessing Goodness Of Fit			
Criterion		**Value**	**Value/DF**
Deviance		76485.6773	0.6872
Scaled Deviance		111349.0000	1.0004
Pearson Chi-Square		76485.6773	0.6872
Scaled Pearson X2		111349.0000	1.0004
Log Likelihood		-137087.9422	

Analysis Of Parameter Estimates									
Parameter			**DF**	**Estimate**	**Standard Error**	**Wald 95% Confidence Limits**		**Chi-Square**	**Pr > ChiSq**
Intercept			1	5.7081	0.2027	5.3109	6.1054	793.19	<.0001
SEXO	Homens		1	-0.0218	0.0052	-0.0321	-0.0115	17.24	<.0001
SEXO	Mulheres		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
fxage	0 a 4		1	0.1989	0.2186	-0.2295	0.6272	0.83	0.3629
fxage	10 a 14		1	0.2147	0.1959	-0.1693	0.5986	1.20	0.2732
fxage	15 a 19		1	0.0328	0.1958	-0.3510	0.4167	0.03	0.8669
fxage	20 a 24		1	-0.0650	0.1959	-0.4489	0.3188	0.11	0.7398
fxage	25 a 29		1	-0.0562	0.1959	-0.4401	0.3277	0.08	0.7742
fxage	30 a 35		1	-0.0897	0.1958	-0.4735	0.2942	0.21	0.6471
fxage	36 a 39		1	-0.0680	0.1959	-0.4520	0.3159	0.12	0.7284
fxage	40 a 44		1	-0.0395	0.1958	-0.4233	0.3444	0.04	0.8403
fxage	45 a 49		1	0.0731	0.1958	-0.3108	0.4569	0.14	0.7091
fxage	5 a 9		1	0.2099	0.2184	-0.2183	0.6380	0.92	0.3367
fxage	50 a 54		1	0.2323	0.1959	-0.1516	0.6162	1.41	0.2357
fxage	55 a 59		1	0.3423	0.1959	-0.0417	0.7263	3.05	0.0806
fxage	60 ou mais		1	0.5505	0.1957	0.1668	0.9341	7.91	0.0049
fxage	Ignorado		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
edu	1 a 3		1	-0.7703	0.0420	-0.8527	-0.6879	335.67	<.0001
edu	12 ou mais		1	0.6112	0.0416	0.5296	0.6927	215.81	<.0001
edu	4 a 7		1	-0.5982	0.0415	-0.6796	-0.5167	207.38	<.0001
edu	8 a 11		1	-0.1849	0.0413	-0.2659	-0.1040	20.04	<.0001
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano		1	-0.8488	0.0425	-0.9321	-0.7655	398.69	<.0001
edu	ignorado		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
cor	Amarela		1	0.2767	0.0618	0.1556	0.3978	20.06	<.0001
cor	Branca		1	0.3781	0.0085	0.3615	0.3947	1991.62	<.0001
cor	Ignorado		1	0.7146	0.1367	0.4467	0.9825	27.33	<.0001
cor	Indígena		1	0.1645	0.0700	0.0272	0.3017	5.51	0.0189
cor	Parda		1	0.0279	0.0091	0.0101	0.0458	9.43	0.0021
cor	Preta		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
migra	5 a 9 Anos		1	0.1387	0.0196	0.1002	0.1772	49.87	<.0001
migra	Ignorado		1	0.0308	0.0127	0.0060	0.0556	5.91	0.0150

Analysis Of Parameter Estimates									
Parameter			**DF**	**Estimate**	**Standard Error**	**Wald 95% Confidence Limits**		**Chi-Square**	**Pr > ChiSq**
migra	Mais de 10 Anos		1	0.0882	0.0072	0.0740	0.1023	149.21	<.0001
migra	Menos de 4 Anos		1	0.2081	0.0196	0.1696	0.2466	112.22	<.0001
migra	Não imigrou		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
CHAVPO	11		1	-2.4580	0.8295	-4.0838	-0.8321	8.78	0.0030
CHAVPO	Conta-Própria		1	0.2254	0.0342	0.1582	0.2925	43.31	<.0001
CHAVPO	Desempregado		1	-0.2251	0.0352	-0.2941	-0.1561	40.92	<.0001
CHAVPO	Empreg. Agrícola		1	0.0344	0.1386	-0.2371	0.3060	0.06	0.8038
CHAVPO	Empreg. Doméstico		1	0.0784	0.0363	0.0072	0.1497	4.66	0.0309
CHAVPO	Empreg. com carteira		1	0.2390	0.0338	0.1727	0.3053	49.87	<.0001
CHAVPO	Empreg. sem carteira		1	0.1402	0.0349	0.0717	0.2087	16.10	<.0001
CHAVPO	Empregador		1	0.7505	0.0377	0.6767	0.8244	396.63	<.0001
CHAVPO	Func. Público		1	0.3780	0.0348	0.3098	0.4461	118.13	<.0001
CHAVPO	Ignorado		1	0.2120	0.1074	0.0015	0.4226	3.90	0.0484
CHAVPO	Inativo		1	0.1201	0.0334	0.0546	0.1856	12.90	0.0003
CHAVPO	Não Remunerado		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal	Não		1	0.4395	0.0116	0.4166	0.4623	1424.35	<.0001
asubnormal	Sim		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
anoo2	a2001 a 2004		1	-0.1070	0.0157	-0.1377	-0.0762	46.36	<.0001
anoo2	b2005 a 2008		1	-0.0562	0.0158	-0.0871	-0.0252	12.62	0.0004
anoo2	z1996 a 1999		0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Não	a2001 a 2004	1	-0.0234	0.0170	-0.0567	0.0100	1.89	0.1697
asubnormal*anoo2	Não	b2005 a 2008	1	-0.0109	0.0171	-0.0444	0.0226	0.41	0.5239
asubnormal*anoo2	Não	z1996 a 1999	0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Sim	a2001 a 2004	0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Sim	b2005 a 2008	0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
asubnormal*anoo2	Sim	z1996 a 1999	0	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	.	.
Scale			1	0.8288	0.0018	0.8254	0.8322		

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

1.2 Regressões Logísticas

Regressão Logística de Acesso a Água Canalizada (Rede Geral de Distribuição) Município do Rio de Janeiro 1996 a 2008

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
Intercept		18.2671	0.4371	1746.91	**	.
SEXO	Homens	-0.0973	0.0477	4.17	**	0.91
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	.		1.00
fxage	0 a 4	-32.7876	0.2991	12014.3	**	0.00
fxage	10 a 14	-16.2954	0.1125	20967.0	**	0.00
fxage	15 a 19	-16.5552	0.1137	21206.7	**	0.00
fxage	20 a 24	-16.6579	0.1172	20213.0	**	0.00
fxage	25 a 29	-16.5609	0.1195	19191.5	**	0.00
fxage	30 a 35	-16.5015	0.1152	20503.3	**	0.00
fxage	36 a 39	-16.5346	0.1223	18279.3	**	0.00
fxage	40 a 44	-16.3900	0.1202	18588.7	**	0.00
fxage	45 a 49	-16.2223	0.1246	16963.9	**	0.00
fxage	5 a 9	-32.6745	0.2976	12057.0	**	0.00
fxage	50 a 54	-16.1621	0.1293	15636.0	**	0.00
fxage	55 a 59	-15.9711	0.1415	12731.9	**	0.00
fxage	60 ou mais	-15.7629	0.0000	.		0.00
fxage	Ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
edu	1 a 3	-0.4483	0.3289	1.86		0.64
edu	12 ou mais	0.8000	0.3355	5.68	**	2.23
edu	4 a 7	-0.0258	0.3265	0.01		0.97
edu	8 a 11	0.6372	0.3265	3.81		1.89
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-0.7730	0.3308	5.46	**	0.46
edu	ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
cor	Amarela	16.5296	1819.002	0.00		15091130.59
cor	Branca	0.6690	0.0617	117.39	**	1.95
cor	Ignorado	-0.2992	0.7413	0.16		0.74
cor	Indígena	1.2311	1.0079	1.49		3.42
cor	Parda	0.2540	0.0635	15.99	**	1.29
cor	Preta	0.0000	0.0000	.		1.00
migra	5 a 9 Anos	0.2774	0.1842	2.27		1.32
migra	Ignorado	-0.2714	0.1045	6.74	**	0.76
migra	Mais de 10 Anos	0.0848	0.0699	1.47		1.09
migra	Menos de 4 Anos	-0.1663	0.1487	1.25		0.85
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	.		1.00
CHAVPO	11	16.1626	26440.74	0.00		10454654.33
CHAVPO	Conta-Própria	0.0048	0.2836	0.00		1.00
CHAVPO	Desempregado	0.0856	0.2903	0.09		1.09
CHAVPO	Empreg. Agrícola	-1.3827	0.5774	5.73	**	0.25
CHAVPO	Empreg. Doméstico	-0.2694	0.2900	0.86		0.76
CHAVPO	Empreg. com carteira	0.3376	0.2819	1.43		1.40

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
CHAVPO	Empreg. sem carteira	0.0304	0.2893	0.01		1.03
CHAVPO	Empregador	0.1005	0.3384	0.09		1.11
CHAVPO	Func. Público	0.7828	0.3120	6.29	**	2.19
CHAVPO	Ignorado	17.0937	0.0000	.		26528552.52
CHAVPO	Inativo	0.3593	0.2768	1.68		1.43
CHAVPO	Não Remunerado	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal	Não	1.1904	0.0620	368.68	**	3.29
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo2	a2001 a 2004	1.9999	0.1349	219.87	**	7.39
anoo2	b2005 a 2008	1.8454	0.1276	209.07	**	6.33
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Não	-1.6784	0.1490	126.95	**	0.19
asubnormal*anoo2	Não	-1.3894	0.1437	93.51	**	0.25
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Regressão Logística de Acesso a Energia Elétrica
Município do Rio de Janeiro 1996 a 2008

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
Intercept		51.8713	15811.73	0.00		.
SEXO	Homens	-1.5905	0.6872	5.36	**	0.20
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	.		1.00
fxage	0 a 4	-29.3437	9415.725	0.00		0.00
fxage	10 a 14	-13.1085	1.5096	75.40	**	0.00
fxage	15 a 19	-14.9343	1.2802	136.08	**	0.00
fxage	20 a 24	-14.1912	1.5295	86.09	**	0.00
fxage	25 a 29	1.4427	2587.901	0.00		4.23
fxage	30 a 35	-14.1619	1.5032	88.75	**	0.00
fxage	36 a 39	-14.3296	1.5093	90.14	**	0.00
fxage	40 a 44	-14.8967	1.3363	124.27	**	0.00
fxage	45 a 49	1.7282	2670.742	0.00		5.63
fxage	5 a 9	-13.3479	9898.645	0.00		0.00
fxage	50 a 54	-14.1024	1.4581	93.54	**	0.00
fxage	55 a 59	-14.9721	1.2680	139.41	**	0.00
fxage	60 ou mais	-12.7256	0.0000	.		0.00
fxage	Ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
edu	1 a 3	-16.4968	12704.81	0.00		0.00
edu	12 ou mais	-1.1575	12839.25	0.00		0.31
edu	4 a 7	-15.4177	12704.81	0.00		0.00
edu	8 a 11	-14.0314	12704.81	0.00		0.00
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-16.4785	12704.81	0.00		0.00
edu	ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
cor	Amarela	16.0498	17313.10	0.00		9340288.74
cor	Branca	1.0736	0.5782	3.45		2.93
cor	Ignorado	17.8918	37831.02	0.00		58928747.07
cor	Indígena	16.3240	19996.08	0.00		12286646.73
cor	Parda	2.5300	1.0831	5.46	**	12.55
cor	Preta	0.0000	0.0000	.		1.00
migra	5 a 9 Anos	15.8448	5547.417	0.00		7608540.06
migra	Ignorado	-0.8336	1.1158	0.56		0.43
migra	Mais de 10 Anos	-0.3006	0.7370	0.17		0.74
migra	Menos de 4 Anos	15.9839	5591.792	0.00		8744186.54
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	.		1.00
CHAVPO	11	-17.9585	322706.0	0.00		0.00
CHAVPO	Conta-Própria	-14.4243	9415.724	0.00		0.00
CHAVPO	Desempregado	-15.5323	9415.724	0.00		0.00
CHAVPO	Empreg. Agrícola	1.4359	42190.77	0.00		4.20
CHAVPO	Empreg. Doméstico	-16.4162	9415.724	0.00		0.00
CHAVPO	Empreg. com carteira	-14.2432	9415.724	0.00		0.00
CHAVPO	Empreg. sem carteira	-16.1185	9415.724	0.00		0.00

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
CHAVPO	Empregador	0.1710	10678.45	0.00		1.19
CHAVPO	Func. Público	-0.2754	9809.046	0.00		0.76
CHAVPO	Ignorado	1.1386	0.0000	.		3.12
CHAVPO	Inativo	-15.5307	9415.724	0.00		0.00
CHAVPO	Não Remunerado	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal	Não	2.9705	1.0758	7.62	**	19.50
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo2	a2001 a 2004	18.0989	3838.634	0.00		72488642.31
anoo2	b2005 a 2008	0.0916	0.6315	0.02		1.10
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Não	-18.2759	3838.635	0.00		0.00
asubnormal*anoo2	Não	14.2467	1471.880	0.00		1539106.80
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Regressão Logística de Acesso Coleta Direta do Lixo
Município do Rio de Janeiro 1996 a 2008

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
Intercept		17.6330	0.6264	792.41	**	.
SEXO	Homens	-0.0353	0.0788	0.20		0.97
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	.		1.00
fxage	0 a 4	-32.5594	0.4386	5511.60	**	0.00
fxage	10 a 14	-15.8463	0.1817	7603.41	**	0.00
fxage	15 a 19	-15.9581	0.1914	6949.15	**	0.00
fxage	20 a 24	-15.9606	0.2044	6095.01	**	0.00
fxage	25 a 29	-16.0933	0.1991	6534.97	**	0.00
fxage	30 a 35	-15.8458	0.1988	6354.25	**	0.00
fxage	36 a 39	-15.8762	0.2080	5827.86	**	0.00
fxage	40 a 44	-15.3062	0.2317	4365.71	**	0.00
fxage	45 a 49	-15.6368	0.2112	5481.74	**	0.00
fxage	5 a 9	-32.4057	0.4342	5569.22	**	0.00
fxage	50 a 54	-15.5123	0.2252	4742.82	**	0.00
fxage	55 a 59	-15.2079	0.2547	3565.96	**	0.00
fxage	60 ou mais	-15.1199	0.0000	.		0.00
fxage	Ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
edu	1 a 3	-0.1992	0.4651	0.18		0.82
edu	12 ou mais	3.8600	0.8432	20.96	**	47.47
edu	4 a 7	0.2203	0.4617	0.23		1.25
edu	8 a 11	1.1917	0.4658	6.55	**	3.29
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-0.1599	0.4706	0.12		0.85
edu	ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
cor	Amarela	16.1922	2861.200	0.00		10769438.00
cor	Branca	0.7809	0.1048	55.57	**	2.18
cor	Ignorado	16.5571	6338.652	0.00		15511136.13
cor	Indígena	16.1273	3394.078	0.00		10092308.55
cor	Parda	-0.1217	0.0989	1.52		0.89
cor	Preta	0.0000	0.0000	.		1.00
migra	5 a 9 Anos	0.3645	0.2991	1.49		1.44
migra	Ignorado	-0.3916	0.1736	5.09	**	0.68
migra	Mais de 10 Anos	0.0127	0.1165	0.01		1.01
migra	Menos de 4 Anos	-0.1908	0.2315	0.68		0.83
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	.		1.00
CHAVPO	11	16.1027	43593.42	0.00		9847021.62
CHAVPO	Conta-Própria	0.2388	0.4081	0.34		1.27
CHAVPO	Desempregado	0.3167	0.4191	0.57		1.37
CHAVPO	Empreg. Agrícola	17.5708	6382.664	0.00		42745836.82
CHAVPO	Empreg. Doméstico	0.3437	0.4222	0.66		1.41
CHAVPO	Empreg. com carteira	0.8842	0.4102	4.65	**	2.42
CHAVPO	Empreg. sem carteira	0.2268	0.4172	0.30		1.25

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
CHAVPO	Empregador	0.7874	0.6401	1.51		2.20
CHAVPO	Func. Público	1.1222	0.5077	4.89	**	3.07
CHAVPO	Ignorado	17.5663	0.0000	.		42555642.77
CHAVPO	Inativo	0.7422	0.3951	3.53		2.10
CHAVPO	Não Remunerado	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal	Não	1.7504	0.0970	325.85	**	5.76
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo2	a2001 a 2004	1.5874	0.1521	108.98	**	4.89
anoo2	b2005 a 2008	1.4361	0.1442	99.19	**	4.20
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Não	-1.0876	0.1962	30.72	**	0.34
asubnormal*anoo2	Não	-0.5085	0.2042	6.20	**	0.60
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Regressão Logística de Acesso a Celular (alguém no Domicílio)
Município do Rio de Janeiro 1996 a 2008

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
Intercept		-0.6097	0.6921	0.78		.
SEXO	Homens	-0.1286	0.0191	45.36	**	0.8793
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	.		1.0000
fxage	0 a 4	3.2300	0.8732	13.68	**	25.2796
fxage	10 a 14	1.7504	0.6625	6.98	**	5.7571
fxage	15 a 19	1.3984	0.6624	4.46	**	4.0487
fxage	20 a 24	1.1826	0.6624	3.19		3.2627
fxage	25 a 29	1.2215	0.6625	3.40		3.3922
fxage	30 a 35	1.1437	0.6623	2.98		3.1382
fxage	36 a 39	1.1666	0.6627	3.10		3.2111
fxage	40 a 44	1.0758	0.6623	2.64		2.9324
fxage	45 a 49	1.1804	0.6624	3.18		3.2558
fxage	5 a 9	3.2227	0.8729	13.63	**	25.0961
fxage	50 a 54	1.1645	0.6625	3.09		3.2044
fxage	55 a 59	1.0390	0.6626	2.46		2.8265
fxage	60 ou mais	0.5826	0.6619	0.77		1.7906
fxage	Ignorado	0.0000	0.0000	.		1.0000
edu	1 a 3	-0.3282	0.1679	3.82		0.7202
edu	12 ou mais	1.3604	0.1685	65.17	**	3.8977
edu	4 a 7	-0.0209	0.1665	0.02		0.9793
edu	8 a 11	0.4755	0.1660	8.20	**	1.6088
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-0.4736	0.1692	7.83	**	0.6228
edu	ignorado	0.0000	0.0000	.		1.0000
cor	Amarela	0.3811	0.2199	3.00		1.4639
cor	Branca	0.4303	0.0289	221.24	**	1.5377
cor	Ignorado	0.3268	0.4109	0.63		1.3866
cor	Indígena	0.5810	0.2487	5.46	**	1.7879
cor	Parda	0.1505	0.0307	24.09	**	1.1624
cor	Preta	0.0000	0.0000	.		1.0000
migra	5 a 9 Anos	-0.1814	0.0668	7.38	**	0.8341
migra	Ignorado	-0.0425	0.0453	0.88		0.9584
migra	Mais de 10 Anos	-0.0568	0.0254	4.98	**	0.9448
migra	Menos de 4 Anos	0.0249	0.0717	0.12		1.0253
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	.		1.0000
CHAVPO	11	0.0000	0.0000	.		1.0000
CHAVPO	Conta-Própria	0.0641	0.1311	0.24		1.0663
CHAVPO	Desempregado	-0.2014	0.1338	2.27		0.8176
CHAVPO	Empreg. Agrícola	-0.3937	0.4778	0.68		0.6746
CHAVPO	Empreg. Doméstico	-0.1835	0.1362	1.82		0.8323
CHAVPO	Empreg. com carteira	0.1554	0.1301	1.43		1.1682
CHAVPO	Empreg. sem carteira	-0.0958	0.1334	0.52		0.9087

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
CHAVPO	Empregador	1.0793	0.1612	44.80	**	2.9426
CHAVPO	Func. Público	0.2888	0.1359	4.51	**	1.3348
CHAVPO	Ignorado	-1.4909	0.6317	5.57	**	0.2252
CHAVPO	Inativo	-0.1917	0.1282	2.23		0.8256
CHAVPO	Não Remunerado	0.0000	0.0000	.		1.0000
asubnormal	Não	0.8325	0.0354	553.94	**	2.2990
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.0000
anoo2	a2001 a 2004	-0.9494	0.0420	510.28	**	0.3870
anoo2	b2005 a 2008	0.0000	0.0000	.		1.0000
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.0000
asubnormal*anoo2	Não	-0.1972	0.0467	17.79	**	0.8211
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.0000
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.0000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.0000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.0000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.0000

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Regressão Logística de Acesso a Telefone Fixo
Município do Rio de Janeiro 1996 a 2008

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
Intercept		-1.1006	0.6151	3.20		.
SEXO	Homens	-0.0694	0.0154	20.29	**	0.93
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	.		1.00
fxage	0 a 4	-0.4836	0.6506	0.55		0.62
fxage	10 a 14	-0.1720	0.5951	0.08		0.84
fxage	15 a 19	-0.6044	0.5951	1.03		0.55
fxage	20 a 24	-0.9410	0.5951	2.50		0.39
fxage	25 a 29	-1.1007	0.5951	3.42		0.33
fxage	30 a 35	-0.9475	0.5950	2.54		0.39
fxage	36 a 39	-0.7561	0.5953	1.61		0.47
fxage	40 a 44	-0.6049	0.5951	1.03		0.55
fxage	45 a 49	-0.3589	0.5952	0.36		0.70
fxage	5 a 9	-0.2789	0.6503	0.18		0.76
fxage	50 a 54	-0.2667	0.5953	0.20		0.77
fxage	55 a 59	-0.0008	0.5955	0.00		1.00
fxage	60 ou mais	0.1470	0.5948	0.06		1.16
fxage	Ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
edu	1 a 3	-1.7537	0.1191	216.99	**	0.17
edu	12 ou mais	0.8539	0.1193	51.28	**	2.35
edu	4 a 7	-1.3264	0.1176	127.31	**	0.27
edu	8 a 11	-0.5152	0.1168	19.45	**	0.60
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-1.9491	0.1204	261.99	**	0.14
edu	ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
cor	Amarela	0.8389	0.1832	20.96	**	2.31
cor	Branca	0.7803	0.0239	1062.91	**	2.18
cor	Ignorado	0.5882	0.3790	2.41		1.80
cor	Indígena	0.3225	0.2091	2.38		1.38
cor	Parda	0.2209	0.0254	75.71	**	1.25
cor	Preta	0.0000	0.0000	.		1.00
migra	5 a 9 Anos	-0.2620	0.0561	21.79	**	0.77
migra	Ignorado	-0.2070	0.0370	31.35	**	0.81
migra	Mais de 10 Anos	0.0435	0.0219	3.96	**	1.04
migra	Menos de 4 Anos	-0.6983	0.0566	152.41	**	0.50
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	.		1.00
CHAVPO	11	16.6118	3578.366	0.00		16384372.00
CHAVPO	Conta-Própria	-0.0284	0.1003	0.08		0.97
CHAVPO	Desempregado	-0.1082	0.1025	1.11		0.90
CHAVPO	Empreg. Agrícola	-1.1599	0.4088	8.05	**	0.31
CHAVPO	Empreg. Doméstico	-0.3985	0.1058	14.19	**	0.67
CHAVPO	Empreg. com carteira	0.0363	0.0992	0.13		1.04
CHAVPO	Empreg. sem carteira	-0.2227	0.1022	4.75	**	0.80

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
CHAVPO	Empregador	0.7766	0.1193	42.34	**	2.17
CHAVPO	Func. Público	0.1914	0.1032	3.44		1.21
CHAVPO	Ignorado	0.5466	0.2829	3.73		1.73
CHAVPO	Inativo	0.2388	0.0979	5.96	**	1.27
CHAVPO	Não Remunerado	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal	Não	1.6897	0.0449	1414.59	**	5.42
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo2	a2001 a 2004	1.8489	0.0524	1244.89	**	6.35
anoo2	b2005 a 2008	1.9279	0.0524	1355.69	**	6.88
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Não	-0.4415	0.0556	63.12	**	0.64
asubnormal*anoo2	Não	-0.1862	0.0559	11.11	**	0.83
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Regressão Logística de Acesso a Financiamento de Moradia
Município do Rio de Janeiro 1996 a 2008

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
Intercept		-21.6133	0.3160	4678.78	**	.
SEXO	Homens	-0.0518	0.0277	3.49		0.95
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	.		1.00
fxage	0 a 4	17.5525	0.5301	1096.19	**	41972862.61
fxage	10 a 14	17.1451	0.0711	58217.9	**	27926690.46
fxage	15 a 19	16.9610	0.0664	65280.0	**	23231448.58
fxage	20 a 24	16.7082	0.0707	55837.0	**	18042272.60
fxage	25 a 29	16.6276	0.0728	52143.8	**	16644591.23
fxage	30 a 35	16.7493	0.0686	59697.5	**	18798543.46
fxage	36 a 39	16.8283	0.0729	53307.8	**	20344546.44
fxage	40 a 44	16.8484	0.0680	61308.7	**	20756277.79
fxage	45 a 49	16.8408	0.0682	60910.0	**	20600109.45
fxage	5 a 9	17.5632	0.5276	1107.95	**	42424584.64
fxage	50 a 54	16.6067	0.0731	51606.0	**	16299691.67
fxage	55 a 59	16.5897	0.0776	45728.3	**	16025323.22
fxage	60 ou mais	16.1591	0.0000	.		10419002.17
fxage	Ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
edu	1 a 3	-0.5668	0.1862	9.27	**	0.57
edu	12 ou mais	-0.0962	0.1802	0.29		0.91
edu	4 a 7	-0.3823	0.1812	4.45	**	0.68
edu	8 a 11	-0.1682	0.1789	0.88		0.85
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-0.7588	0.1917	15.67	**	0.47
edu	ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00
cor	Amarela	-0.0978	0.3044	0.10		0.91
cor	Branca	-0.2908	0.0452	41.41	**	0.75
cor	Ignorado	-16.6178	2396.102	0.00		0.00
cor	Indígena	-0.6638	0.5113	1.69		0.51
cor	Parda	-0.1218	0.0484	6.34	**	0.89
cor	Preta	0.0000	0.0000	.		1.00
migra	5 a 9 Anos	-0.2317	0.1252	3.42		0.79
migra	Ignorado	0.3349	0.0619	29.31	**	1.40
migra	Mais de 10 Anos	0.0747	0.0409	3.34		1.08
migra	Menos de 4 Anos	-0.2380	0.1201	3.93	**	0.79
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	.		1.00
CHAVPO	11	-16.7659	16037.12	0.00		0.00
CHAVPO	Conta-Própria	0.0470	0.1948	0.06		1.05
CHAVPO	Desempregado	0.1993	0.1978	1.02		1.22
CHAVPO	Empreg. Agrícola	-16.2336	2483.025	0.00		0.00
CHAVPO	Empreg. Doméstico	-0.1930	0.2159	0.80		0.82
CHAVPO	Empreg. com carteira	0.2337	0.1917	1.49		1.26
CHAVPO	Empreg. sem carteira	0.1826	0.1976	0.85		1.20

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
CHAVPO	Empregador	0.1182	0.2109	0.31		1.13
CHAVPO	Func. Público	0.6618	0.1935	11.69	**	1.94
CHAVPO	Ignorado	-0.0710	0.5537	0.02		0.93
CHAVPO	Inativo	0.1266	0.1899	0.44		1.13
CHAVPO	Não Remunerado	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal	Não	2.8453	0.1710	276.75	**	17.21
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
anoo2	a2001 a 2004	-0.7830	0.3254	5.79	**	0.46
anoo2	b2005 a 2008	-0.2222	0.2692	0.68		0.80
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Não	0.1779	0.3270	0.30		1.19
asubnormal*anoo2	Não	-0.6065	0.2713	5.00	**	0.55
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Regressão Logística de Contribuição à Previdência privada
Município do Rio de Janeiro 1996 a 2008

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
Intercept		-3.4999	1.0955	10.21	**	.
SEXO	Homens	0.4746	0.0348	185.80	**	1.60740
SEXO	Mulheres	0.0000	0.0000	.		1.00000
fxage	0 a 4	-22.9111	10163.59	0.00		0.00000
fxage	10 a 14	-0.8779	1.0658	0.68		0.41564
fxage	15 a 19	-1.2851	1.0619	1.46		0.27663
fxage	20 a 24	-1.1194	1.0588	1.12		0.32647
fxage	25 a 29	-0.4866	1.0575	0.21		0.61474
fxage	30 a 35	-0.0812	1.0569	0.01		0.92200
fxage	36 a 39	-0.0615	1.0574	0.00		0.94036
fxage	40 a 44	0.0772	1.0568	0.01		1.08024
fxage	45 a 49	0.1639	1.0568	0.02		1.17808
fxage	5 a 9	-22.9907	9673.440	0.00		0.00000
fxage	50 a 54	0.0869	1.0571	0.01		1.09078
fxage	55 a 59	0.0218	1.0576	0.00		1.02209
fxage	60 ou mais	-0.1727	1.0567	0.03		0.84140
fxage	Ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00000
edu	1 a 3	-1.1494	0.2941	15.27	**	0.31682
edu	12 ou mais	0.9561	0.2756	12.04	**	2.60156
edu	4 a 7	-1.0733	0.2815	14.54	**	0.34188
edu	8 a 11	-0.2429	0.2760	0.77		0.78434
edu	Sem instrução ou menos de 1 ano	-1.3541	0.3121	18.82	**	0.25819
edu	ignorado	0.0000	0.0000	.		1.00000
cor	Amarela	0.5316	0.3606	2.17		1.70169
cor	Branca	0.4469	0.0770	33.68	**	1.56338
cor	Ignorado	0.0844	1.0443	0.01		1.08804
cor	Indígena	0.7633	0.4068	3.52		2.14528
cor	Parda	0.1044	0.0853	1.50		1.11004
cor	Preta	0.0000	0.0000	.		1.00000
migra	5 a 9 Anos	0.3976	0.1268	9.84	**	1.48832
migra	Ignorado	-0.0677	0.0896	0.57		0.93457
migra	Mais de 10 Anos	0.1583	0.0440	12.95	**	1.17155
migra	Menos de 4 Anos	0.3045	0.1277	5.68	**	1.35589
migra	Não imigrou	0.0000	0.0000	.		1.00000
asubnormal	Não	-0.0013	0.1099	0.00		0.99869
asubnormal	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00000
anoo2	a2001 a 2004	-1.4763	0.2471	35.70	**	0.22847
anoo2	b2005 a 2008	-0.4184	0.1643	6.49	**	0.65807
anoo2	z1996 a 1999	0.0000	0.0000	.		1.00000
asubnormal*anoo2	Não	1.0916	0.2514	18.86	**	2.97912
asubnormal*anoo2	Não	0.4255	0.1693	6.32	**	1.53043

Parâmetro	Categoria	Estimativa	Erro Padrão	Qui-Quadrado	sig	Razão condicional
asubnormal*anoo2	Não	0.0000	0.0000	.		1.00000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00000
asubnormal*anoo2	Sim	0.0000	0.0000	.		1.00000

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE

Bibliografia

AMADEO, E.; GILL, I.; NERI, M.C. **Assessing the impact of labor regulations on informal workers in Brazil**. In: GILL, I.; MONTENEGRO, C.; DOMELAND, D. (eds.). *Crafting Labor Policy: Techniques and Lessons from Latin America*. Oxford University Press, p. 67-95, 2002.

BESLEY, T. **"Property Rights and Investment Incentives: Theory and evidence from Ghana".** The Journal of Political Economy. oct. 1995. 103 v., no. 5, 903-937 p.

CAMARANO, A. A. (org.). ***Muito além dos 60*: os novos idosos brasileiros**. Brasília: IPEA, 1999.

CARVALHO, M. A. R. de. **Quatro vezes Cidade**. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1994.

CAVALLIERI, P. F. **40 Anos de Favelas na Cidade do Rio de Janeiro**, mimeo, Instituto Pereira Passos.

_____. **Favelas cariocas: mudanças na infra-estrutura**. In: Instituto de Planejamento Municipal, Secretaria Municipal de Planejamento, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. *Quatro estudos*. Rio de Janeiro, 1986.

COLEMAM. J. **"Social capital in creation of human capital". American Journal of Sociology".** 1988. 94 v., S95-S120 p.

CONNING, J**. "Group Lending, Moral Hazard and the Creation of Social Collateral".** University of Maryland at College Park: May.1996. Working Paper nº. 195

DE SOTO, H. **"O Mistério do Capital**". Rio de Janeiro: Record, 2000.

DEATON, A. S. **"The Analysis of Household Surveys: Microeconometric Analysis for Development Policy".** Baltimore: The Johns Hopkins University Press. 1997.

ECINF. **"Economia Informal e Urbana**". Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

FERREIRA, F. H. G.; LANJOUW, P.; NERI, M. C. **"A Robust Poverty Profile for Brazil Using Multiple Data Sources"**, in *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, Jan/Mar. 2003. 57 v. nº 2, 59-92 p.

FONTES, A. **"Ensaios sobre a Informalidade no Brasil"***.* 2009. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FOSTER, J. E.; J. GREER and THORBECKE, E. **"A Class of Decomposable Poverty Indices",** Econometrica, 1984. 52 v., 761-766 p.

HARRIS, J. R. and TODARO, M. **"Migration, Unemployment and Development",** *American Economic Review*, 1970. 60 v., 126-142 p.

JOHNSON, S.; MCMILLAN, J.; WOODRUFF, C. **"Property Rights and Finance**". *The American Economic Review,* Dec. 2002., 92 v., n. 5, 1335-1356 p.

LEVITT, S. D.; DUBNER, S. J. **Freakonomics: o lado oculto e inesperado de tudo o que nos afeta: as revelações de um economista original e politicamente incorreto**. Tradução: Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LITTLE, R. and RUBIN, D. **"Statistical Analysis with Missing Data"**, Hoboken, N.J.: Wiley, 2002.

MINCER, J. **Shooling, experience and earnings**. Nova York: NBER, 1974.

MONTEIRO, J. C. M.; ASSUNÇÃO, J. J**. "Outgoing the shadows: estimating the impact of bureaucracy simplification and tax cut on formality and investment,"** Rio de Janeiro: PUC, 2006. mimeo.

NERI, M. C. . **Trabalho e Condições de Vida nas Favelas.** In: Governo do Estado do Rio de Janeiro - Secretaria de Estado de Fazenda. (Org.). Coletânea I Prêmio SEFAZ-SEDEIS Finanças Públicas Desenvolvimento Econômico 2009. Rio de Janeiro: IETS, 2010, vp. 82-115.

NERI, M. C. **"Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas".** MPS: Brasília, 2003.

_____. **"Direitos Informais",** em *Coleção Previdência Social: Previdência, Assistência Social e Combate à Pobreza / Série Debates*. Brasília, mai. 2001. 3 v., 123 p.

_____. **"Os Empresários da Rocinha na Perspectiva do Microcrédito".** *O Mercado de Trabalho do Rio de Janeiro:* Conjuntura e Análise, jun. 2000b. nº. 8, 26-30 p.

_____. **"Políticas Estruturais de Combate à Pobreza no Brasil***", in Desigualdade e Pobreza no Brasil,* organizado por Ricardo Henriques, Rio de Janeiro, Dez. 2000, (b), 503-526 p.

_____. **Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas**. Brasília: MPS, 2003.

NERI, M. C. e GIOVANNI, F da S. **Negócios nanicos, garantias e acesso a crédito.** *Revista de Economia Contemporânea*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Set.-Dez. 2005. 9 v.

NERI, M. C. e MEDRADO, A. L. **"Experimentando Microcrédito: Uma análise do impacto do CrediAMIGO sobre o acesso a crédito".** Documentos Técnico-Científicos. Rio de Janeiro: Revista Econômica do Nordeste, Vol. 41. nº 01 – Janeiro-Março 2010. pág. 133 - 154

NERI, M. C., AMADEO, E. & CARVALHO, A. P. de. **"Assets, Markets and Poverty in Brazil",** *in Portrait of the Poor - An Assets-Based Approach*, organizado por Orazio Attanasio e Miguel Székely, Washington: IDB, 2001.

NERI, M. C., FERREIRA, F. e LANJOUW, P. ***A Robust Poverty Profile for Brazil Using Multiple Data Source****s* em *Revista Brasileira de Economia*, vol. 57, nº 2, p. 59-92, Rio de Janeiro, jan/mar 2003.

NERI, M.C., DART, S.T.; MENEZES, F.M.; KUME, L**. Em busca de incentivos para atrair o trabalhador autônomo à previdência social**: Nova Economia (UFMG) 2008.

NORTH, D. Institutions, **Institutional Change and Economic Performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

PERLMAN, J. **O Mito da Marginalidade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

PERO, V. **Mobilidade Social no Rio de Janeiro**. In: Nadya Araújo Guimarães, Adalberto Cardoso, Peter Elias e Kate Purcel. (org.). *Mercado de Trabalho e Oportunidades*. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2008, v. 1, p.

PERO, V. **O papel dos segmentos formais e informais no Rio de Janeiro**. In: SMTb / RJ (org.) *Mercado de Trabalho do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 1997.

PERO, V.; CARDOSO, A.; ELIAS, P. **Segregação Espacial e Discriminação no Mercado de Trabalho: O caso das favelas do Rio de Janeiro**. In: Nadya Araújo Guimarães, Adalberto Cardoso, Peter Elias e Kate Purcel (org.). *Mercado de Trabalho e Oportunidades*. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2008, v. 1.

RAMOS, G. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

RIBEIRO, L. C. Q. (org.); KAZTMAN, Ruben (org.). **A cidade contra a escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina.** 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008. v. 1. 367p.

SAINTIVE, M. B. **"Crédito Produtivo Popular: Origens Teóricas e o Caso VivaCred".** Dissertação de mestrado. Instituto de Economia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, W. G. **As razões da desordem**. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

SCHREINER, MARK. "**Informal Finance and the Design of Microfinance".** Development in Practice, 2001, 11 v., n. 5, 637-640 p.

SILVA, M. O. **Rio Nacional, Rio Local: Mitos e Visões Sobre a Crise Carioca e Fluminense.** Rio de Janeiro: SENAC, 2005. v. 1. 200p.

STIGLITZ, J. E. and WEISS, A. **Credit Rationing in Markets with Imperfect Information**. *The American Economic Review*, Jun., 1981, 71 v., n.. 3, 393-410 p.

URANI, A. **Trilhas para o Rio.** Ed. Campus Elsevier, 2008.

URANI, A.; FONTES, A.; AZEVEDO, L.; BURGI, S. **"Marolinha carioca – Crise financeira praticamente não chegou ao Rio".** IETS, Empreendedorismo do Rio de Janeiro: Conjuntura e Análise n. 5.

VALLADARES, L. do P. **Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VELLOSO, J. P. R e ALBUQUERQUE, R. C. **"Soluções para a questão do emprego".** José Olympio Editora, 2000.

VENTURA, Z. **Cidade Partida**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

WOOLDRIDGE, J. M. **Econometric Analysis of Cross-Section and Panel Data**. Ed. MIT, 2001.

YUNUS, Muhammad. **"O Banqueiro dos Pobres".** São Paulo: Editora Ática. 2006.

ZALUAR, A.; ALVITO, M. (orgs.). **Um Século de Favela.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 372p.